

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23259

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEGUNDA-FEIRA 11 JUNHO 90 70\$00

O DL com os Stones

Rock em Alvalade Fado em Alfama

Tocaram mais de duas horas, fizeram a festa que fora prometida e, no meio da apoteose, logo largaram para Barcelona, onde actuarão deseguida. Uma noite, a de ontem, que valeu pelos dias todos da

espera, mostrando Mick Jagger ainda em plena forma.

Antes, esteve o DL com Keith Richards numa casa de fados da cidade velha, e o famoso autor de «Satisfaction» não resistiu a

dedilhar alguns acordes «à portuguesa». É como consta nas págs. 15, 16 e 17, com o patrocínio de

TABAQUEIRA



Nuno Azevedo



Rui Vasco

Mea culpa

O DL errou. Na sexta-feira afirmámos, na primeira página, que a Assembleia da República tinha aprovado a realização de um inquérito à RTP para averiguar as condições profissionais dos jornalistas daquela empresa e a legitimidade de actuação do seu Conselho de Gerência. Tal não corresponde, em rigor, à verdade. Até à hora de fecho da nossa edição, o Parlamento preparava-se para votar uma proposta do PRD que apontava nesse sentido. Pelas informações obtidas pelo DL de diversas fontes, todos os partidos se preparavam para votar favoravelmente a proposta, ainda que o PSD, como referimos, exigisse a inclusão de uma adenda que tornava o inquérito extensivo aos anteriores conselhos de gerência. Tudo apontava pois para a votação favorável do inquérito à RTP. Daí que tenhamos - erradamente - afirmado a aprovação da proposta do PRD. A surpresa aconteceu já depois do fecho da nossa edição, ainda que não esteja em causa a realização do inquérito. Isabel Espada (PRD) recusou a adenda, sugerida pelo PSD, por «pretender legitimar actuações reprováveis da actual gerência da RTP através da actuação de outras». Os renovadores retiraram assim a sua proposta, preferindo o mecanismo regimental da subscrição do respectivo requerimento por 50 deputados, o que o torna obrigatório. As assinaturas estão já garantidas e o inquérito irá realizar-se.

Idêntico procedimento teve o DL relativamente à proposta do PSD de constituição de uma comissão de inquérito sobre alegadas concessões de favores ao PCP pelas autarquias de Loures e do Seixal. A proposta deveria ter sido votada também na manhã de sexta-feira e o nosso jornal apurou que, para além do PSD, também o PS e o CDS iriam votar a favor da iniciativa. Já depois do encerramento da edição daquele dia, a falta de um documento adiou a votação.

Errámos. Porque consideramos que não devem os jornais e os jornalistas camuflar os seus erros, aqui damos a mão à palmatória.

Peru: tecnocrata bate escritor

Enquanto no Peru o escritor Vargas Llosa já reconheceu a vitória de Fujimori, na Checoslováquia, o Fórum Cívico do Presidente Havel obteve a maioria absoluta e na Bulgária venceram os ex-comunistas, hoje socialistas.

Pág. 8



PORTE
PAGO

Soares fez um apelo à capacidade dos portugueses Págs. 2 e 3

Planos directores municipais vêm aí «a toque de caixa» Pág. 5

Crianças: abusos sexuais no meio familiar Pág. 11

Cais do Sodré: descarrilamento gerou atrasos Pág. 9

Estação do Rossio completa hoje cem anos Pág. 10

Mundial/90

Inglaterra - Irlanda põe polícia em campo

Apesar de já ter efectuado algumas prisões e de ter algum sucesso no combate aos "hooligans", a polícia italiana vai ter, logo à noite, o seu primeiro grande "jogo" do Mundial. Com efeito, o encontro Inglaterra-Irlanda está a suscitar toda a atenção da polícia e será um teste à segurança de uma prova que, em termos de resultados, deixou, por ora, argentinos e soviéticos na corda bamba.

Págs. 22, 23, 24, 25 e 26

Neves de Sousa comenta os jogos já realizados, concluindo ter havido «um piparote nos dinossauros»

O cineasta António-Pedro de Vasconcelos (hoje convidado pelo DL) considera que o Brasil-Suécia foi um bom pretexto para não ouvir os Stones

Sondagem DL/Euroteste

Os heróis do nosso quotidiano

Págs. 16, 17 e 18

Voltando-se do passado para o futuro, Mário Soares falou, nas comemorações do Dia de Portugal em Braga, da responsabilidade de todos nós no combate à ameaça ecológica e do grande desafio europeu

Apelo à capacidade dos portugueses nas vésperas de grandes desafios

Fugindo em absoluto ao tom passadista que as comemorações deste tipo por vezes sugerem, o discurso do 10 de Junho, proferido ontem em Braga pelo Presidente da República, é um apelo ao despertar da consciência dos portugueses pelo valor em si próprias e uma advertência «para as tarefas em que teremos de nos lançar no futuro próximo».

Mário Soares lembrou que sempre tentara despertar os portugueses «para o orgulho de uma grande ambição nacional», um desígnio que está perfeitamente ao nosso alcance, «se soubermos preservar a lucidez crítica e a coesão nacional, estimulando aquilo que nos une, como portugueses - em vez de acentuarmos o que nos divide e diminui - e não deixando perder o que conseguimos realizar - e tanto foi - nestes dezasseis anos que levamos de liberdade, na II República».

A institucionalização da democracia e a integração na

Comunidade Europeia, de pleno direito «abriram-nos pistas e horizontes que só por grande inépcia ou falta de senso não aproveitaríamos», disse o Presidente da República, acrescentando que, «graças à evolução positiva que Portugal viveu, desde o 25 de Abril, temos hoje abertas, como raros países, as portas do futuro».

Portugal no interior do turbilhão

As grandes mudanças que se processam no mundo e a sua «prodigiosa rapidez», foram objecto de uma reflexão do Presidente da República, que se referiu à forma completamente diferente como se põem hoje os problemas na Europa e no Mundo. «Temos de compreender, colectivamente, que aquilo que se conseguiu, até agora, pode ser posto em causa, se não soubermos evoluir ao ritmo do tempo e responder satisfatoriamente aos novos desafios, que se nos põem como nação e que,

em si mesmos, são exaltantes, mas que revestem perigos e nos causam preocupações que não devemos ignorar».

O Presidente da República lembrou que a década de noventa marca o fim definitivo da guerra fria, dos conflitos ideológicos e da divisão do Mundo em blocos rivais político-militares, e que «a universalidade da democracia e dos direitos humanos tornou-se na Europa, do Atlântico às fronteiras da URSS, um dado adquirido que nenhuma nação ousa pôr em causa».

Sublinha, porém, que a internacionalização da economia, mesmo nos países até agora mais isolados, a re-

sponsabilidade colectiva em termos de defesa do ambiente - considerando o planeta como um todo, da nossa comum responsabilidade - e a internacionalização da informação, que se tornou instantânea e quase idêntica em todos os pontos do globo, «forçam-nos a considerar os problemas geo-estratégicos de modo muito diverso».

A união política europeia, servida por uma moeda única e por um banco central europeu comum aos Doze e as instituições supranacionais foram outros temas abordados por Mário Soares, para advertir que «Portugal, no interior desse turbilhão, não pode ignorar os desafios que lhe são postos, as ex-

igências e sacrifícios que lhe são requeridos, e também, em contrapartida, as perspectivas que lhe estão a ser abertas».

Contrabalançando essas preocupações, Soares disse, no entanto, que, «pela primeira vez, desde a época áurea dos Descobrimentos, Portugal volta a estar na vanguarda dos países em condições de marcar o futuro da Humanidade».

Não está em causa a identidade portuguesa

A parte algumas referências na parte inicial, todo o discurso do Presidente da República foi construído na base das grandes transformações em curso na Europa e no Mundo, e suas implicações no futuro colectivo dos portugueses. Lembrou que, no respeitante à Comunidade, não se trata já tão-só dos períodos de transição negociados para ajuda ao nosso desenvolvimento «que se aproximam, inexoravelmente, do seu termo», mas do choque da concorrência acrescida, a partir de noventa e três, da passagem do poder de decisão, em áreas fundamentais da nossa economia, para Bruxelas, através de directivas comunitárias aí decididas.

«Não só estrangeiros, cada vez em maior número, virão comprar as nossas terras e empresas. Profissionais de outros países comunitários virão concorrer com os nossos, e nós com eles, nos países deles. É a regra do

jogo, para a qual teremos de estar preparados».

Soares reconheceu que a União Económica e Monetária e a futura União Política, em termos ainda incertos, que estão a ser discutidos, «levarão necessariamente a limitações da nossa soberania e à modificação da própria estrutura do poder - do poder político e do poder económico - tal como nos habituámos a conhecer até aqui».

Acrescentou que «não temos, porém, alternativa», e que, no mundo de hoje, «as nações não podem viver isoladas e as que o estão pagam um preço elevadíssimo, de que as respectivas populações são as principais vítimas».

Foi a primeira vez que, embora sem excluir optimismo e justificar a importância e oportunidade da adesão de Portugal à Comunidade, Soares pôs no quadro todos os tons negros que a situação comporta. Lembrou, no entanto, que as transformações que estão a nascer, não são fáceis mesmo para os grandes, como a Alemanha, com o seu imenso potencial económico, a França ou o Reino Unido, por se tratar de «uma experiência nova jamais feita». Mário Soares afirmaria ainda que as transformações em curso na Europa, «de que haveremos que ser agentes, participantes activos, e não "seguidores submissos", obrigam-nos a um grande esforço de consciencialização nacional, mas «não está em causa a



Salgado Zenha agradeceu ao Presidente da República a Grã-Cruz da Ordem Liberdade que lhe foi imposta

Comemorações em Macau sem Dias Loureiro

O ministro dos Assuntos Parlamentares, Dias Loureiro, chegou a Macau, onde deveria representar o Governo nas comemorações do 10 de Junho, com um atraso de 24 horas, motivado por dificuldades de ligação aérea entre Londres e Hong Kong.

Na sua ausência, o discurso que deveria ter proferido na sessão solene comemorativa foi lido pelo chefe de gabinete do governador, Dias Loureiro sublinha nesse discurso a necessidade de haver estabilidade política, institucional e administrativa, como condição máxima da solidez do processo de transição da soberania do território.

«Macau - disse Dias Loureiro - há-de ser sempre um pedaço de nós, do coração dos portugueses e da alma de Camões».

O governador Carlos Melancia, no seu discurso, congratulou-se com «serena alegria» com o reatamento progressivo do diálogo entre a China e os restantes estados, que disse ser «desejável na perspectiva do povo chinês e da estabilidade de Macau», sublinhando o «papel moderador» que Portugal está a desempenhar para que esse diálogo readquira a normalidade.

Amália Rodrigues, que se deslocou ao território para realizar dois espectáculos, foi uma das 37 personalidades condecoradas pelo governador com a Medalha de Valor de Macau, tendo Carlos Melancia entregue também as insígnias a duas das 88 personalidades condecoradas a 10 de Junho pelo Presidente da República: o bispo da diocese local, D. Domingos Lam, e o empresário Stanley Ho.

Falar dos Descobrimentos no Dia de Portugal e de Camões

Uma colecção de 30 cartazes alusivos às viagens dos navegadores portugueses e ao seu encontro com diferentes civilizações de vários continentes constitui o material de uma exposição que ontem se inaugurou simultaneamente em 305 concelhos do País.

Além destas exposições, participação da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos nas celebrações do 10 de Junho juntou 120 mil participantes em prémios, concursos, regatas, provas desportivas e concertos de música dos séculos XV e XVI, estes integrados nas II Jornadas de Música dos Descobrimentos Portugueses e realizados em Óbidos, Palmela, Guarda e Évora.

Redacção «DL»/Lusa

Mensagem do primeiro-ministro às Comunidades

Defesa da Língua e da Cultura é prioridade do Governo

«O elo mais forte que nos liga, dentro e fora de Portugal, é a nossa Língua e a nossa Cultura» - afirma o primeiro-ministro Cavaco Silva, na sua habitual mensagem às comunidades portuguesas no estrangeiro a propósito do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades.

Esta afirmação justifica ser «um dos grandes objectivos do Governo» a defesa desses valores junto dos quatro milhões de portugueses espalhados pelo Mundo que coexistem com os dez milhões dos residentes em Portugal no «mundo universal português».

Mas o primeiro ministro disse também que outra prioridade do seu Governo é

conseguir uma «efectiva igualdade de direitos políticos entre os portugueses residentes e não residentes em Portugal», terminando por afirmar a sua convicção de que, com o apoio de uns e de outros, «venceremos os desafios deste final de milénio e que se continuará a reforçar o peso político, social e cultural das nossas comunidades».

Correia de Jesus assistiu a desfile em Newark

Um desfile alegórico em que participaram muitos dos 40 mil portugueses residentes em Newark, cidade a 60 quilómetros de Nova Iorque, percorreu Ferry Street durante várias horas, entre filas de multidão e os

leiteiros e anúncios de lojas com nomes portugueses.

O desfile em Ferry Street é a principal atracção dos tradicionais festejos do Dia de Portugal na cidade norte-americana que regista maior concentração de residentes portugueses e que este ano registaram a presença do secretário de Estado das Comunidades, Correia de Jesus, actualmente em viagem de contacto com as comunidades lusas do Canadá e dos Estados Unidos.

Correia de Jesus exortou os residentes portugueses a uma maior participação na vida política, social e comunal das sociedades de acolhimento, como forma de melhor defenderem aí os

seus legítimos interesses e a sua cultura.

Outras comemorações no estrangeiro

Outro membro do Governo, o ministro Couto dos Santos, este também presente junto de portugueses que comemoram a festa nacional em país de acolhimentos estrangeiro, neste caso, a África do Sul, onde presidiu às cerimónias levadas a efeito pela colónia portuguesa da Cidade do Cabo. A pianista Maria João Pires foi a grande figura da sessão cultural realizada pelos portugueses de Versalhes, enquanto em Orleães se debatia a universalidade da Língua Portuguesa.

Redacção «DL»/Lusa



identidade portuguesa, que é fortíssima, como a nossa longa história tem sempre demonstrado».

Considerou, todavia que, mesmo assim, é importante reforçar a coesão nacional, mediante o aprofundamento de uma democracia participada e da solidariedade.

«Não há coesão sem solidariedade, por forma a que

todos os portugueses se sintam cidadãos por inteiro, beneficiários do desenvolvimento, e de modo a que cada região se julgue justamente tratada em relação ao conjunto nacional».

Abrangendo na sua reflexão as comunidades portuguesas no exterior, Soares afirmou que, como todos os países de emigração, Portugal viveu demasiado tempo

obcecado pelas remessas enviadas pelos emigrantes, mas hoje, que a emigração está reduzida a muito pouco, importa inverter a situação, e sermos nós daqui a preocupar-nos com os nossos emigrantes, «sobretudo com os jovens lusodescendentes, promovendo-os nos países em que se encontram, às vezes na terceira e quarta geração, fornecendo-lhes os

meios de desenvolver a nossa língua e a nossa cultura».

Foi um discurso diferente daquele que se esperava, em que Soares, com uma ênfase que nunca tinha utilizado, colocou no quadro europeu, sempre pintado de cores exaltantes, os tons escuros que dele também fazem parte.

Augusto Vilela

Apesar do simbolismo

Comemorações não tiveram expressão popular

A Pátria, os seus valores e tradições, talvez não esteja em risco de se extinguir no imaginário dos portugueses, mas os seus símbolos, ou a maneira de os sentir, tendem provavelmente a exprimir-se por formas novas. Foram poucos os descendentes dos «varões apossados» que em Braga viveram este dia. Como manifestação colectiva de índole popular, as comemorações não tiveram a gradiosidade que a evocação do dia nacional de um país justificaria. A cidade não experimentou qualquer vibração especial.

Acaba por ser a componente cultural a marcar o momento mais importante. O Dia de Camões tem sido assinalado com a homenagem a um poeta, através da publicação da sua obra. Este ano foi a vez de Alexandre O'Neill. A sua obra já muito que se encontrava esgotada. A Imprensa Nacional encarregou-se da sua publicação. Inaugurações, escolhidas para este dia, ficam a marcar alguma coisa para os anos seguintes. A própria viagem de Mário Soares foi utilizada para a inauguração pela LAR das suas carreiras aéreas regulares para a capital do Minho.

O programa de sábado foi preenchido com a sessão solene de boas-vindas, no salão Nobre da Câmara Municipal e com a inauguração de um busto em homenagem póstuma do dr. Ferreira Salgado, terminando com um espectáculo de Rui Veloso.

Foi um programa leve e, ao contrário do que frequentemente acontece, não

teve atrasos. Deu mesmo tempo a que Mário Soares, na companhia do arcebispo de Braga e de outras personalidades, fosse tomar um refresco numa das esplanadas finas da cidade, onde alguns bracarense procuravam manter um certo distanciamento em relação à sua presença. Continuaram sentados como se nada se estivesse a passar. Um deles era presidente da Câmara de Terras do Bouro, célebre pela sua campanha para a abertura da fronteira da Portela do Homem - que teve, como primeira consequência, a desclassificação internacional do Parque Natural da Peneda-Gerez - e que não esboçou o mínimo gesto de saudação ao Presidente da República.

Ontem, depois de assistir a uma missa e Te Deum, na Sé de Braga, Mário Soares recebeu os habituais cumprimentos do corpo diplomático acreditado em Portugal, cuja deslocação a Braga provocou algumas dificuldades à organização, pelos problemas logísticos que envolve, numa cidade onde a capacidade hoteleira está ainda longe de responder às necessidades de um acontecimento deste tipo.

Seguiu-se a entrega dos prémios do Concurso Nacional de Saltos, um festival do paraquedismo e uma exibição da Alta Escola Equestre de Mafra.

A seguir ao almoço, oferecido pela Câmara Municipal de Braga no Casino do Bom Jesus, o Presidente da República inaugurou, no Mosteiro de Tibães, a exposição «Portugal no

Mundo», da responsabilidade da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos portugueses. O momento mais significativo do programa foi a sessão solene no novo Auditório Municipal - um excelente espaço com 1400 lugares - durante a qual foram impostas as insígnias a 88 personalidades e instituições, condecoradas ao longo de 1989 e 1990.

A sala encheu-se por completo e os presentes puderam assistir, entre outras coisas, aos fortes abraços de Mários Soares a Salgado Zenha e de Cavaco Silva a Eurico de Melo, ao tempo interminável que o primeiro-ministro levou para colocar a condecoração a Teresa Patrício Gouveia, aliás fortemente aplaudida pela assistência que, pela intensidade dos aplausos ia manifestando o seu grau de concordância em relação aos escolhidos, uma numerosa lista que incluía, desde personalidades da cultura, da medicina e da ciência e opositores da ditadura a antiquários.

A noite, o Presidente da República ofereceu um jantar no Parque de Exposições de Braga, e assistiu, rodeado por apreciável multidão, ao espectáculo «Só nós três», com Paulo de Carvalho, Fernando Tordo e Carlos Mendes. Mas o tempo não ajudou. A trovada que durante a tarde ameaçou a cidade ia-se aproximando. Os relâmpagos começaram a ser mais fortes que as luzes do palco.

A.V.

COMENTÁRIO

O dia da memória

O 10 de Junho deve provavelmente a uma incógnita histórica ser o Dia Nacional em Portugal. Soubesse-se a data do nascimento de Camões e seria ela certamente a escolhida, na lógica de que o nascimento de um génio é a origem remota da sua obra, enquanto a morte é definitivamente a culpada - se antes não o tiver sido o desencanto ou a doença - de tal obra não ter sido mais extensa. De qualquer modo, pacifista convicto que sou, prefiro ter a festa nacional do meu país ligada à memória de um poeta, mesmo sendo épico, do que à de qualquer batalha, como outros países têm.

Não sendo grandemente afectado por essa precaridade histórica, pelo simples facto de ela ser de todo irrelevante, o 10 de Junho sofre, no entanto, a concorrência de outras datas, tidas por alguns como mais significativas ou mais merecedoras da promoção. Nos momentos de maior exaltação revolucionária que sobrevieram ao derrube da ditadura, o 25 de Abril esteve a um passo de o substituir, acabando por vencer o bom senso de quem dizia que, nestas coisas, há que deixar o tempo alongar-se até à perspectiva histórica. Colhendo o 25 de Abril, provavelmente ainda hoje, simpatias de esquerda, é curioso que a extrema direita não se tenha apegado muito ao 10 de Junho, manifestando antes os seus fervores patrióticos a 1 de Dezembro.

Dos motivos da aversão às comemorações de ontem, generalizada em certos meios da nossa intelectualidade, não tem o 10 de Junho culpa nenhuma: nem de lhe terem, a dada altura, chamado «Dia da Raça», nem de o terem escolhido para a dramática procissão de estropiados, viúvas e orfãos com que, entre medalhas e discursos, se exaltava como honra suprema o inglório sacrifício da nossa juventude, numa guerra condenável e irremediavelmente perdida.

Estas antipatias pela data alastram, no entanto, nem que seja num plano subconsciente, ao que nelas se comemora, o que é bem mais grave, porque o que está em causa é, afinal, aquilo que consubstancia a nossa identidade nacional, o que constitui as nossas realizações como povo, aquilo que deixámos escrito na História.

O patriotismo, como expressão de orgulho desses valores, que não é, que não pode já ser, no mundo de hoje, uma obsessão de superioridade e domínio, mas um sentimento de concorrência, de convivência e de colaboração no engrandecimento da Humanidade, não pode simplesmente cair em desuso. Como sublinhou ontem o Presidente da República no discurso proferido em Braga, motivos absolutamente actuais tornam-no hoje e torná-lo-ão ainda mais amanhã, um sentimento necessário. No entusiasmo federalista em que a Europa aposta o seu futuro económico, sejamos cidadãos europeus, mas sem deixarmos de ser cidadãos portugueses. Não nos diluamos como povo que somos,

esquecidos da nossa identidade nacional e do que deixámos escrito na História - esquecidos, enfim, do que agora comemoramos a 10 de Junho, mas talvez sem termos conseguido esquecer o que, num passado já então distante, quiseram nele comemorar a mais.



Rui Camacho

POLÍTICA

Joaquim Mestre reforça Sampaio no Secretariado socialista

A ausência de Álvaro Bezeira na Comissão Política e a entrada de Joaquim Mestre para o Secretariado Nacional do PS foram as duas surpresas da última reunião da Comissão Nacional do partido, que em escassas duas horas enviou os militantes eleitos ao Congresso do Porto para o fim-de-semana, na manhã de sábado passado.

António Barreto não entrou para o Secretariado, como várias fontes já tinham assegurado, mas em compensação assistiu-se à chegada às luzes da ribalta de um alentejano tranquilo, companheiro de Jorge Sampaio em lides forenses e políticas, antes e depois do 25 de Abril, tido como influente conselheiro do líder: Joaquim Mestre.

Como se esperava, Alberto

Costa, Alberto Martins, Almeida Santos, Correia de Campos e Jaime Gama também alargaram o elenco do anterior Secretariado, tendo saído António Costa, como prova de que para este dirigente nacional o mais importante é conquistar a liderança da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL).

O nome de Soares em vão
Foi em vão que Álvaro Bezeira e Rui Oliveira e Costa invocaram o nome de Mário Soares para reivindicarem, em nome das tradições do PS, dois lugares efectivos na Comissão Política. Habitualmente formada através da aplicação do método de Hondt ao resultado das eleições para o Congresso Nacional, a Comissão Política deveria ter dois lugares para a sensibilidade

representada por estes militantes, doze para os apoiantes de João Soares e os restantes para a maioria saída do último Congresso. No fim, João Soares ficou com os doze lugares e Jorge Sampaio com os restantes trinta e nove.

João Ferraz de Abreu foi reeleito presidente do partido.

O adiamento de alguns congressos federativos para depois das férias de Verão constitui um entrave para a estratégia traçada por Jorge Sampaio, centrada na necessidade de virar o exterior todas as forças do PS, quanto mais depressa possível, contando com uma formação política organizada de alto a baixo para os combates eleitorais do ano que vem.

J.I.



Joaquim Mestre: um percurso político felto com Jorge Sampaio

POSTO DE ESCUTA

Discutir

«Aceitávamos discutir tudo na revisão da lei eleitoral. Mas a dupla votação era essencial. O eleitor votar pelo partido contra a pessoa, ou pela pessoa contra o partido. Há uma qualificação do voto que dá mais liberdade. Isso funciona sempre contra o partido»

Pacheco Pereira

Erro

«Acho que foi um grande erro que o PS fez e que tem uma origem semelhante aos erros do passado. O PS oscila entre as suas conveniências tácticas de curto prazo e as suas conveniências estratégicas e acaba por ser contraditório. Andou até 87 para saber se combatia o PRD e o PCP ou se ia aliar-se com eles. O mesmo acontece hoje»

Vasco Pulido Valente

Qualidade

«O controlo da opinião pública faz-se pela melhor qualificação da presença. O mecanicismo da presença administrativo é contraproducente. Não basta fazer obras públicas. Não há problema de mensagem. Há problemas de qualidade política»

Pacheco Pereira

Regionalização

«A regionalização? Há muitas coisas criminosas na Constituição. Já havia antes e foram mudadas. A regionalização do PS é uma burocracia monstruosa que não serve para nada»

Vasco Pulido Valente

Descentralização

«A regionalização não resolve os problemas do país e é um processo muito complicado. A descentralização é que é importante. Há poderes nas autarquias que podem ser descentralizados»

Pacheco Pereira

Assessores

«A nomeação dos assessores para a Câmara de Lisboa não é um caso de clientelismo desvairado, mas é grave. Um erro de Jorge Sampaio que sabendo que está numa montanha política devia ter mais cuidado. Foi má política e os erros pagam-se caro»

Vasco Pulido Valente

FLASH-BACK, «TSF - Rádio Jornal», domingos, 10.06.90. A semana vista por Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente. Coordenação de Emídio Rangel

B R E V E S

Setúbal espera governador

Luís Graça, vereador da Câmara do Montijo, é esta tarde recebido pelo ministro da Administração Interna, depois de ter sido indicado pela Assembleia Distrital do PSD para governador civil de Setúbal. O novo representante do Governo deverá tomar posse na próxima semana e vai substituir Irene Aleixo, nomeada Comissária Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza.

Eleição no INES aguarda Outono

O Conselho Geral do Instituto de Estudos Sociais (INES) adiou para o próximo Outono a eleição do seu presidente e vogais, fazendo coincidir essa escolha com o relançamento da actividade da instituição. A Direcção do INES é recebida amanhã pelo Presidente da República, para dar a conhecer a Mário Soares os princípios e o programa de actividades do Instituto.

Jardim Fernandes prepara alternativa

Com uma moção de estratégia intitulada «Preparar a Alternativa», a apresentar ao próximo Congresso do PS/Madeira, o secretário-coordenador desta estrutura, Jardim Fernandes, assume a sua candidatura à presidência do Governo Regional. O VII Congresso Regional dos socialistas madeirenses terá lugar no Funchal, nos dias 7 e 8 do próximo mês.

Jovens centristas debatem Leste

A Comissão Política Nacional da Juventude Centrista, em colaboração com o Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, promove hoje uma conferência-debate com o tema «As Reformas de Leste e a sua Repercussão em Portugal», contando com as intervenções de Adriano Moreira, Victor Constâncio e Álvaro Vasconcelos.

«Experiência do Mundo» com Soares no Porto

Mário Soares assiste hoje no Porto à terceira conferência do ciclo «Experiência do Mundo», proferida pela imunologista Maria Ângela de Sousa, catedrática do Instituto de Ciências Biomédicas da capital norte-nordeste. O ciclo citado tem sido promovido pela Presidência da República. O tema da exposição é «Experiência e Lições de um Mundo».

PSD revê programa e acerta contas

A reunião do Conselho Nacional do PSD, realizada no sábado passado, no Porto, não teve surpresas.

Com a corrida para as presidenciais a aproximar-se e já a pensar nas legislativas de 1991, os social-democratas decidiram abrir tréguas dentro do partido e parar para reflectir. Aproveitam este momento de maior união de esforços para actualizar as linhas teóricas do programa do partido e para acertar as contas.

O programa do PSD, a aprovação do Relatório e Contas, bem como a análise da situação política foram os três temas escolhidos para a ordem de trabalhos.

No que respeita às contas do partido, a única recomendação a destacar foi no sentido de se tomarem algumas medidas de austeridade nos gastos do PSD, tendo em conta as elevadas despesas nas próximas eleições.

A intervenção inicial de Durão Barroso mereceu rasgados elogios dos seus companheiros de partido, pela qualidade teórica com que defendeu as alterações programáticas. No debate deste tema destacaram-se também as intervenções de Pedro Roseta e de José Augusto Seabra, disse ao DL uma fonte do PSD.

Roseta ouviria mais tarde uma intervenção crítica de Durão Barroso, em resposta à já habitual tentativa do actual presidente da distrital de Lisboa de fazer discutir a atribuição de um canal à Igreja.

Também Mendes Bota não conseguiu fazer

passar a sua proposta sobre regionalização. Os dirigentes social-democratas alegaram que havendo já uma moção sobre regionalização, apresentada no Congresso, não valia a pena a discussão no Conselho Nacional. Quanto ao gendarmamento do debate no Parlamento na próxima sessão legislativa, a prudência política desaconselhou a iniciativa, tendo em conta a proximidade das eleições presidenciais, já que o debate da regionalização podia vir a beneficiar o principal adversário, o PS.

A longa intervenção de Cavaco Silva caracterizou-se pela crítica ao «repuxo de palavras» do líder socialista, Jorge Sampaio, e pelo reforço das linhas de intervenção política do PSD no Parlamento e na sociedade civil.

O presidente do Partido Social Democrata substituiu as críticas ao partido pelo elogio à actuação do grupo parlamentar e sublinhou a «recuperação» dos social-democratas em relação às últimas eleições autárquicas.

O PSD está pacífico a nível interno e «de mangas arregaçadas» para manter o poder. Quem esperava algum ressentimento entre Pedro Pinto e Pedro Roseta, devido à derrota sofrida pelo primeiro na distrital de Lisboa, terá ficado surpreendido pelo facto de o ex-deputado europeu ter cedido tempo a Roseta. Também em Lisboa os conflitos dormecidos. Uma fonte da distrital disse ao «Diário de Lisboa» que por agora «vamos aguardar que o homem apresente trabalho, depois se verá».

No Conselho Nacional do PSD o único sinal de expectativa vinha dos social-democratas que planeavam a ida ao concerto dos Rolling Stones. Pacheco Pereira, Leonor Bezeira, Durão Barroso e Luís Filipe Meneses estiveram ontem à noite em Alvalade. Trocaram a bancada dos VIP pela multidão, para recordar outros tempos.

M.J.R.



Cavaco Silva e Falcão e Cunha apelaram à contenção de despesas

POLÍTICA

Encontro promovido pela AAP lança o alerta

Planos municipais a toque de caixa

O Governo caminhou do 80 para o oito no domínio do ordenamento do território. A uma lei «super» exigente sobre os planos municipais, sucedeu, em Março passado, um diploma exageradamente simplista, mas apertado nos prazos de apresentação. A controvérsia em torno deste decreto-lei - o 69/90 - começou nos autarcas e prolonga-se entre os técnicos.

«A lei que temos, os planos que faremos» foi a designação do encontro sobre a nova legislação urbanística levado a cabo sexta e sábado em Lisboa pela Associação de Arquitectos Portugueses. Numa perspectiva multidisciplinar, o tema mereceu um debate aberto envolvendo arquitectos, juristas, engenheiros e urbanistas.

Se faltava «mote», num mar de questões polémicas, o secretário de Estado do Planeamento e Administração do Território atirou-o para a mesa logo na abertura dos trabalhos. «Prefiro que existam planos menos perfeitos, mas que existam», disse Nunes Liberato, acrescentando que o argumento do prazo apertado, denominador comum às críticas, continuaria a ser usado ainda que o Governo o prolongasse até 1993.

É por este «fio», com efeito, que os técnicos «puxam» a legislação. Ao abrigo do

decreto, os municípios que não apresentarem Plano Director (PDM) até final de 91, deixam de beneficiar da declaração de utilidade pública para expropriação. Esta ameaça, complementada com a de suspensão de fundos comunitários, levantou no encontro suspeitas de inconstitucionalidade, por susceptível de chocar com o Código de Expropriações.

Planos a «toque de caixa»

O problema, porém, está longe de se cingir ao legalismo. Em causa, para os diversos técnicos presentes, está a capacidade de elaborar os planos dentro do prazo. Por ora, dos 305 municípios do País, nem uma dezena já os possui. E, segundo Francisco Bruno Soares, ainda que todos tivessem aberto o processo em Março, os PDM só entrariam em plena eficácia em Julho de 1992, na perspectiva mais optimista do cumprimento dos trâmites necessários.

Claro que é possível ser mais lesto, como refere aquele engenheiro. Fazendo «gato sapato» da qualidade, da seriedade, da consistência. «Começam a surgir gabinetes um pouco por todo o lado, não se sabe bem de onde», disse Bruno Soares, para quem este estímulo ao trabalho «a toque de caixa» pode deitar a

perder a oportunidade de lançar as bases de um verdadeiro ordenamento do território.

Paralelamente, os participantes no encontro chamaram a atenção para as responsabilidades da Administração Central. Não estando ainda fixados os «princípios gerais de disciplina urbanística» previstos no diploma, os técnicos interrogam-se sobre os critérios de ratificação dos PDM. Por outro lado, não falta quem admita que os serviços da Administração Central não estão preparados para responder ao acréscimo de solicitações. «Algumas CCR's (comissões de coordenação regional) estão a delegar nos GAT's (gabinetes de apoio técnico) as suas atribuições», revelou o arquitecto Eugénio Graça.

Desarticulação

A excessiva flexibilização do processo é fortemente contestada pelos profissionais, desde logo pelo facto de o diploma se abster de caracterizar o perfil dos técnicos encarregados da elaboração dos planos municipais (director, de urbanização e de pormenor).

No entanto, porventura para dissipar suspeitas de reacção corporativa, põem ao mesmo tempo o dedo noutras feridas: a da desarticulação,

por exemplo. Determinada a elaboração de cinco Planos Regionais de Ordenamento, quase ultimado o do Algarve, como anunciou o secretário de Estado, não há nenhuma garantia que os PDM, de menor escala, se lhes adequem.

Aliás, a pressa do Governo na sua apresentação pode conduzir a situações caricatas como a descrita pelo vereador monárquico de Lisboa, Luis Coimbra. Longe de decidida a localização do futuro aeroporto (Ota ou Rio Frio), os dois municípios que poderão vir a recebê-lo, Alenquer e Palmela, têm de apresentar os planos. Acresce que nenhum deles deverá integrar a futura Área Metropolitana de Lisboa.

Mil críticas vieram ao de cima, nesta iniciativa em que participou também um representante da Associação de Municípios, José Amante, líder da Câmara de Ponte de Sôr, das poucas que já apresentou PDM. Uma síntese possível, lançou-a o jurista Osvaldo Gomes: «Interessados em planos estamos nós, alguns bem intencionados lá fora, alguns autarcas e uns quantos políticos em início de carreira. Assim se justifica que se façam muitos planos, mas poucos cheguem ao fim».

Paulo Martins

Novo texto para inquérito vinculativo

Isabel Espada vai especificar as responsabilidades da RTP

A deputada Isabel Espada começa hoje a recolher as assinaturas que vão tornar vinculativo e independente da vontade política da Maioria parlamentar o inquérito à RTP. Em função do desfecho do debate, na sexta-feira passada, a deputada do PRD propõe-se rever a fundamentação do inquérito, especificando as práticas e os actos de

gestão a inquirir, de modo a não diluir e branquear as responsabilidades do Conselho de Gerência actual na gestão anterior da empresa.

O PRD, de que Espada é porta-voz nesta matéria, tem asseguradas as 50 assinaturas necessárias à imposição do inquérito: elas foram disponibilizadas por todas as bancadas da Oposição -PS,

PCP, PRD, CDS, Verdes e deputados independentes. Mas devido à interrupção do trabalho parlamentar, a partir de amanhã e durante oito dias, é natural que o novo requerimento só seja entregue na primeira sessão plenária da próxima semana.

O novo pedido de inquérito vai assentar na nota de serviço nº 5 do Conselho de Gerência da RTP e suas consequências quanto à exclusividades e ameaça de despedimento de vários jornalistas e técnicos; deverá também investigar a situação dos tarefeiros no sector da Informação e pedirá à televisão esclarecimentos sobre os critérios de admissão de jornalistas, enquanto outros são colocados na prateleira. Isabel Espada pretende apurar, segundo nos informou, as violações do Contrato Colectivo de Trabalho dos Jornalistas e outras irregularidades imputáveis à gestão actual da RTP (nomeadamente eventuais actos censórios ou limitativos da liberdade de expressão). Mantém, ainda, a intenção de averiguar o tráfico de influências na Informação televisiva.

A Maioria parlamentar do PSD tinha acenado com o seu apoio ao inquérito mas condicionara-o à «averiguação da responsabilidade de anteriores Conselhos de Gerência» e à «avaliação comparativa sobre a evolução da situação». O PRD não concordou com esta extensão dos objectivos do inquérito e por isso retirou o seu texto primitivo para requerer, agora, o novo inquérito com o suporte das 50 assinaturas vinculativas.



Isabel Espada travou a tentativa de diluir responsabilidades do Conselho de Gerência da RTP

A M A R G E M

O SOCIALISMO DO FUTURO

«O Socialismo do Futuro»

Se outros méritos não tivesse a revista *O Socialismo do Futuro*, bastaria a inclusão de um artigo de Mikhail Gorbachev para a recomendar à leitura atenta dos que rejeitam ser espectadores do mundo contemporâneo. Isto não quer dizer que o seu texto contenha novidades relativamente ao seu pensamento; quer dizer que a inclusão de um texto de um dirigente soviético em publicação votada ao debate dos novos caminhos do socialismo representa só por si um significativo contributo para o varrer das gangas e o recuperar das essências.

Nos títulos dos artigos, a predominância da palavra «futuro» anuncia que os autores se entregam a uma prática até há poucos anos reduto de caturras: a de reflectir acerca do conceito de socialismo, com a ousadia de questionar dados adquiridos. No pântano teórico do epigonismo estalinista, uma revista assim consola: uma mais pela dúvida do que pela certeza, sinal de que há-de criar.

«As raízes dos impedimentos e barreiras que hoje em dia dificultam o enriquecimento das ideias são muito diferentes, mas trata-se, sem dúvida alguma, de um fenómeno que um observador imparcial não pode negar. Desta constatação dimana uma conclusão: o futuro do socialismo exige que se ponha fim a esse bloqueio. A melhor maneira de o conseguir é gerar uma discussão criativa, sem tabus nem limitações «sagradas» de nenhum tipo. Nesta discussão deverá existir a mais absoluta liberdade nas críticas e ninguém escapará ao questionamento, mesmo os clássicos do marxismo, na medida em que algumas das suas posturas possam ser erradas quando confrontadas com a prática, ou requeiram fórmulas novas e modernas; a discussão assim desenvolvida deverá ser capaz de provocar um «abalo», mesmo nos meios mais dogmáticos que não tenham perdido definitivamente toda a capacidade de conexão com a realidade. (...) Há obviamente coisas que nos separam, mas há uma coisa fundamental que nos une: a formação socialista da sociedade é o objectivo do nosso esforço».

Este passo da Declaração Programática do colectivo responsável pela revista — de que fazem parte, entre outros, Alfonso Guerra, Adam Schaff, Michel Rocard, Jorge Semprún, Giorgio Napolitano, João Cravinho, Manuel Azcárate, Norberto Bobbio, Fernando Claudín, Jean Pierre Cot, Régis Debray, Jean Elleinstein, Laurent Fabius, Pierre Joxe, K. S. Karol, Ernst Mandel, Ota Sik, Jordi Solé Tura e Alain Touraine, para citar acaso os mais conhecidos do público português — elucida bem sobre o que pretendem com *O Socialismo do Futuro*, a editar bianualmente pela Fundación Sistema, de Madrid, e por Publicações D. Quixote, em português. O preço de capa é de mil escudos e o futuro do socialismo vale-os bem.

Neste primeiro número acabado de sair, colaboram, além de Gorbachev, Alfonso Guerra (PSOE), Oskar Lafontaine (SPD), Adam Schaff (ex-POUP), Fernando Claudín (ex-PCE), Ernst Mandel (IV Internacional), Giorgio Napolitano (PCI), José Félix Tezanos (PSOE), Luciano Pellicani (director da revista *Mon-doperario*), Ulf Himmelstrand (Universidade de Upsala) e Andrzej Werblan (ex-POUP). Particularmente estimulantes os ensaios de Schaff («uma provocação intelectual e política», com «os problemas que deverão ser solucionados pelos movimentos socialistas contemporâneos»), Mandel, Tezanos e Himmelstrand.

J. P. O.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Braderode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegrafas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefex 3467134. Impressão na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/32204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FORUM

OS ANGOLANOS, A UNITA E A DESTRUICÃO DE ANGOLA

Tenho sido alvo de alguns comentários ácidos - ou pior - a respeito dos comentários que me merecem e continuarão a merecer a maneira como o Estado-Maior da Unita encara as suas relações com o Poder centralizado de Luanda e as populações angolanas.

Para muitos, a solução dos diferendos angolanos reside num acordo entre a Unita e o MPLA. Tal não é a minha posição, que alguns querem interpretar como sendo um apoio incondicional ao MPLA. Trata-se de um primitivismo interpretativo: o facto de se pôr a nu as violências da Unita não quer dizer que se apoie o inaceitável aparelho do MPLA.

Convém, todavia, distinguir: a Unita serviu de alavanca destruidora aos portugueses, como foi também o agente activo da África do Sul do *apartheid*. Quer dizer que, na prática política angolana actual, a Unita aparece não como a esperança, mas simplesmente como a certeza de que tudo continuará como antes. Direi mais: se não existisse a Unita, há já muito tempo que o MPLA teria sido obrigado a modificar a sua estrutura política.

Hoje, mais do que ontem, a Unita

precisa do MPLA, tal como este vive graças ao oxigénio político insuflado pela Unita. Situação que seria curiosa, se não fosse simplesmente perigosa. É nesta situação que se pode apreciar a nova vaga de destruições operadas pela Unita, não em favor de Angola ou dos angolanos, mas apenas em proveito do aparelho burocrático da Unita e do dr. (?) Jonas Savimbi.

Vejamos a situação com mais algum pormenor: a Unita considera o Governo actual de Angola como um simples usurpador, que deve ser expulso a ferro e sangue. Salvo que, como se pode verificar lendo o boletim em que a Unita celebra as destruições, só os angolanos perdem nesta situação. Quando a Unita destrói uma ponte em Angola, no Norte ou no Sul, essa obra de arte foi paga pelo trabalho dos angolanos e, quando for necessário reconstruí-la, vai ser obrigatório recorrer ao trabalho dos mesmos angolanos que terão de pagar a ponte.

Quando a Europa Ocidental celebra, com o músculo flácido das palavras, as acções cometidas pela gente da Unita, pergunto-me qual seria a nossa reacção se, aqui, entre nós, um grupo minoritário e armado pusesse em causa o Governo.

Será que ficaríamos contentes com o facto de esse grupo, em nome de uma democracia futura que ele não pratica, destruir metade do País?

Tal é, contudo, o que se verifica em Angola: os boletins triunfais da Unita dizem claramente que o país conta mais uns magros metros cúbicos de ruínas.

Talvez haja alguém que se congratule: por que não? Mas, do meu ponto de vista, o que me interessa são os angolanos: quando quero atravessar um rio, não o posso fazer porque a Unita destruiu a ponte. Irei ficar contente? Vale a pena confiar o corpo ao rio onde os crocodilos se aproveitam da destruição a que se entrega a Unita?

O primitivismo político desde falso movimento de libertação devia merecer uma atenção mais cuidada por parte dos democratas que o apoiam, simplesmente porque o Governo de Luanda se afirma marxista-leninista. Nem quero perder tempo a mostrar que esse Governo tem pouco a ver com as opções marxistas, tendo embora algumas com as do leninismo autoritário. No caso, penso

que se deve condenar o grupo falsamente democrata que não hesita em reduzir de maneira constante e impressionante, os bens de que dispõe a população angolana.

Creio que os amadores de cenas impressionantes, nos *media* mas também alhures, querem ruínas e sangue. A Unita é mais popular porque produz umas e outras. Mas haverá alguma solução dos problemas angolanos nessa maneira de destruir o que pode ainda servir o país?

Tal é a pergunta essencial. Não quero, nem por sombras, analisar as motivações de alguns meus amigos, provindos da FUA e do MPLA, que contam servir-se do aparelho da Unita para devorar o MPLA que os eliminou politicamente. Creio que não vale a pena.

Mas gostaria que os angolanos fossem poupados ao delírio dos homens políticos que só podem viver em função do Poder.

Já agora: quem prefere governar os mortos? Não será a Unita que semeia as minas, que mata seja quem for, comprometido ou não no político?



Alfredo Margarido

A VINGANÇA DE CALISTO ELÓI

Eça, porexemplo, tem sido, e de certo seria, se fosse hoje o caso de um qualquer centenário seu, fortemente comemorado.

Camilo, o centenário da sua morte passou outro dia, e o *Establishment* fez-lhe o cerco do silêncio.

É por que Eça nos diz, hoje, o que Camilo já não nos diz?

Ou será por que Eça dói, hoje, menos do que Camilo?

Mas poderá um Eça, dito implacável quanto a uma certa maneira de ser português, designadamente de ser politicamente português, doer menos do que um Camilo romântico, que vai da veemência ao sentido do trágico?

Digamos que a agressão de Eça é uma agressão controlada, devidamente homenageada e acedemizada.

E digamos que a agressão de Camilo é a agressão do mistério dos grandes sentimentos, de um portuguesismo que não se retroverte (o dele, do cosmopolitismo divertido para um português *fácil*), de um portuguesismo que,

ainda por cima, radica numa matriz ibérica.

Quando o nosso *Establishment* deixa cair e centenário de Camilo, quando o Estado deixa cair o centenário de Camilo, é isso um analfabetismo, uma deliberação ou um medo?

Será, possivelmente, no consciente do Poder, a declaração de que Camilo não tem utilidade política, em termos de política cultural, em termos de política *tout court*, em termos de 91.

Será, provavelmente, no inconsciente do poder, a declaração de que a emoção camiliana, o destino camiliano, o seu vazio providencial, o seu suicídio, os abismos da sua noite, não têm nada a ver com as categorias e o optimismo deste Poder, com o cartaz de projecto de vida e os slogans de valores que este poder afia, com a forma como este poder vê Portugal e se revê em Portugal.

Sendo, também, eventualmente, lá na base do inconsciente do poder, e da sua informação humanística, pelo menos propedêutica, a declaração do perigo que é, para um português,

ismo hoje apenas pintado de tecnocrático fresco, a denúncia camiliana, dramática, sarcástica, do portuguesismo essencial. É a vingança de Calisto Elói.

Sem anjo.

Só queda.

O provincianismo, o arrivismo, o lisboetismo, o europeísmo, o bruxelismo, o estrasburguismo, o secretário-de-estadismo, o ministristismo.

A incultura de um certo *know-how*.

O vazio ético de um certo moralismo.

A estreiteza humana de um certo supranacionalismo operativo. Eça também diz, e antecipa.

Mas Camilo, tal como Aquilino, tal como Agustina, dizem pela violência do contraste, da dimensão, da exigência.

Não saber este *Establishment* quem é Camilo, não saber o que é que Camilo representa, não saber o que é que Camilo representa de essencial e dramaticamente português, só pode ser — não querer saber.

Na estratégia de que Camilo é a noite do nosso, hoje, meio-dia, e de que os Descobrimentos e Pessoa são *marketing* cultural-comemorativo quanto basta.

Erro lamentável. Mesmo no

plano político imediato.

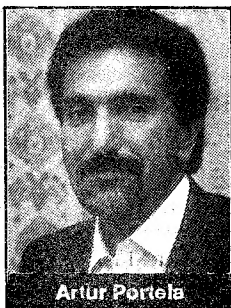
A Espanha, através de uma grande universidade que está aí a respirar na nuca do nosso Nordeste, sobre o ombro de duas das nossas Beiras, tem, ela, a grande inteligência cultural, mas também política, de comemorar o génio *peninsular* de Camilo. Coisa que, no Estado português, só o Presidente da República compreendeu. A ponto de ir assumir Portugal nessa comemoração ibérica do enormíssimo escritor português.

Pelo que este cerco de silêncio em redor do centenário da morte de Camilo — contra o qual lutam homens como Mário Soares, com o seu sentido de facto cultural de Estado, como Alexandre Cabral e Óscar Lopes, projecta a mediocridade e o medo.

Grita, este silêncio.

Mea Culpa

Na edição de quinta-feira passada, na página 5, identificámos a companheira de Álvaro Cunhal como Maria Barroso, em vez de Fernanda Barroso. Aos visados e aos leitores as nossas desculpas.



Artur Portela

INTERNACIONAL

Ieltsin apresentou o seu próprio plano de reformas económicas

Rússia em greve quer demissão do Governo de Rízhkov

Convocada pelo Partido Socialista da Federação russa, decorre hoje uma greve regional naquela república, para exigir a demissão imediata do Governo da União Soviética e a suspensão dos mandatos dos deputados que não foram eleitos por sufrágio universal.

Até ao fim da manhã ainda não era conhecido o nível de adesões à greve.

Mas, segundo os organizadores, a paralisação afecta sobretudo a bacia carbonífera de Donbass, na Sibéria, e também a região do Volga e dos Urais, zonas de grande importância industrial.

O Partido Socialista russo (PSR) estabelece nos seus estatutos uma acção activa nos comités de greve e nos sindicatos independentes, para além das actividades parlamentares.

O primeiro congresso do PSR está agendado para o próximo dia 20.

Este fim-de-semana, o Presidente da Rússia, Boris Ieltsin, defendeu um plano de reformas que no prazo de três anos para recuperar a economia daquela que é a maior das repúblicas soviéticas e teceu críticas ao plano quinquenal do Presidente Gorbachev.

Ieltsin pediu aos russos três anos para efectuar as reformas que considera necessárias e apelou em particular aos trabalhadores das minas de carvão para não enveredarem em greves desnecessárias, que possam conduzir a confrontações.

Falando num discurso televisionado,

Ieltsin teceu ainda duras críticas ao plano quinquenal do Presidente Gorbachev para estabelecimento de um sistema económico do tipo de mercado.

Ieltsin considerou que o plano de Gorbachev coloca todo o peso das reformas nas costas dos trabalhadores, enquanto a sua alternativa consiste em aplicar novas alavancas económicas.

economia de mercado na União Soviética, contrariando o plano governamental para medidas de transição.

Numa entrevista ontem publicada no jornal «New York Times», Nikolai Petrakov afirmou ter aconselhado pessoalmente Mikhail Gorbachev a abolir algumas agências reguladoras (de preços), criar uma bolsa de valores e privatizar a maioria das empresas estatais.

A criação de uma bolsa de valores, considerou Petrakov, iria estimular as pequenas empresas e estabelecer um sistema bancário independente.

Petrakov, que sublinhou ao «New York Times» estar a defender as suas próprias opiniões, disse haver um distanciamento entre os planos do Governo de Moscovo e os do Presidente Gorbachev.

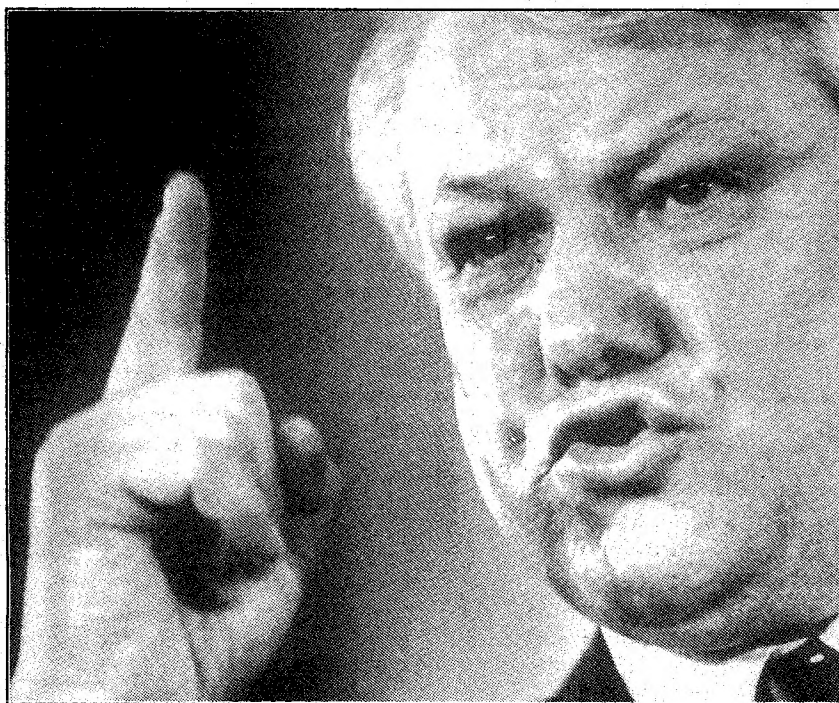
Delegação lituana em Moscovo

Uma delegação da república rebelde da Lituânia chegou hoje a Moscovo, para conversar com o primeiro-ministro

Kikolai Rízhkov.

A missão, encabeçada pela primeira-ministra Kazimiera Prunskine, encontrar-se-á também com o Presidente Gorbachev, que recusou negociar com a república báltica antes de esta abolir ou suspender a sua declaração de independência de 11 de Março.

Redacção «DL»/Lusa/AFP



Críticando o plano quinquenal de Gorbachev, Ieltsin apresentou o seu próprio programa de reformas económicas para a Federação russa

O dirigente reformista radical apelou ainda ao Parlamento da sua república, maioritariamente conservador, para que não entrave o processo de reformas que tenciona introduzir.

«Se predominarem os pontos em que o entendimento não possa ser atingido, voltar-me-ei para o povo, voltar-me-ei para o eleitorado», disse.

Um conselheiro económico do Presidente soviético defendeu, por seu turno, a «imediata» introdução da

Jaruzelski não sabe se continuará presidente

«Na Polónia a esquerda é muito fraca e um presidente que vem da esquerda é necessário para reforçar a existência pluralismo», afirma o presidente polaco W. Jaruzelski, numa entrevista publicada no jornal «El País», por ocasião da visita de três dias que hoje inicia a Espanha. O presidente que sobreviveu ao processo de democratização polaco não se quis pronunciar sobre a sua permanência no cargo, apesar de ter chegado a afirmar que acredita no apoio da maioria dos cidadãos à sua presidência. A sua permanência naquele cargo - disse ainda - dependerá dos resultados das eleições parlamentares a realizar, segundo a opinião dominante, na primavera do próximo ano. Em vista disso um grupo de intelectuais e militantes do Solidariedade anunciou recentemente a formação de uma coalizão política chamada «aliança para a democracia» para apoiar a o governo do actual primeiro ministro Tadeusz Mazowiecki. Entretanto, começam a avolumar-se as possibilidades de uma candidatura do líder do Solidariedade Lech Walesa para a presidência, eventualidade que ele desmentiu numa entrevista ao «Le Monde» publicada no sábado.

Redacção «DL»/AFP

Shevardnadze e Genscher discutem hoje aspectos externos da unificação alemã

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, e o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, discutem hoje os aspectos externos da unificação dos dois Estados alemães.

Foi Shevardnadze que convidou Genscher para a reunião de um dia na cidade de Brest, perto da fronteira com a Polónia.

Moscovo opõe-se à pretensão ocidental de que a Alemanha unificada pertença à NATO, pretendendo que se mantenha neutral ou se integre no sistema pan-europeu de segurança.

A semana passada, Genscher reunira-se já com Shevardnadze, à margem da reunião da Conferência sobre Segurança e Cooperação na

Europa (CSCE) que se realizou na capital da Dinamarca, para discutir o programa norte-americano de nove pontos sobre o futuro da Alemanha unificada.

Na mesma altura, o ministro alemão federal encontrou-se também com o secretário norte-americano de Estado, James Baker.

Embora o plano norte-americano sobre o futuro da Alemanha unificada não tenha sido divulgado publicamente, funcionários norte-americanos referem que inclui um acordo político entre a NATO e o Pacto de Varsóvia para diminuir os receios soviéticos em relação a uma ameaça vinda da Alemanha unificada filiada na NATO.

Entretanto o primeiro-

ministro alemão oriental, Lothar de Mazière, disse em Nova Iorque que a RDA não vai atrasar as propostas eleições conjuntas alemãs e defendeu que Berlim é a cidade mais apropriada para capital da Alemanha unificada.

Em entrevista à revista norte-americana «Newsweek», o chefe do Governo alemão oriental, que se encontra desde sábado nos EUA e ontem conferenciou com o Presidente George Bush na Casa Branca, realçou que «primeiro têm de ser resolvidos os problemas internos e externos» da unificação antes de se marcar uma data para a realização das eleições conjuntas.

Mas assegurou que a RDA «não pretende contribuir em

nada para o atraso do processo», cometando que o seu Governo está a trabalhar «entre 18 a 20 horas por dia».

Sobre a questão da inclusão da Alemanha unificada na NATO, Lothar de Mazière referiu que o adiamento da discussão sobre esse problema na recente cimeira americano-soviético pode ser encarado como «um sinal positivo».

«É de uma forma positiva que se deve encarar o facto de (os EUA e a URSS) terem dito que essa questão só pode ser analisada com os alemães, o que demonstra um claro respeito pelo direito de autodeterminação», disse de Mazière, na entrevista à «Newsweek».

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Maioria com 48 por cento Búlgaros votam nos ex-comunistas

Pela primeira vez, depois de 1946, os búlgaros votaram livremente este domingo para eleger os 400 deputados que constituirão o Parlamento. O acto eleitoral, definido como uma «festa» pelos cidadãos, registou uma afluência maciça da ordem dos 90 por cento e pode já ser considerado como um caso único dentro dos processos de democratização em curso no Leste.

De facto, segundo as projecções até agora feitas, a Bulgária, diferentemente da RDA, Hungria e Checoslováquia, ainda confia nos antigos representantes do Partido Comunista, convertido agora em Partido Socialista. Segundo as últimas projecções, o ex-comunista PSB obterá, nesta primeira volta para a eleição de 200 dos 400 deputados para o Parlamento, mais de 48 por cento dos sufrágios. A União das Forças Democráticas, principal movimento de oposição constituído por uma coligação de 16 partidos obterá 35,6 por cento das preferências, seguido pelos quase oito por cento que, conta-se, irá conseguir o Partido Agrário (centrista).

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Fórum Cívico tem maioria absoluta

Os checoslovacos decidiram recompensar os responsáveis pela «Revolução de Veludo» que em Novembro passado puseram fim, de forma pacífica, ao regime comunista. Nas eleições de sexta e sábado, as primeiras livres em 40 anos, o Fórum Cívico e a sua ala eslovaca Público Contra a Violência conseguiram a maioria absoluta, obtendo 169 dos 300 lugares em disputa. Surpreendentemente os segundos mais votados foram os comunistas, com 48 lugares, ultrapassando os 40 dos democratas-cristãos, a quem as sondagens davam o estatuto de segunda força política.

Para já, estas eleições têm como resultados práticos a continuação, por mais dois anos, do presidente Vaclav Havel e a constituição de um Governo de ampla coligação que reformará a Constituição e assegurará a transição para uma economia de mercado. O chefe deste Executivo deverá ser o actual primeiro-ministro, Marian Calfa, um ex-comunista «convertido» ao Fórum Cívico em Janeiro deste ano. Ficam de fora da coligação governamental, por determinação de Havel, quer os comunistas, quer os nacionalistas do Partido Nacional Eslovaco, acusados de práticas «fascistas» pelo presidente, pela forma como se manifestavam ruidosamente nos comícios do Fórum Cívico.

Segundo diversos observadores, a surpreendente votação dos comunistas deve-se sobretudo à fidelidade de velhos militantes, ao temor da abertura da economia por parte de sectores do operariado de grandes centros industriais e aos bons resultados que certas cooperativas agrícolas alcançaram.

Por outro lado, o excessivo moralismo e clericalismo dos democratas-cristãos, para além da descoberta nos últimos dias da campanha de que um dos seus principais dirigentes tinha colaborado com a polícia secreta dos comunistas durante 17 anos, parecem ter sido os factores determinantes para a sua decepcionante votação.

Redacção «DL»/AFP

INTERNACIONAL

Acordo afasta espectro da secessão

Canadá continuará com Quebec

Tudo indica que o primeiro-ministro Brian Mulroney conseguiu finalmente ultrapassar a crise constitucional que vem enfrentando na última semana e afastou a hipótese de secessão do Quebec da confederação canadiana. Na madrugada de sábado, os dez primeiros-ministros provinciais chegaram a acordo, permitindo que o Quebec se afirme como «sociedade distinta», respeitando as suas características francófonas. A 23 deste mês, os parlamentos das três províncias anglófonas que não reconheciam a «distinção», a Terra Nova, o Manitoba e o Novo Brunswick, vão ratificar a acordo estabelecido em 1987 no Lago Meech, impedindo o esfacelamento do país.

Ninguém tem dúvidas de que se não lhe fosse concedida a cláusula de «sociedade distinta», o Quebec entraria num processo irreversível para a independência. Com um quarto da população do

Canadá e com um PNB bastante significativo, equivalente, por exemplo, ao de um país como a Áustria, é a segunda província do país e os seus habitantes queixam-se cada vez mais do desrespeito às suas características linguísticas e culturais por parte dos restantes canadenses anglofonos. As últimas sondagens mostram que a grande maioria é favorável à secessão.

Constituição recente

A actual crise deriva do facto de o Canadá, após mais de um século de independência, não ter tido uma Constituição até 1982, devido, precisamente à fragmentação cultural e linguística da sua população. Só nessa altura se promulgou uma carta constitucional, tendo, no entanto, o Quebec reclamado que os seus interesses não estavam protegidos.

Em 1987, três anos depois da vitória do conservador

Brian Mulroney (ele próprio oriundo do Quebec), chegou-se a um acordo, que ficou conhecido pelo nome do local onde foi estabelecido, o Lago Meech, considerado pelos francófonos como o «mínimo» possível, para que o Canadá fosse um país de dualidade cultural e, nesse âmbito, o Quebec ficasse com o estatuto de «sociedade distinta». As restantes dez províncias anglófonas tinham até 23 de Junho de 1990 para ratificarem o acordo nos seus parlamentos.

Três delas, as menos importantes (a Terra Nova, o Manitoba e o Novo Brunswick), não queriam conceder este estatuto ao Quebec até sábado passado. Mesmo assim, o primeiro-ministro do Manitoba, Gary Flimond diz que promoverá audiências públicas para discutir a questão e Clyde Wells, primeiro-ministro do Governo liberal da Terra Nova, diz que só chegou a acordo para evitar

o esfacelamento do país e que vai submeter o texto de compromisso a um referendo na sua província.

Portanto, embora ultrapassada esta fase crítica, tudo indica que a crise do Quebec ainda vai conhecer novos desenvolvimentos. Por um lado, os habitantes da província francófona, confrontados com a possibilidade de se tornarem independentes, poderão caminhar cada vez mais na direcção da secessão. Por outro, diversos observadores acreditam que as dez províncias anglófonas se aproximarão cada vez mais dos Estados Unidos (com quem o Canadá assinou recentemente um tratado de livre comércio), a ponto de tentarem uma possível forma de integração, já que o Quebec funciona também como um traço «distintivo» de todo o país em relação aos norteamericanos.

Redacção «DL»/AFP

Vargas Llosa já reconheceu derrota

Fujimori vence no Peru

No Peru está confirmada a vitória de Alberto Fujimori, tendo Vargas Llosa já reconhecido a derrota. No entanto, só daqui a três semanas é que a Junta Eleitoral vai divulgar os resultados da contagem dos votos da segunda volta das eleições presidenciais que ontem se realizaram. A base para se saber quem é o novo presidente do país, que parece satisfazer todas as forças políticas, são as sondagens de boca de urna que dão 53 a 56 por cento dos votos para o filho de imigrantes japoneses, contra 44 a 46 ao escritor.

«Felicito Alberto Fujimori pela sua vitória (...) e desejo-lhe sucesso na difícil tarefa que lhe confiou o povo peruano», disse Vargas Llosa, discursando da sede da sua candidatura, perante centenas de apoiantes que gritavam «não, não», inconformados com a derrota daquele que era considerado favorito absoluto até à primeira volta, a 8 de Abril, quando foi surpreendido por este desconhecido engenheiro agrônomo cuja pouca notoriedade de que dispunha advinha da reitoria da Universidade de Lima que exerceu durante quatro anos.

O seu movimento Câmbio 90 tem uma difusa plataforma política baseada nas palavras de ordem «Honestidade, Tecnologia e Trabalho» que Fujimori nunca precisou durante a longa campanha eleitoral. No entanto, os observadores são unânimes em considerar que está mais   esquerda do que a FREDEMO de Vargas Llosa, tendo sido decisivo o apoio da esquerdista APRA do actual presidente Alan Garcia para a vitória nesta segunda volta.

O virtual presidente eleito, porém, não poupa a gestão aprista, que classifica de «desastrosa», responsabilizando-a pela caótica situação económica e social, a pior da história do Peru, demonstrada por uma inflação de mais de três mil por cento ao ano e pela constante ameaça do Sendero Luminoso que fez com que as eleições de ontem mobilizassem grande número de efectivos do exército. Mesmo assim, Fujomori, na sua proclamação de vitória, afirmou que vai governar o país a partir de 28 de Julho, data da posse, através da «concertação social».

Redacção «DL»/AFP

Automóveis Roig

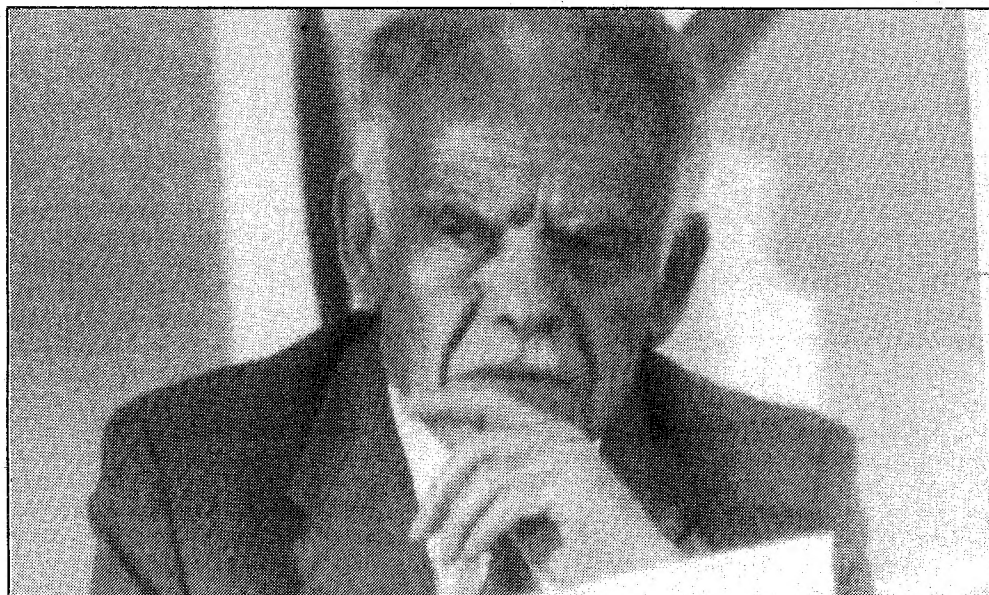
Av. da Maria Cristina, 36

Tarragona

43 002 Espana

Precisa

Nomear concessionário de automóveis para Portugal. Os Interessados podem dirigir-se à morada acima indicada.



Yitzhak Shamir, as dores de cabeça de um Governo de coligação

Shamir em dificuldades para apresentar novo Governo

Ytzhak Shamir, chefe do Governo israelita de transição, só apresentará hoje o novo Executivo para votação no Knesset (Parlamento) caso considere estarem reunidas as condições para a sua aprovação.

«Shamir só apresentará o seu novo Executivo quando tiver a certeza que obterá a maioria no Parlamento», afirmaram fontes do Conselho de ministros israelita à Agência France Presse (AFP). A poucas horas da reunião do Parlamento prevista para o início desta tarde, Shamir parece ainda não ter conseguido assegurar a posse do novo Governo, considerado o mais à direita asté hoje conhecido em Israel. A decisão final de Shamir deve ser anunciada ao princípio da tarde, à saída do encontro entre os principais dirigentes do Likud, que na hora de fecho desta edição ainda se encontravam reunidos.

As dificuldades de Shamir prendem-se com o facto de quatro deputados da coligação terem admitido publicamente que iriam votar contra o novo Executivo de Ytzhak Shamir, por este não ter cumprido com as suas promessas de, em troca do seu voto no Parlamento, lhes conceder um lugar no novo Governo.

A perspectiva de um Governo de direita vir a assumir a direcção do país está a preocupar os países árabes vizinhos assim como os sec-

tores políticos em Israel favoráveis a um diálogo israelo-árabe para a solução do conflito no Médio Oriente. Recorde-se que foi precisamente a recusa de Shamir em aceitar o plano paz do secretário de Estado norte-americano, James Baker, que esteve na origem da queda da coligação de União Nacional entre os trabalhistas de Shimon Peres e o Likud. A proposta de novo Governo que, segundo as previsões, deveria ser hoje votada no Knesset integra 11 membros do anterior Executivo. Segundo a AFP nalguns lugares chave do novo Governo encontram-se figuras como Moshe Arens, no ministério da Defesa, Ytzhak Modai, no ministério das Finanças e Ariel Sharon no ministério da habitação.

As primeiras reacções quanto à formação de um Governo apoiado por uma coligação de direita em Israel - entre o Likud e os partidos religiosos e de extrema direita - vieram do rei Hussein da Jordânia que, em entrevista concedida à AFP, declarou que o Executivo de Shamir é o pronúncia de tempos muito difíceis para o Médio Oriente. Telavive de ter «morto» as propostas de paz do secretário de Estado norte-americano, James Baker.

Redacção «DL»/AFP

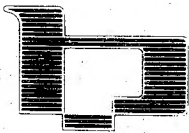
Libéria negoceia cessar- fogo

As negociações entre os rebeldes liberianos da Frente Patriótica Nacional (FPN) e o Governo de Samuel Doe estão «teoricamente programadas» para hoje, na embaixada dos Estados Unidos na Serra Leoa, informaram fontes do Departamento de Estado em Washington.

Os Estados Unidos pretendem, no entanto, manter uma certa distância em relação às negociações, afirmando que a sua decisão de acolher as delegações do Governo e da guerrilha liberianas na sua embaixada, em Free-town, se deve ao pedido do Conselho Nacional das Igrejas da Libéria (CNIL) no sentido de Washington dar «uma ajuda para facilitar as discussões». Segundo ainda o Departamento de Estado, o CNIL «continua a ter a responsabilidade da mediação » entre as duas partes em conflito.

O líder dos rebeldes, Charles Taylor, deu o seu acordo quanto a realização das negociações em Freetown, mas considerou que estas teriam apenas por objectivo a assinatura de um cessar-fogo, sob a condição do Presidente Samuel Doe renunciar ao Poder e entregá-lo ao FPN.

Redacção «DL»/AFP



ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE

**VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE**

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

- Peq. Suplemento p/ocupação single.
- 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telf. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

QUOTIDIANO

Três vias distintas para sindicatos portugueses

Defender o «seu» projecto sindical foi o que fizeram este fim-de-semana a UGT, a CGTP e a recém-criada CSI

O futuro do sindicalismo português esteve este fim-de-semana em discussão por três organizações diferentes: CGTP, UGT e CSI. Três caminhos distintos foram apontados, obviamente.

A Convenção Sindical Independente (CSI) foi formalmente constituída no sábado, sendo um dos seus princípios básicos a «promoção de uma ampla democracia interna que privilegie os aspectos eleitorais em detrimento das inerências, sempre no pressuposto da máxima liberdade sindical», segundo palavras de um dos seus promotores, João de Deus (também dos TSD).

Durante os trabalhos, em que foram aprovados os estatutos da nova organização, foi ponto de honra constituir uma estrutura diferente, que não caia nos «erros» das existentes. «Queremos um sindicalismo livre e democrático, onde as colorações partidárias sejam esbatidas e não tenhamos o compromisso das outras organizações sindicais», afirmou João de Deus,

numa clara referência à UGT e CGTP.

Aquele sindicalista adiantaria ainda que a CSI terá um modo de funcionamento diferente, onde as decisões serão tomadas após a aprovação pela maioria dos sindicatos, o que foi explicado pela «descrença dos projectos existentes, onde os processos de decisão estão nas mãos de uma ou duas pessoas».

A «rápida» constituição da CSI foi assumida pelo facto de os sindicatos independentes pretenderem ter um lugar no futuro Conselho Económico e Social (CES), que já está em discussão. E sabem que as duas centrais existentes não lhes facultarão facilmente a entrada.

Também a CGTP e a UGT fizeram este fim-de-semana a defesa dos seus projectos sindicais, aproveitando a realização de congressos de organizações nelas filiadas.

No discurso de encerramento do IV Congresso da FEPCES (Federação do Comércio, Escritórios e Serviços), Carvalho da Silva,

coordenador nacional da CGTP, afirmou que a central «está a ganhar a batalha da unidade. Não temos dúvidas que do lado da UGT não existe uma disposição séria para a unidade, como vinha sendo encenado. O protagonista da unidade é e sempre foi a CGTP». «Somos nós que podemos ser determinantes para a construção da unidade e vamos assumi-lo, tudo continuando a fazer para o conseguir», acrescentou.

Carvalho da Silva, referindo-se à acção da FEPCES, fez algumas afirmações importantes: «O sector tem que ser muito criativo. Aqui exige-se, mais do que em qualquer outro sector, o combate à rotina. Impõe-se uma autêntica sapatada em muitas situações».

Por sua vez, o presidente da UGT desafiou o Governo e os parceiros sociais a concretizarem uma «grande contratação social», que contemple a redução dos horários, as reformas e a inflação.

Pereira Lopes, que falava no final do III Congresso

Nacional do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, Serviços e Comércio (Sitiesc), que decorreu no Porto, trouxe novamente à discussão as vantagens da existência em Portugal de uma única central sindical, defendendo que «só assim os trabalhadores serão defendidos».

«O projecto político sindical marxista faliu, daí que tenhamos que abrir as nossas portas para dialogar, com o objectivo de desencadearmos uma grande campanha de sensibilização e sindicalização junto dos trabalhadores», afirmou, acrescentando que «a UGT tem um projecto político onde cabem todos os sindicalistas portugueses», pelo que «não tem que se fundir com quem quer que seja, porque isso significaria que não acreditávamos no nosso projecto».

«Chegou a altura de dizer não ao controlo político por parte do poder político, nem que seja do nosso próprio partido», disse Pereira Lopes.

E.A.

«Tempo» tem novo director

A administração da holding Horácio Roque (proprietária do semanário «Tempo») convidou Moreira da Cruz a demitir-se do cargo de director numa reunião realizada na passada quarta-feira, à tarde, por o considerar responsável por «graves erros» de gestão nas áreas de distribuição e publicidade. Os accionistas Horácio Roque, Almeida Santos, Sousa Gomes e Manuel Teles nomearam para o lugar de director o jornalista João Rosa, que exercia o cargo de director-adjunto desde Fevereiro. A edição da próxima quinta-feira será a última que sairá com o nome de Moreira da Cruz no cabeçalho. Os erros apontados a Moreira da Cruz na área da distribuição têm a ver com a queda para metade da venda do semanário desde que a Transpress, de Plácido Souto, se encarregou da distribuição. A administração do «Tempo» decidiu suspender o contrato com a Transpress há duas semanas. O semanário voltou então a ser distribuído pela Vasp.

O contencioso entre o «Tempo» e a Transpress está longe de ter chegado ao fim, devido à existência de dois cheques sem cobertura emitidos pela empresa de Plácido Souto que vão ser entregues hoje na Polícia Judiciária, acompanhados da respectiva queixa-crime.

Entretanto, a administração decidiu não renovar o contrato de trabalho com seis jornalistas, medida que se insere numa política de contenção de despesas.



Descarrilamento Um comboio proveniente de S. Pedro do Estoril descarrilou, esta manhã, ao entrar na estação do Cais do Sodré. O acidente não ocasionou qualquer dano pessoal. Segundo o director-geral da Linha de Cascais, engenheiro Cunha, «o facto deveu-se a um problema na agulha. Não se percebe muito bem porquê, uma vez que o comboio vinha a baixa velocidade». O descarrilamento, ocorrido às 9 horas e 20, provocou um atraso na circulação nesta linha ferroviária, que só retoma a normalidade, segundo os técnicos, durante a tarde.

Carris pára frota a 28

A Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru-CGTP) e o Sindicato dos Transportes Rodoviários e Afins (Sitra-UGT) entregaram à administração da Carris na passada sexta-feira um caderno reivindicativo comum, aguardando uma resposta até ao dia 20. Caso a empresa não atenda às exigências dos trabalhadores, as estruturas sindicais entregarão um pré-aviso para a realização de um plenário no dia 28 com recolha do material, o que significa a paralisação da frota. A iniciativa não coincidirá, assim, com a greve da Rodoviária Nacional, como chegou a ser equacionado pelos sindicalistas. Entretanto, segundo uma fonte sindical adiantou ao DL, Festru e Sitra decidiram aguardar pelos resultados da paralisação da RN dos dias 12 e 13 para avançar com mais três dias de greve daqueles trabalhadores que, a realizar-se, será na última semana deste mês.

Constituído o Conselho de Ética para as Ciências da Vida

O Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida foi constituído, nos termos da lei publicada no «Diário da República» com data de sábado passado. O novo órgão tem competência para analisar os problemas morais suscitados pelos progressos científicos nos domínios da biologia, medicina ou da saúde em geral e emitir os respectivos pareceres, quando lhes sejam solicitados. O Conselho é constituído, além do presidente, designado pelo primeiro-ministro, por sete personalidades da área da ciências humanas e sociais, outras sete da área de medicina ou da biologia e seis de reconhecida qualidade técnica e idoneidade moral, tendo em conta as principais correntes éticas e religiosas.

Milhares de crianças no Santuário de Fátima

Uma multidão calculada em cerca de 170 mil pessoas, incluindo 20 mil crianças de todo o País, assistiu, ontem, no Santuário da Cova da Iria, às celebrações da peregrinação nacional das crianças a Fátima. A peregrinação anual das crianças realiza-se desde 1977, a 9 e a 10 de Junho, registando um número crescente de participantes, não só de crianças como de adultos.

Choque de comboios provoca quatro feridos

Quatro pessoas ficaram feridas, sem gravidade, quando o comboio em que seguiam de Lisboa para Castelo Branco chocou com outro de mercadorias, junto ao apeadeiro da Tojeirinha, a 15 quilómetros daquela cidade beirã. O choque ocorreu ontem, cerca das 5,30 horas, quando o comboio de passageiros abalroou a composição de mercadorias que se encontrava parada no apeadeiro. Os feridos, que já tiveram alta, foram tratados no hospital de Castelo Branco. A circulação ferroviária ficou normalizada a partir das 16 horas de ontem.

Populares bloqueiam ramal Coimbra-Lousã

A circulação ferroviária no ramal Coimbra-Lousã, que ao princípio da manhã de ontem havia sido bloqueada por populares, foi restabelecida cerca das 15 horas, revelou a GNR. O conflito foi ultrapassado após o presidente da Câmara da Lousã e responsáveis da CP terem anunciado a realização de uma reunião, esta semana, com o governador civil de Coimbra, no sentido de resolver o problema criado com a decisão de encerrar o apeadeiro do Arneiro que serve as populações de Espinho, Cume, Moita, Reguengo, Fontainhas, Ribeira e Papanata e de inaugurar um novo apeadeiro no Meiral.



TOITORRES



TOYOTA

Os cem anos da Estação do Rossio

De objecto de celeuma a coqueluche dos lisboetas

Quem actualmente passa a vista por um objecto arquitectónico tão consensual como a Estação do Rossio não imagina a celeuma que rodeou a sua construção, rematada faz hoje precisamente um século, com uma cerimónia de inauguração que meteu foguetório e discursos.

Mas a verdade é que foi uma controvérsia pública pelo menos tão vigorosa como a travada em torno das torres das Amoreiras. Só que com uma diferença: o que estava

em causa não era tanto a traça do edifício, mas sim os custos da sua implantação em pleno centro de Lisboa, à custa da expropriação e demolição de casario, e também toda a reserva que há um século ainda reinava relativamente ao então novo meio de transporte.

O requinte arquitectónico da obra terá sido até uma forma de a fazer passar junto da opinião pública, ao arripio dos protestos dos proprietários das residências que houve que derrubar e dos

críticos das despesas de um empreendimento que punha problemas técnicos delicados para a época, como a abertura do túnel até Campolide.

Foi o arquitecto José Luís Monteiro quem delineou o edifício, por determinação tomada no reinado de D. Luís, que só se concretizaria no de seu filho D. Carlos.

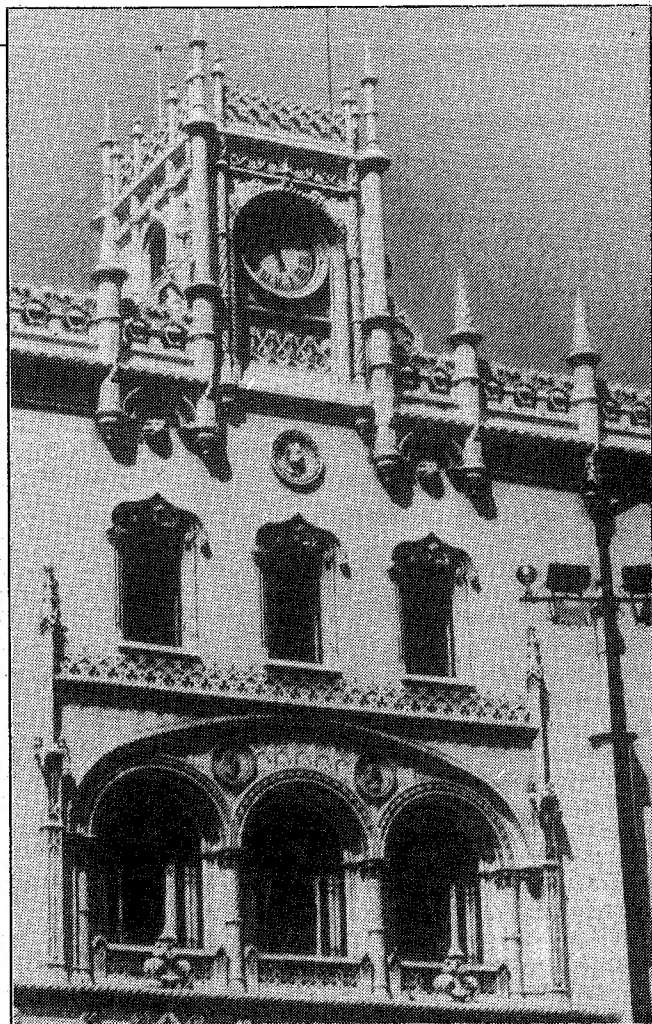
E, quanto ao estilo a adoptar, optou por uma recuperação do gótico monumental de mais gloriosas tradições em Portugal, ou seja, o man-

uelino.

«Tema habilmente extraído e desenvolvido daquele género de arquitectura», na expressão de um defensor coevo da obra, Luciano de Carvalho, a Estação do Rossio é composta por três corpos, o principal enfrentando a Praça D. João da Câmara, e o intermédio o Largo do Duque de Cadaval, dando as fachadas posteriores de ambos, dois andares acima daquelas artérias, para a gare. Quanto ao terceiro corpo, também fronteiro ao Largo do Duque de Cadaval, está encravado na encosta em cujo sopé o triplo imóvel se situa.

A delicadeza dos lavrados da frontaria, entre os quais se contam as balastradas das janelas e da torre do relógio e os altos relevos com os retratos de D. Luís I, do ministro das Obras Públicas do tempo, Fontes Pereira de Melo, e do inventor da locomotiva, Stephenson, não tardaram a silenciar os sarcasmos dos detractores da obra, que em breve se tornou um ponto de confluência dos passeios domingueiros, contribuindo, segundo autores do tempo, para o desvanecimento da apreensão provocada pelo comboio.

Resultante da determinação de se criar em Lisboa uma estação mais central do que a de Santa Apolónia, a Estação do Rossio, segundo escreveu Frutuoso Gaio, em «Apostamentos da História dos



Uma fachada inconfundível, na laboriosa cantaria do neo-manuelino

Caminhos de Ferro em Portugal», representava na viragem do século «um ponto de reunião das meninas casa-doiras» pois «passara a ser chique assistir ali à passagem dos comboios».

Mas não só a este inofensivo hábito se podem gabar de ter assistido as paredes da antiga Estação Central, que, em 1918, constituíram o palco de um dos mais sangrentos atentados políticos da história de Portugal, com Sidónio Pais, o controverso «presidente-rei», a ser mortalmente varado pelas balas do trespoucado José Júlio da Costa quando se preparava para seguir para o Porto.

Hoje, a tradição de convivência de lisboetas persiste na velha gare, cuja divisão interna foi alterada para nela caber um centro comercial. E se o verdadeiro turbilhão dos utentes que ali afluem, chegados ou de partida para os sete cantos do País como para arrebalde a dois passos de Lisboa, não tem parecença com o preguiçoso ritmo das viagens de há um século, a verdade é que poucos espaços da capital guardarão tão intacta a fisionomia com que nasceram, como este paradigma do neo-gótico oitocentista.

F.B.S.



Cem anos de comboios a chegar e a partir

Terça e quinta-feira não há recolha de lixo

Em virtude dos feriados de 13 e 14 de Junho, não se efectua a recolha de lixo nas noites de amanhã e quinta-feira, em Lisboa. No entanto, os contentores serão removidos

na quarta-feira. A partir do dia 15, os serviços voltarão a funcionar normalmente. A remoção dos resíduos hospitalares, que é feita de dia, apenas será afectada no feriado lisboeta.

Alterações ao trânsito na Segunda Circular

As obras de repavimentação, iniciadas no sábado, no troço da Segunda Circular, entre os viadutos de Campo Grande e Rotunda do Relógio, provocaram alterações no trânsito. Prevê-se que os trabalhos terminem em Setembro. Dada a extensão dos mesmos, a Câmara

Municipal de Lisboa vai realizar as obras por fases e no período nocturno, entre as 21 e as sete horas. Aos automobilistas é aconselhado que circulem com precaução e atendam às indicações dadas pela sinalização e polícias.

Programa de comemorações

Uma colecção de selos conta-se entre as iniciativas com que a CP vai comemorar o centenário da inauguração da Estação do Rossio, que hoje passa, disse ao DL um porta-voz da empresa.

A colecção, a emitir pelos CTT em Novembro, a pedido da CP, compreende quatro estampas, com perspectivas do edifício.

Também alusivo da efeméride, os CTT emitirão pela mesma altura um bloco filatélico.

O director das Relações Públicas da

CP, Américo Ramalho, enumerou outras iniciativas ainda sem data marcada, como uma exposição documental, a edição de uma brochura sobre a gare centenária e a cunhagem de uma medalha do escultor José Santa Bárbara, em fase de execução. Está também previsto que uma locomotiva de museu circule numa área reduzida da gare, integrada numa acção de animação para crianças.

A celebração dos cem anos da Estação do Rossio dará ainda azo à realização de concertos no próprio local.

MONUMENTAL DE

SANTARÉM

DOMINGO, 17 DE JUNHO ÀS 17.30 H. (cinco e meia da tarde)



VII CORRIDA "DESPERTAR" da RÁDIO RENASCENÇA

1.º GRANDE TROFÉU DA RÁDIO RENASCENÇA A SER DISPUTADO POR 6 FIGURAS DO TOUREIO

LUÍS MIGUEL VEIGA



ANTÓNIO TELLES



JOÃO MOURA



RUI SALVADOR



JOAQUIM BASTINHAS



LUÍS ROUXINOL



FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM Capitaneados por CARLOS GRAVE
6 TOIROS DR. ORTIGÃO COSTA 6 TOIROS

Bilhetes à venda: Lisboa • Rádio Renascença e Agência ABEP,
Vila Franca de Xira • Agência Arena, Santarém • Casa Abegão e Praça de Toiros

QUOTIDIANO

Secretismo do incesto encobre abuso sexual das crianças

Grande parte dos abusos sexuais infantis são patificados por familiares. Daí a extrema dificuldade de detectar estas situações. Cerca de 80 por cento dos casos não são denunciados.

Em média, as vítimas são do sexo feminino, têm entre os 8 e 10 anos de idade e encontram-se numa situação de vulnerabilidade e de dependência face ao agressor, que, na maioria dos casos, é um parente ou um conhecido. No futuro, há fortes probabilidades dessas vítimas virem a maltratar outras crianças, estabelecendo-se, assim, um círculo vicioso.

Em Coimbra, onde, no sábado, se realizou uma reunião científica sobre o abuso sexual infantil, tentou fazer-se uma avaliação deste problema, a partir das formas de apresentação dos abusos: serviços de pediatria dos hospitais, consulta de psiquiatria, Tribunal de Menores, centros de assistência social e institutos de medicina legal.

Segundo disse ao DL Francisco Allen Gomes, psiquiatra especializado em sexologia e organizador deste encontro, «a escassez dos recursos humanos e a falta de informação sobre estas questões» são os principais factores para a ocorrência destes casos. «Por outro lado, acrescenta, muitas vezes, a família nega este tipo de situação, o que torna muito difícil uma intervenção. Isto sem contar com preconceitos de ordem social em relação às vítimas».

As relações incestuosas surgem com mais frequência em Portugal do que nos outros países. O professor Pinto da Costa, do Instituto de Medicina Legal do Porto, afirmou ao DL que isto acontece por duas razões. «Em

primeiro lugar, o incesto não é crime. Por outro lado, a situação de conflito familiar relacionadas com o incesto são mínimas. Há uma aceitação quase generalizada da criança nascida do incesto, no seio familiar».

Perturbações mentais

Por abuso sexual infantil, entende-se «o envolvimento de pessoas mais velhas em actividades sexuais com crianças e adolescentes dependentes e imaturas que não compreendem essas práticas na sua totalidade, sendo incapazes de dar um consentimento informado e que violam quer as regras sociais aceites, quer os papéis familiares», sintetizou Ana Allen Gomes.

Os sinais de abuso são: sintomas anais ou urogenitais; perturbações emocionais e comportamentais; precoces e inadequados, fugas de casa e tentativas de suicídio.

A depressão/ansiedade/medo, mau rendimento escolar, culpabilidade relativamente ao abuso, perturbações do sono, droga, síndrome de stress pós-traumático e dificuldades na relação interpessoal, são as consequências imediatas destes actos.

Para clarificar este tipo de situações foram particularmente interessantes os dados estatísticos de Jeni Canha, pediatria do Hospital de Coimbra, Ascensão Rebelo e Pinto da Costa, dos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e Porto, e Afonso Albuquerque e José Pacheco, dos Serviços de Psiquiatria Comportamental, do Hospital Júlio de Matos.

A única excepção encontrada nos casos estudados diz respeito à origem social das

vítimas. Nas consultas externas dos Serviços de Psiquiatria Comportamental, 35 por cento das doentes pertencem à classe média. Nos outros sectores, as crianças pertencem aos estratos sociais com grandes dificuldades económicas. No entanto, aqueles especialistas confrontam-se com esta situação na fase adulta. Em média, 19 anos depois das mulheres terem sido abusadas sexualmente. Segundo José Pacheco, estes dados «indicam que são as pessoas daquela classe que têm mais possibilidades de recorrer ao apoio de um psiquiatra».

Por seu turno, Inês Fontinha falou da sua experiência no «Ninho», instituição de apoio às prostitutas, muitas delas vítimas de abuso sexual infantil. Milice Ribeiro dos Santos, referiu, ainda, um estudo realizado num internato feminino, no Porto.

Em relação ao agressor - o termo clínico é pedófilo - são poucos os dados existentes. Este, segundo Afonso Albuquerque, é heterossexual e tem em média 35 anos. Num terço dos casos, é casado e planeou a maioria dos abusos sexuais.

Um testemunho de Eliana Gersão, do Centro de Observação e Acção Social de Coimbra, colocou o dedo na ferida, ao referir as dificuldades que sentiu em lidar com este tipo de situações. «Procurámos ser uma instituição aberta. Tínhamos meios e uma excelente equipa de trabalho. Mas reconhecemos que as coisas não são fáceis e, nos casos mais difíceis, não tivemos sucesso».

Aliás, na mesa redonda, constituída por especialistas de várias disciplinas com possibilidades de intervenção nos actos de abuso sexual, foi igualmente reconhecida a

dificuldade de actuação. Rui Epifânio, do Centro de Estudos Judiciários, Maria José Lobo Fernandes, pediatria do Hospital de Santa Maria, Teresa Ferreira, especialista em saúde mental infantil, e Adelaide Furtado dos Santos, do Serviço Social do Tribunal de Menores, foram os participantes.

Em termos gerais, referiram que a deficiente coordenação entre os diferentes serviços tem sido o principal obstáculo. Falou-se na necessidade de existir uma ligação forte entre os diversos organismos de intervenção, sobretudo no que diz respeito aos serviços judiciais. Por exemplo, uma criança vítima de abuso sexual, caso seja denunciada a ocorrência ao tribunal, é obrigada a fazer exames médicos, meses depois, o que pode trazer problemas psicológicos agravados.

O advogado Castanheira Neves esclareceu que, «independentemente dos meios utilizados, são punidos de dois a oito anos, os indivíduos que tenham cópula com menores de 12 anos».

Esta reunião científica sobre o abuso sexual infantil pretendeu alertar para a gravidade da situação. E a julgar pela numerosa assistência, este tipo de debates é de grande interesse público.

Segundo Pinto da Costa, «Portugal precisa de ser sensibilizado para estes casos, o que não significa que se caia numa situação de exagero que leve a hipervalorizar o problema, porque há sempre o risco de chamado mutismo infantil. Este aspecto começa já a ser notado em países estrangeiros, muito especialmente na Inglaterra».

Céu Neves

Histórias graves

Pai é o agressor

Mais do que os dados estatísticos, as histórias relatadas dão-nos conta da complexidade do problema.

Helena foi acusada pela mãe de vadiagem. O Tribunal descobre que tinha sido vítima de abuso sexual do pai. O que já tinha acontecido com a irmã mais velha. Quando saiu de casa, pediu ajuda a uma prostituta, mãe de uma amiga da escola. Começa a prostituir-se para pagar o alojamento. Mais tarde, é ela que pede, em tribunal, para ingressar no Centro de Observação e Acção Social de Coimbra. É uma rapariga que se isola, revelando, por vezes, um comportamento agressivo. Foge várias vezes da instituição, até que a abandona definitivamente.

Fátima tem 15 anos. Reside numa aldeia perdida no interior do País. É acusada de infanticídio. Onde mora dizem que foi engravidada pelo pai. Ela conta outra história: foi um desconhecido que a violou no pinhal. A família mantém esta versão.

Em fins de 1975, foi encontrada numa mata, junto a São Pedro de Muel, uma criança de 12 anos violada. A menina colaborou bem com a polícia. Encontrou-se o agressor, que confessou mais oito casos. Este tinha um aviário, onde empregava menores. As famílias deixavam-na partir, desconhecendo o local para onde as mandavam. O homem tinha práticas sexuais na presença da mulher. As outras oito vítimas contaram estes actos às mães ou avós. E ninguém o denunciou.

Luísa tem 13 anos. Estuda próximo de casa. Sempre que há «furos» no horário escolar, vai a casa. Isola-se dos colegas. É bonita e boa aluna. Uma professora consegue um contacto mais próximo com ela. Descobre que o pai, que trabalhava à noite, obrigava-a a ir a casa, sempre que não tivesse aulas. Tinham relações sexuais. O caso vai a tribunal. O pai suicidou-se no dia do julgamento.

Tem 43 anos, é casado e electricista. Foi o único, dos seis pedófilos que recorreram aos Serviços de Psiquiatria Comportamental do Hospital Júlio de Matos, a seguir o tratamento. Tal como os outros, dirigiu-se ao médico depois de ter sido descoberto. Tem uma deficiente relação com a mulher. Desde jovem que mantém contactos sexuais frequentes com crianças: carícias e beijos. Apresenta sinais de depressão. Através da terapia do casal, foi possível diminuir em 70/80 por cento as relações pedófilas.

É um exibicionista. Durante cinco anos, dedicou em média oito horas diárias à prática de abusos sexuais infantis. Quando começou a ser conhecido na zona, chegou a fazer 800 quilómetros de carro para encontrar outras vítimas. Nunca foi denunciado.

C.N.

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39\$05	45\$05
ALEMANHA FED. (marco)	86\$90	88\$10
ÁUSTRIA (xelim)	12\$35	12\$55
BÉLGICA (franco)	4\$036	4\$286
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	12\$60	12\$10
(notas de 5 a 1000)	12\$610	12\$60
DINAMARCA (coroa)	22\$80	23\$20
ESPAÑA	1\$368	1\$488
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	147\$55	151\$05
(notas de 5 a 1000)	148\$05	151\$55
FINLÂNDIA (marka)	37\$05	37\$65
FRANÇA (franco)	25\$80	26\$50
HOLANDA (florim)	77\$25	78\$35
IRLÂNDIA (libra)	234\$10	238\$10
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$920	\$975
NORUEGA (coroa)	22\$65	23\$15
REINO UNIDO (libra)	248\$85	253\$35
SUÉCIA (coroa)	24\$05	24\$55
SUÍÇA (franco)	101\$75	103\$25
VENEZUELA (bolívar)	2\$629	3\$429

OBSERVAÇÕES:

- 1 - No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

14.º JUÍZ CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 3.ª sec. deste juízo, correm éditos de 30 dias, contados a partir da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo, CITANDO o executado EDUARDO RIBEIRO DE CARVALHO, actualmente ausente em parte incerta mas com última residência conhecida no Pátio da Picheleira, n.º 4-r/c, em LISBOA, para no prazo de 10 dias posteriores ao dos éditos, deduzir oposição, pagar ou nomear bens à penhora, sob pena de se devolver esse direito ao exequente, nos autos de Execução de Sentença n.º 4091-C/85 que lhe é movida por ANTONIO JOAQUIM MENDONÇA FERREIRA com o fim de obter por parte do executado a quantia de Esc. 2 302 020\$00 em que foi condenado na respectiva acção e proveniente de uma letra aceite pelo executado, encontrando-se o duplicado de requerimento inicial à disposição deste, nesta secretaria.

Lisboa, 90-06-01

A Juiz de Direito
Fernanda Isabel de Sousa Pereira
O Escrivão Adjunto
José Manuel Ribeiro da Cruz
DL 1.ª Pub 11/6/90

"não deite
papel
no chão"



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

COMUNICADO

Dá-se conhecimento à população da zona servida pelo actual posto dos S.M.O. em Algés, que esses serviços a partir de 8 de Junho de 1990, passarão a funcionar nas novas instalações sitas na Rua Eduardo Augusto Pedroso, n.º 11 c/v em Algés.

As novas instalações, agora ao dispor da comunidade, têm como objectivo responder de forma cabal às exigências de modernização e eficácia em que os Serviços Municipalizados de Oeiras estão empenhados.

Oeiras, 8 de Junho de 1990

O Presidente do Conselho de Administração
Dr. Isaltino Afonso Moraes

JOVEM

APRENDE ELECTRICIDADE, ELECTRONICA, RADIO, TELEVISÃO, DURANTE 10 MESES, AULAS TEÓRICO-PRÁTICAS DE 3 HORAS, DAS 08.00 ÀS 23.00. MAIS DE 600 CONTEÚDOS DE MATERIAL DIDÁCTICO POR ALUNO.
INÍCIO DO CURSO 1 DE OUTUBRO.
ASSISTE GRATUITAMENTE A UMA SEMANA DE AULAS QUANDO DESEJARES.
4.ª CLASSE OU 6.º ANO DE ESCOLARIDADE - 16 ANOS.

DIPLOMA

CARTEIRAS PROFISSIONAIS DE TÉCNICO ELECTRONICA, RADIO, TV E DE ELECTRICIDADE BAIXA TENSÃO.
PREÇO 200 + 7 MIL ESCUDOS EM 10 PRESTAÇÕES DE 20 MIL.

ESCOLA LASER

CAPACIDADE PARA 870 ALUNOS

PRAÇA BERNARDO SANTARENO, 3-B 1900 LISBOA - TEL.: 80 58 01-80 95 57

METRO AREIRO, AUTOCARROS 15-27-35-40

ALUGAMOS SALAS-AULAS

ECONOMIA

Indústria nacional do calçado com mais prestígio na Europa

Portugal, terceiro exportador europeu de sapatos, vai acolher representantes da CEE para discussão de problemas do sector

«A qualidade do calçado português e o reconhecimento desta indústria no mercado europeu, de que Portugal é o terceiro exportador, está na base da escolha do nosso país para a realização da próxima assembleia geral da indústria europeia do calçado, a efectuar em Maio do próximo ano», disse ao «DL» Manuel Carlos, director-geral da APICCAPS - Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos Esta escolha foi tomada recentemente em Atenas, por proposta da APIC-

CAPS, pela CEC, Confederação Europeia de Calçado, na qual Portugal detém a vice-presidência. Este posicionamento e o facto de Portugal ser presidente de um grupo de seis países junto da CEE, ou seja os países onde a indústria do calçado é mais débil, favoreceu a escolha do nosso país para a realização da referida assembleia geral.

Aqui irão ser discutidos os grandes problemas do sector, nomeadamente as assimetrias e os seus reflexos numa Europa que, no papel, defende precisamente o contrário. Grécia, Irlanda, Di-

namarca, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e Portugal são países que vivem essa realidade, tanto mais que nos diversos ramos da indústria, incluindo o calçado, são os países mais ricos que beneficiam de uma melhor cobertura de risco de crédito.

Controlar Importações

Para Manuel Carlos, os problemas que o calçado atravessa, neste momento, situam-se no controlo das importações, nomeadamente as provenientes de Taiwan, na batalha da abertura dos mercados mundiais e respec-



Calçado: Indústria prestigiada em luta contra outros produtores

tiva incidência na Europa, bem como na reestruturação da indústria europeia.

Neste último caso, existe um referencial importante que data de 15 de Março último, altura em que a CEE decidiu tornar a indústria do calçado um sector prioritário.

Segundo Manuel Carlos, estão criadas condições para Portugal poder continuar a exportar, alargando as suas

fronteiras para todas as partes do mundo.

Na Europa, a Alemanha Federal é o país que mais importa a Portugal. Em 1989, comprou 39 milhões de calçado, o que representa 27,5 por cento das exportações portuguesas. A França, com 27 milhões de contos, é o nosso segundo maior importador.

A taxa de crescimento das exportações de Portugal para

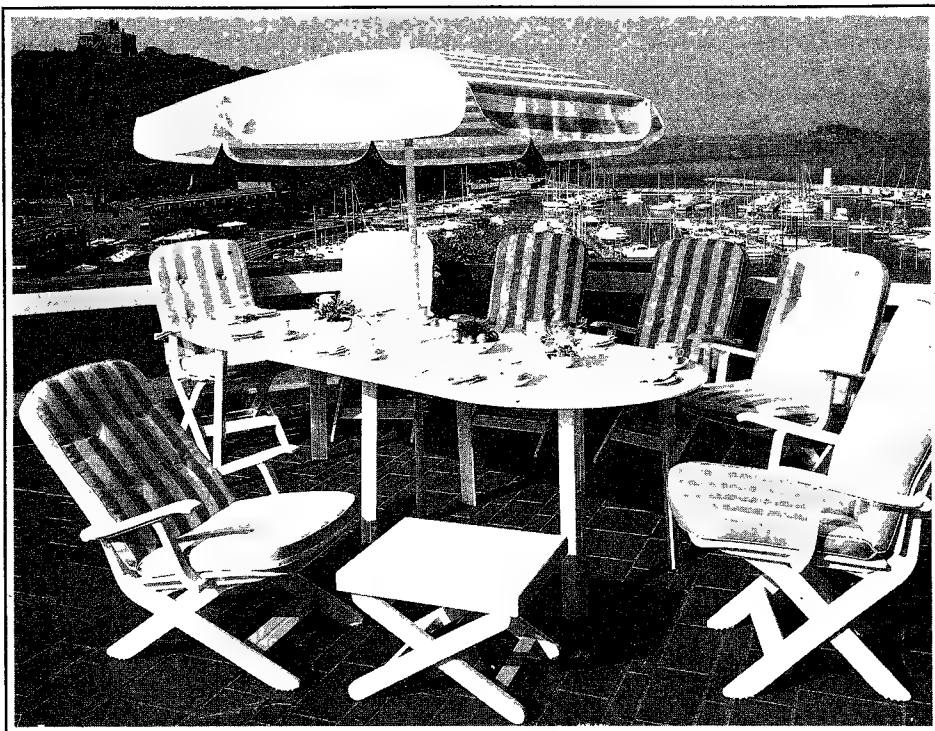
o Japão é de 94 por cento, o equivalente a meio milhão de contos em 1990, o que é de assinalar se registarmos que há dois anos a taxa era de zero. Em 1989, Portugal exportou cerca de 70 milhões de contos de sapatos, num valor superior a 141 milhões de contos, o que representa 9 por cento do total das exportações portuguesas.

Redacção «DL»

emu

grupo
dimensão

móveis de jardim, piscina e hotelaria



Nas lojas Dimensão pode adquirir por catálogo os móveis de jardim e piscina EMU. Design e Qualidade.

Utilizando tecnologia avançada, criamos a beleza e perfeição de uma raça única de móveis.

Expo: Av. Brasil, 130 C - Lisboa

Seg. a Sáb. das 10 às 19.30

DIMENSÃO

Av. da Igreja, 37-A (Praça de Alvalade)
Av. Combatentes da Grande Guerra, 60

Telf. 77 76 04
Telf. 81 18 07

Lisboa
Leiria

SERVA - E. N. 125 Vale Paraíso
CASTRO & BRANDÃO - Estrada Monumental, 198

Telf. 536 44
Telf. 203 63

Albufeira
Funchal

NOVOS
Crédito sem Juros
PREÇOS

Central de Cervejas de vento em popa

O ano de 1989 foi excepcional, no que se refere a venda de cervejas, contribuindo para o resultado alcançado pelas 17 empresas em que participa o Grupo Central de Cervejas, que registaram «substanciais acréscimos nos volumes de negócios» no ano em referência, o que significa um fonte de novos lucros. Juntando o volume de vendas à estratégia de uma empresa que deverá ser privatizada a 100 por cento no último trimestre deste ano, o resultado foi uma «significativa subida nas facturações das empresas distribuidoras associadas», conforme disse um representante da cervejeira. Presentemente o Grupo detém participações, de 50 a 100 por cento, no capital social de nove unidades que asseguram a distribuição dos seus produtos, tendo seis delas obtido vendas superiores a um milhão de contos, enquanto duas outras - a Discer e a Cervisol, ultrapassaram os dois milhões.

Os aumentos da facturação das nove distribuidoras variaram entre os 17,1 e os 517,2 por cento, respectivamente da Cervisol e da RAL de Braga, enquanto a Discer, de Pí-

nheiro de Loures, registou o maior volume de negócios, com mais de 2,260 milhões de contos, o que representa um aumento de 29,9 por cento.

Por outro lado, a Empresa de Cervejas da Madeira (ECM), onde a Centralcer detém uma participação de 30 por cento, teve um aumento de 16,6 pontos percentuais nas vendas, que foram de cerca de 1,3 milhões de contos.

Noutra área do mercado, surge a participação na Sociedade das Águas do Luso, que registou um volume de negócios de 2,5 milhões de contos, no ano passado, enquanto que no sector vinícola o Grupo Central de Cervejas detém 80,6 por cento das adegas Camillo Alves e Caves Velhas, sociedade com vinhas na Região Demarcada de Bucelas, produzindo e comercializando vinhos de qualidade para os mercados interno e externo.

Numa altura em que tudo se encaminha para a privatização total, a Central de Cervejas avança com os resultados que, segundo um porta-voz da empresa, reforçam uma solidez de um grupo que, no ano passado triplicou os resultados de exploração e liderou o mercado do sector.

maior volume de negócios, com mais de 2,260 milhões de contos, o que representa um aumento de 29,9 por cento.

Por outro lado, a Empresa de Cervejas da Madeira (ECM), onde a Centralcer detém uma participação de 30 por cento, teve um aumento de 16,6 pontos percentuais nas vendas, que foram de cerca de 1,3 milhões de contos.

Noutra área do mercado, surge a participação na Sociedade das Águas do Luso, que registou um volume de negócios de 2,5 milhões de contos, no ano passado, enquanto que no sector vinícola o Grupo Central de Cervejas detém 80,6 por cento das adegas Camillo Alves e Caves Velhas, sociedade com vinhas na Região Demarcada de Bucelas, produzindo e comercializando vinhos de qualidade para os mercados interno e externo.

Numa altura em que tudo se encaminha para a privatização total, a Central de Cervejas avança com os resultados que, segundo um porta-voz da empresa, reforçam uma solidez de um grupo que, no ano passado triplicou os resultados de exploração e liderou o mercado do sector.

Poupanças passam a ter benefícios

As contas poupança-habituação e poupança-reforma têm novo estatuto de benefícios fiscais, com a isenção de imposto sobre sucessores e doadores, de acordo com o estipulado no decreto-lei publicado sexta-feira.

O diploma oficial define que ficam isentas de imposto sobre sucessões e doações as transmissões por morte, a favor do cônjuge sobrevivente e dos filhos ou adoptados, dos valores acumulados afectos a um plano poupança-reforma, bem como os saldos de conta poupança-habituação.

Este diploma estabelece também que passam a beneficiar de isenção do IRS os juros das contas poupança-habituação que se destinem a financiar a compra, construção ou obras em habitação própria permanente.

O período de isenção a conceder vai de 4 a 10 anos podendo, no caso dos juros das contas destinados a arrendamento para habitação, ter apenas a duração de dois anos, passando a ficar isentos de contribuição autárquica os prédios integrados em fundos de investimento imobiliário.

CULTURA



Um público heterogéneo rendeu-se à grandiosidade do concerto dos Stones

Concerto dos Rolling Stones ontem no Estádio José Alvalade

Uma grande festa

O concerto foi explicado até ao ínfimo pormenor. Disseram-nos tudo, e quase não deixaram espaço para a surpresa. Mas isso não impediu que os cerca de 50 000 que encheram o Estádio José Alvalade tivessem oportunidade de se surpreender e maravilhar com o concerto, ontem, realizado pelos Rolling Stones.

O espectáculo

Sabia-se que os músicos entrariam em cena às 22 horas, e assim foi, menos cinco minutos. Também nos disseram que veríamos duas

bonecas insufláveis com uma bola de futebol, uma nas mãos, a outra nos pés, e elas saíram enormes do cenário. Este, diferente do mostrado no programa e divulgado por alguns órgãos de Comunicação Social. Não tivemos palmeiras. Também o tempo nos pregou uma partida, e em vez de sol e calor houve um *frog* muito britânico ameaçando chuva. Por isso,

Ou de como nem só de som vive o homem

no lugar das árvores tropicais - que neste momento já estarão em Barcelona no segundo palco que anda nas estradas da Europa com os Stones - vimos nos telões pintados, que cobriram o fundo do palco e as quatro torres que o ladeavam, espirais roxas sobre fundo amarelo.

Em "Street Fighting Man" foi a vez da aparição dos quatro mastins, pénis erecto, bolsa testicular cheia ou língua pendente, para D.Quixote

Grafisseis
ARTES GRÁFICAS
Telef. 4952766

Jagger espicaçar de lança em riste e terminar devorado, engolido por um deles.

Luzes de muitas cores e feitiços, operadas por doze técnicos, criaram-nos o ambiente psicadélico dos sixties (nada de confusões...), e a elas coube a primeira saudação da noite a Portugal, no princípio do concerto, com o "castelo", onde actuaram os

continua na pág. 14



Um Apoio  **TABAQUEIRA**

Stones arrasaram

continuação da pág. 13

músicos, engalanado a vermelho e verde. Só os petardos/flashs de fogo à boca de cena foram mais pobres que a expectativa gerada à sua volta. Não deixando de ter o seu impacto.

Nos três ecrãs de vídeo, que as más línguas teimavam em afirmar não virem a ser montados, pôde-se acompanhar o concerto de perto, ver a cara, o suor e as cordas das guitarras dos músicos. Quem não estivesse sobre a alcatifa que cobria o relvado nas primeiras filas, só com binóculos potentes poderia ter uma ideia dos pormenores da actuação dos Rolling Stones. Nos ecrãs, sobre a imagem directa foram sobrepostas palavras, imagens de bastidores (encenadas, claro!), e uma homenagem a preto-e-branco aos músicos do r&b, soul e rock'n'rol dos anos 60: Buddy Holly, David Bowie, Tina Turner, Supremes e Elvis, entre outros.

A ordem das músicas foi a conhecida do concerto de Roterdão, inclusive o *encore* da não "Satisfaction", embora o grupo tenha saído para a estrada com cem temas ensaiados por toda a equipa.

O fogo-de-artifício, que poria contentinho qualquer antigo presidente de Câmara, acompanhou o fim do sonho de duas horas e vinte minutos de espectáculo para os olhos e os ouvidos.

À 1 e 10 os Rolling Stones levantaram voo rumo a Barcelona. A sua passagem por Lisboa foi efémera. A memória do espectáculo da banda não. Quem o viu não esquecerá por muito tempo, ou nunca.

O concerto

Comerciais ou não, eles são fiéis a si mesmos e à sua imagem. E quanto a energia recomendam-se.

Mick Jagger, com os seus *joggings* diários, atravessa os 75 metros da boca de cena, de uma ponta à outra, talvez não com a velocidade regular de há dez anos atrás, mas mesmo assim não conseguindo parar um segundo

sem aparecer na ponta esquerda, para logo a seguir estar na direita, ou no corredor, a poucos metros do público. É o rei da surpresa ao surgir a 29 metros do chão para interpretar "Sympathy for the Devil", para se deixar engolir, logo de seguida, no final de uma rampa próxima do solo pelo mastim, mascote da *tour*, ou, para de súbito, estar no alto das colunas mais baixas, de onde pendem os ecrãs de vídeo.

Jagger dá às ancas com o rebolar inimitável que lhe é emblemático. Expõe a boca enorme, o seu ex-libris. Deita-se no chão, sensual, para fazer um círculo fechado, sobre si mesmo, apoiado num braço. Oferece-se inaccessível como os deuses, as divas e os anjos. Diz em por-

nos apresentar em concerto. Empolga ao interpretar em guitarra acústica "Ruby Tuesday". Muda de casacos, jaquetas e jaquetões quase tantas vezes quanto Richards de guitarra. (o gui-

Como um muda de roupa quase tantas vezes quanto outro de guitarra

tarrista trouxe onze!). E canta melhor que nunca, com muita "garra", e principalmente técnica.

Keith rock'n'roll Richards é a alma da receita. É a ele que se devem os momentos mais emocionantes do concerto. Tem solos de se lhe tirar o chapéu, prova que 26 anos de carreira não estagnam um músico, antes dão-lhe sabedoria. Foi aos fados uma noite, e permite-se dedilhar na guitarra algumas das *voltas* características do estilo. Também ele se passeia pelo palco, encaixa-se na guitarra, e ela envolve-se nele como se formassem um só corpo. Canta dois temas, e a sua voz sem melodia, agreste e cortante que nos deita a língua *andywharoliana* de fora. Está

feliz, sorri, agradece em reverência e lança beijos que atingem todo o público. Tudo isto sem excesso de *charme*, que podia pôr em dúvida a sua sinceridade.

Ron Wood é o braço direito de Richards, e com ele forma uma parceria de guitarras ainda imbatível. Corre à frente de Jagger, provocando-o para uma corrida por uma das rampas, toca de joelhos. E, embora menos espectacular que Keith, não lhe fica atrás no rigor e limpeza, sem rodriguinhos desnecessários nos solos.

Wyman há 26 anos que não se mexe praticamente em palco. É a sua maneira de sentir a música, segundo diz. Com Watts, o baterista branco mais negro dos r&b, forma a secção rítmica que com todos as tecnologias acrescidas ao longo do tempo, ajuda os Stones a serem sempre Stones. Não copiam ninguém, nem a eles próprios, felizmente. Esse o segredo da longevidade musical da banda.

Nos ambientes e apoio aos cinco magníficos estiveram, exemplarmente, nas teclas Chuck Leavell, e nas teclas e programação Matt Clifford,

a *big band* de suporte ao rock linear dos Stones.

Nos sopros, trombone, sax alto, sax tenor e trompete, os norte-americanos Uptown Horns. No sax barítono, Bobby Keys recolhe para si os solos mais espectaculares.

Para completar a grandiosidade sonora do espectáculo estão três vozes negras, qualquer uma delas sensacional: a norte-americana Lorelei McBroom, a londrina Sophia Jones e o novaiorquino de Queens Bernard Fowler, em cena secundando Jagger quase metade do concerto.

Em duas horas e dez minutos de espectáculo ininterrupto, só após uma hora e meia de música os cinco Stones tiveram uma pausa de cinco minutos, deixando esse espaço de tempo preenchido pelos seus acompanhantes. Cento e trinta minutos de energia, movimento e som num frenesim que a maior parte dos grupos rock, e principalmente pop, de juvenzinhos de vinte anos, salvo raríssimas excepções, não conseguem ter.

Um grande concerto que só não terá satisfeito aqueles

que tinham decidido, já há muito tempo, não gostar. Os outros saíram do estádio José Alvalade de barriga cheia.

O público e o negócio

Não houve confusões detectáveis, nem tão pouco assinaladas pela PSP, durante as entradas para o recinto do concerto e espectáculo - segundo nos

Andam todos ao mesmo

afirmou um dos elementos da corporação de serviço ao estádio. A partir das 16 horas, altura da abertura das portas, o público foi chegando e ocupando os

Grafisseis
ARTES GRÁFICAS
Telef. 4952766

tuguês, entre outras coisas: «Estamos contentes por estar em Lisboa»; «está tudo bem?»; «olá»; e «obrigado». Mais do que algum estrangeiro aprendeu para

Grafisseis
ARTES GRÁFICAS
Telef. 4952766

melhores lugares, quer no relvado, quer nas bancadas. Vieram aos poucos, enchendo o estádio devagar. Tinham todas as idades, perfilhavam várias corren-

tes estéticas no trajaz: executivos, pós-modernos, punks (poucos), metálicos, *freaks* ou incanaracterísticos. Todos conheciam e cantaram os temas mais antigos dos Stones, com particular veemência no "Satisfaction". Uns fumaram *haxe*, outros fungavam os restos da coca, e ainda lá estavam os que não beberam álcool, nem fumaram um cigarro. Respeitaram-se mutuamente e conseguiram fazer uma festa juntos, com muitos estrangeiros à mistura.

Na relva e nos corredores a máquina gigantesca de negócio montada chamava-os ao consumo. Em cada uma das bancas de *merchandising* dos Stones havia *t-shirts* diferentes, obrigando os coleccionadores a percorrer todas, na busca das mais a seu gosto. O preço era único: 2500\$00. Para os mais tesos, mas que quiseram ficar com uma recordação e



Mick Jagger ofereceu-se inaccessível como os deuses, as divas e os anjos

Grafisseis
ARTES GRÁFICAS
Telef. 4952766

Rui Vasco

Um Apoio



TABACQUEIRA



Será Mick Jagger ainda um Rolling Stone?

belíssimas fotos dos Stones, havia o programa a 1500\$00. Depois, para os pobrezinhos encontravam-se *cruchats* a 1000\$00 e *badges* a quinhentos. A banca da porta 2, tinha esgotado praticamente tudo menos os *posters* às 20 horas. Ao que conseguimos apurar o mesmo sucedeu com as outras todas, pois as deslocções dentro do estádio, de sector para sector, eram de acesso complicado.

O negócio dos bares também rendeu, e por pouco não esgotaram os *hot dogs*, agora em Lisboa rivais dos *croissants* e *hamburgers*. Às duas da manhã foi a vez das *roulottes*, no exterior, venderem as bifanas e as farturas. Enfim, todos ganharam com o negócio: os promotores, o Sporting, a SPA, os Stones e os vendedores ambulantes. A organização,

se foi impecável, e pouco diferiu das idênticas no estrangeiro, não deixou de ser incómoda para a Comunicação Social. Os repórteres fotográficos, por imposição dos Rolling Stones, só puderam registar o segundo e terceiro temas interpretados. Os escribas, esses, entraram ao mesmo tempo que toda a gente e sem lugar marcado, ao contrário dos funcionários e convidados de uma das empresas patrocinadoras da digressão europeia da banda, a TDK. A editora do grupo, a CBS, garantiu ter feito o que podia: arranhou-nos lugar na melhor bancada e pôs à nossa disposição uma sala com bebidas e tapas, um telefone e o que mais precisássemos para cumprir a função de informar.

Os últimos são os primeiros

Os Gun, banda escocesa que fez a primeira parte dos Stones, não incomodou nem trouxe nada de novo. Não são maus músicos, embora

Dos primeiros não reza a história

tenham um estilo pouco agradável, o *metal*. Não sendo nem completamente *speed metal*, nem tão pouco (e ainda bem) *heavy*, conseguiram solos de guitarra velozes e distorções q.b.

Permitiram que o público comesse a bater o pé, ou a dar à cabeça, ou a desejar os Stones com urgência redobrada. Não ficaram na memória, nem de forma desagradável, nem pela contrária. Eles sim, foram a única coisa efémera no concerto de ontem, no estádio José Alvalade.

Para quem não ache que comemorar Portugal tem que ser com música portuguesa, esta foi a forma de tornar diferente e inesquecível o 10 de Junho de 1990. Estivemos, em termos de grandes espectáculos mundiais, em pé de igualdade com a tal Europa a que pertencemos.

María José Belo Marques

Richards e Woods numa de fado

Keith Richards e Ron Wood passaram uma das suas noites em Lisboa na casa de fados "O Cabacinha", em Alfama. O DL esteve com eles.

Os dois guitarristas dos Stones, acompanhados pelas respectivas esposas, o saxofonista Bobby Keys, o vocalista Bernard Fowler e dois elementos da segurança, beberam sangria, petiscaram e ouviram atentamente cantar o fado.

A repórter, na véspera da chegada a Portugal da banda norte-americana, tinha recebido da mão do guitarrista dos Xutos & Pontapés, Zé Pedro, (que se encontra a actuar em Toronto), o último CD do seu grupo com um bilhete para Richards, onde lhe dizia que ao ver um filme dos Stones aos doze anos, decidira que queria vir a ter uma banda de rock'n'roll, e passados vinte e um, ali estava o seu último trabalho. Zé Pedro queria que o compacto fosse entregue em mão ao rolling stone. Eu não sabia se o conseguiria, ou teria de pedir a alguém que o fizesse por mim. Mal Keith se sentou, na casa de fados, aproximei-me e entreguei-lhe o presente, explicando-lhe a importância do grupo, em Portugal, e contando-lhe um pouco da sua história.

Richards, super-simpático, escutando-me com interesse, garantiu que iria ouvir o trabalho dos roqueiros portugueses, considerando Zé Pedro um dos seus discípulos legítimos. Ao retirar-me o CD das mãos, beijou-me a direita galantemente. Os presentes espantaram-se com o cavalheirismo.

Como não podia deixar de ser, apareceram

os inevitáveis pedidos de autógrafos e fotos aos dois guitarristas. A todos atenderam de forma afável, e posaram o tempo que lhes foi pedido para as máquinas de fotos de domingo. Aproveitámos. E o jornalista Nuno Azevedo, que me acompanhou nesta aventura mascarada de repórter fotográfico, perguntou a Wood se também podia tirar "bonecos". Autorizado, avançou de máquina profissional em riste, o que provocou que um dos seguranças

o impedisse de registar o momento para a posteridade. Recorri a Richards que, de imediato, exaltado, disse ao seu colaborador: «Hoje saí à noite porque quero conviver com as pessoas. Além do mais, ele está com ela.»

Pronto, a partir daí fizemos as fotografias que quisémos.

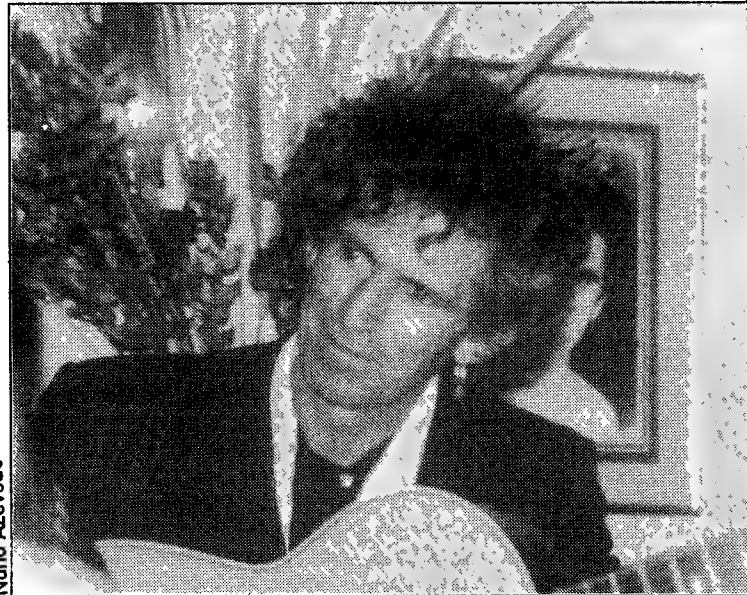
Confessei ser fã do grupo, e que também eu queria uma foto com ele, Richards. Sim, senhor! E, sem eu esperar, tinha-me posto ao colo, encostando a sua cara à minha, sob o sorriso cúmplice e divertido da sua mulher.

Para mim, deixaram de restar dúvidas: o bom não é tocar uma grande "estrela" internacional, mas deixar que seja ela a tocar-nos.

Depois de ouvirem os artistas da casa, e de se terem emocionado com a pequenita Jacqueline de seis anos, neta e filha de fadistas, com o fado na alma, não resistiram, e Richards investigou a guitarra portuguesa, enquanto Woods agarra na viola. Por certo, Keith achou-a complicada e estranha, por isso sacou das mãos do seu companheiro a viola, que lhe é familiar, para dar uns toques, com a fadista Micá ao lado. A artista portuguesa já lhe tinha oferecido duas quadras que o músico prometeu transformar numa canção. Também o elemento do coro vocal dos Stones, Bernard Fowler, se aproximara e preparava-se para, eventualmente, cantar, mas as pessoas rodearam-nos de tal maneira que a brincadeira acabou por não se concretizar.

Quando os músicos se preparavam para abandonar "O Cabacinha", dada a sua simpatia calorosa e a simplicidade com que falaram com todos os que se lhes chegaram perto, na mão do músico depus uma pequena carta em que lhe explicava que era jornalista, deixando-lhe todos os contactos para me poder proibir de divulgar fotos, ou o que ali se tinha passado. Fui tratada como uma amiga, não fui capaz de trair. A proibição não existiu, e a história aqui está.

A atitude de Woods e Richards é oposta à de Jagger, que, na véspera, num restaurante praticamente vazio, à nossa aproximação



Keith Richards de viola, preparando-se para tocar o fado em Lisboa

respondera com um virar de cara. Quase acreditamos no nosso colega Sc7e, quando afirma que Mick Jagger não é Rolling Stones. Mick Jagger, mas sim Richards.

Como curiosidade, diga-se que os cinco músicos andaram nas noites de Lisboa em três grupos, e por sítios radicalmente opostos. A saber: Mick Jagger frequentou, sózinho, restaurantes de luxo, Woods e Richards foram aos fados, Wyman e Watts passaram duas noites na discoteca Plateau.

M. J. B. M.

Grafisseis
ARTES GRÁFICAS
Telef. 4952766

Um Apoio  **TABAQUEIRA**

HERÓIS ANOS 90

São eles os heróis de todos os dias: as enfermeiras dos bancos de urgência, uma dona de casa a tempo inteiro e crianças leucémicas que lutam contra a mais mortal das doenças, revelam bravura idêntica à do soldado Milhões, figura histórica da I Grande Guerra

O sofrimento é a sua profissão

Esfrega as mãos, está nervosa. Os olhos viram-se de encontro à mesa e as palavras vão saindo às golfadas. A jovem enfermeira Maria Fernanda Reis demora a expor-se, a falar do que costuma ficar entre as paredes do Banco do Hospital de Santa Maria. Depois é quase difícil travá-la. Sai em catadupa um longo desabafo. Esteve demasiado tempo reprimido.

«Se não sofremos nesta profissão? Olhe, trabalhava nas urgências há quatro meses quando se deu um grave desastre ferroviário na linha de Vila Franca de Xira. Já tinha saído de serviço nesse dia, mas ouvi falar dele na rádio. Telefonei para o hospital a saber se necessitavam de mim. Disseram-me que não. De manhã, quando entrei no SO, vi uma porção de embrulhos em cima de macas. Estranhei aquele facto e por isso peguei numa ponta de um saco para ver o seu conteúdo. Era pedaços de corpos! Fiquei estarrecida. Na altura só me apeteceu fugir, mas não o fiz. Fiquei e ajudei a tratar os outros feridos do desastre.

Andei várias semanas desorientada, sem conseguir falar do assunto.»

Ao relatar este episódio Maria Fernanda Reis comove-se, as lágrimas bailam-lhe nos olhos. Esta enfermeira de 27 anos, figura franzina, trabalha há quatro anos na urgência de Santa Maria. Diz enfrentar melhor o sofrimento físico do que os casos de abandono social. São os numerosos velhos e deficientes mentais ali despejados como se de lixo se tratasse, sem que os enfermeiros tenham capacidade ou autoridade de os encaminhar para sítios mais adequados.

«Vamos para casa com estes problemas e torna-se complicado transportá-los para os familiares e amigos. São coisas mórbidas, angustiantes», frisa Maria Fernandes Reis.

A sindicalista Isabel Sanchez, que nos possibilitou o encontro com aquela enfermeira e com outra colega, Maria Mateus Gomes, esteve sempre atenta à conversa. Modelou os «queixumes» e foi introduzindo, pitada aqui pitada ali, reivindicações justas. Diz que os en-



Rui Pacheco

Maria Reis e Maria Mateus não mudavam de profissão

fermeiros têm necessidade de falar uns com os outros de determinados assuntos do seu trabalho.

«Repare que não é masoquismo» — comenta — «é para aliviar a forte tensão a que estão sujeitos». Deveria pois existir um espaço de psicoterapia que os ajudasse a enfrentar melhor as delicadas situações do dia a dia.

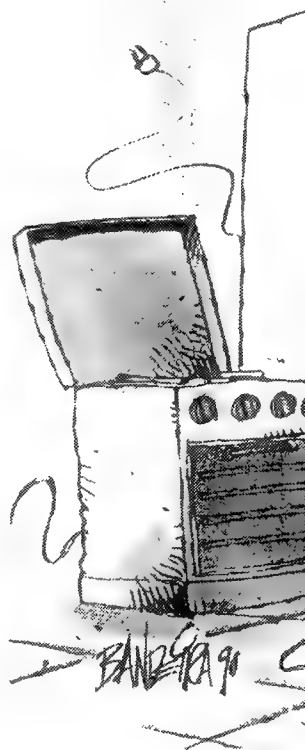
Sem querer desculpar os maus profissionais, Isabel Sanchez lembra que enfermeiro também é gente. «São uns grandes brutos, tratam as pessoas pior que animais», dirá o comum português. Mas a frieza transmitida por estes profissionais é, na maioria dos casos, uma carapaça. Revela a incapacidade para responder a

múltiplas solicitações. Lidar com doentes e familiares ansiosos não é flor que se cheire.

Maria Reis volta à experiência pessoal: «Há cerca de dois meses senti-me uma incapaz quando tive de assistir a uma jovem com a minha idade que se tentou suicidar com uma arma branca. Imaginei-me naquela situação e o choque foi de tal forma grande que não me consegui aproximar dela. A minha função era, além de a tratar, dar-lhe apoio, falar com ela. Falhei nos dois sentidos.»

É uma profissão em que é preciso estar sempre disponível, sempre pronto a ouvir. Só teoricamente é fácil dizer isto. Acresce o trabalho por turnos, somado à falta de pessoal. O stress aumenta e a má disposição sobe em flecha. O enfermeiro torna-se aquela pedra fria, um «carniceiro» aos olhos do pobre paciente cheio de mazelas.

Maria Mateus Gomes tem 37 anos e um olhar menos sofrido do que a colega. Também ela trabalha em Santa Maria.



A sua frustração é a de pertencer a um serviço de operações, que se tornou exclusivamente num espaço de recolha e empacotamento de órgãos destinados aos transplantes. «Aquilo já foi um bloco para operar pessoas vivas», diz. «A perspectiva de vida ali não existe. Isso cria um clima tenso entre os elementos da nossa equipa. Afinal fomos preparados para tratar os doentes e

Ninguém gosta de falar de cancro, mas há crianças que dele sofrem e se curam

Leucemia: um mundo de medo e silêncio

O João tinha cinco anos quando lhe diagnosticaram leucemia. Tudo mudou na sua vida. Aprendeu a lutar contra a morte, a sujeitar-se aos tratamentos, a resistir aos enjoos, aos vômitos e a suportar a queda do cabelo. Durante cinco anos dividiu-se entre o medo e o silêncio, a revolta e a impotência. Sofreu com a separação dos pais, viveu com as culpas dos outros e ignorou cada olhar, gesto ou palavra que lhe denunciassem a doença. Hoje, tem 13 anos e clinicamente está curado. Não é caso único, como ele há outras crianças que conseguem sobreviver ao mundo do cancro. Das 16 que se encontram internadas no Instituto de Oncologia Português (IPO), dez, pelo menos, têm grandes probabilidades de regressarem à vida normal.

Bray Pinheiro, pediatra do IPO, diz-nos que a taxa de

cura para a leucemia atinge, actualmente, 60 por cento. Desde que a doença seja diagnosticada logo no início e que a criança encontre um ambiente que a ajude a ultrapassar o medo da morte e da marginalização. Os que conseguem são admirados. Os resultados da sondagem «DL» revelam-nos que viver com cancro é considerado um acto heróico, tal como o vencer ou arriscar a vida.

«Numa altura destas, a criança precisa de carinho e de determinação. Contudo, de uma maneira geral, elas são mais fortes e confiantes que a própria família, que se mostra desesperada e ansiosa» — refere. Para ela, é preciso desmistificar a ideia de que cancro é igual a morte, o que já não é verdade e os resultados de cura indicam isso — refere.

brincar, prefere o «Lego» ao

Ana Mafalda Inácio

Continua na pág. 18



Distrair o tempo é o que desejam as crianças que estão no IPO

Escolhe a tempo in
A vitória

De olhar irrequieto e sorriso vadio, anda pela vida desfrutada de prazer. Um casamento bem sucedido, duas filhas exemplares e uma profissão: doméstica. Se é feliz? Bom, tem momentos de felicidade, «porque nunca se é feliz total e permanentemente».

Tudo o que fez na vida, pelo menos até agora, foi por opção e convicção de que agia correctamente.

Por isso, quando se casou há cerca de 20 anos, e decidiu engravidar, teve de escolher: ou o emprego que a satisfazia, mas que a impedia de acompanhar o crescimento das crianças, ou a casa, onde poderia estar e partilhar todos os momentos dos filhos.

«Para uma pessoa como eu, incapaz de deixar as minhas filhas em mãos alheias e que me entrego to-



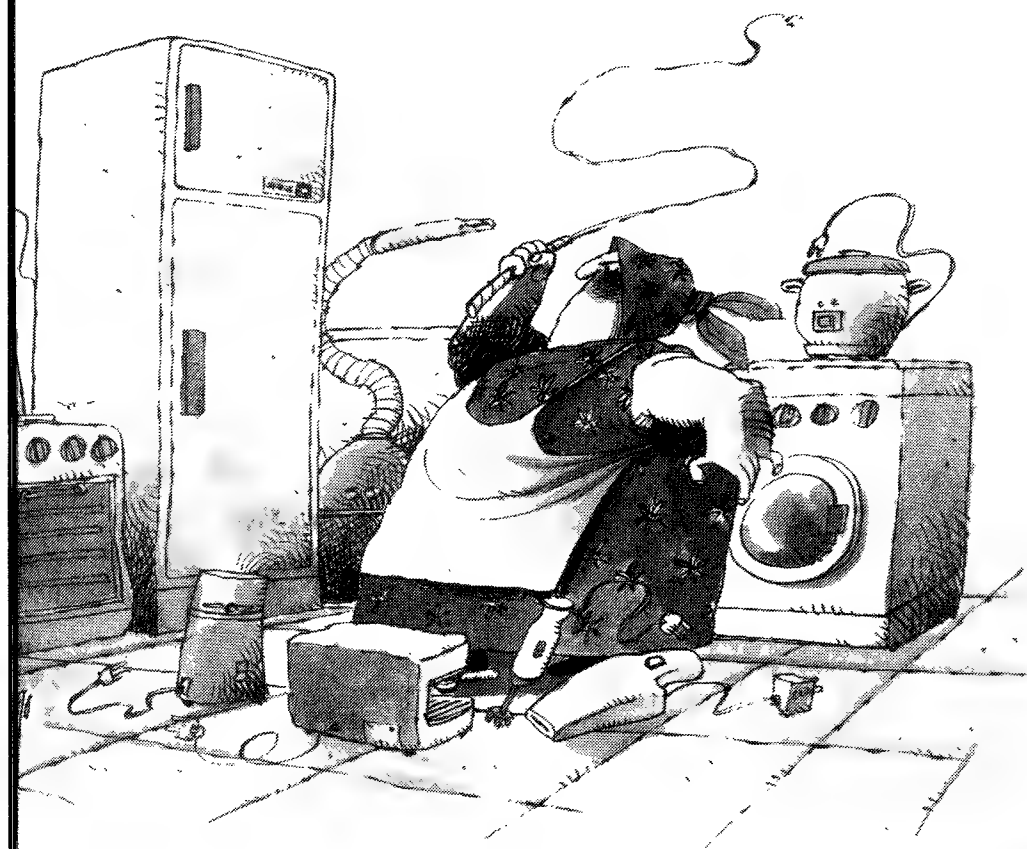
Auto Monumental do Arceio
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



restaram-nos os mortos», acrescenta desolada. As almas mais sensíveis este relato pode provocar um nó na garganta. Porém, a profissão de enfermeira não está apenas votada às misérias do corpo, também proporciona bons momentos. «É reconfortante contribuir para salvar a vida de alguém», frisa Maria Mateus.

E talvez seja isso que as faz dizer quase em coro: «Mu-

dar de profissão, se tivéssemos alternativa...? Não mudávamos, não!» Quando entraram para a Escola de Enfermagem pouco sabiam sobre o *métier*. A vocação nasceu-lhes no liceu e foram enfermeiras, como elas, que as puxaram para o curso. Maria Reis conta que «queria ser médica desde pequena e, no 5º ano, tive aulas de primeiros socorros dadas por uma excelente enfermeira.

As histórias que contava acabaram por influenciar a minha escolha».

Os enfermeiros aparecem no quarto lugar das profissões consideradas heróicas. Se os portugueses os consideram frios, pelo menos reconhecem o valor do seu trabalho, tanto mais que a saúde é um dos valores mais caros à comunidade.

Paula Sá

Encontrei uma profissão que poucas querem inteiro e desfruta o prazer da escolha feita glória de uma dona de casa

talmente a tudo a que me proponho fazer, nunca poderia pensar unicamente na minha realização pessoal. Então optei por ficar em casa, a educar as filhas, a ser mãe. Contudo, nunca abdi quei de ser mulher e de deixar bem claro que nunca seria escrava fosse do que fosse e de quem fosse. Não fico em casa à espera do marido só para lhe servir o jantar, nem me privo da minha vida, para fazer o almoço para as minhas filhas.»

E a vida de Vitória sempre foi assim: entre ir ao mercado fazer as compras, passar a ferro, cozinhar, acompanhar entusiasmadamente o crescimento das filhas e viver o casamento, nunca deixou de haver o tempo para a ginástica, o cinema, a leitura, o yoga e os amigos.

«Eu, que sempre gostei de fazer o que queria, que sempre ameiei a liberdade e fiz tudo para a ter, quando tomei a decisão de ficar em casa, como dona de casa, não atravessei um período fácil. Aliás, os primeiros tempos foram muito difíceis de ultrapassar. Eu deixei de es-

tudar, no antigo 7º ano, para ir trabalhar. E ter de deixar a minha actividade de correspondente de línguas estrangeiras, para ficar em casa... foi preciso pensar muito.»

A ideia de não fazer nada e ser doméstica era insuportável para Vitória. Mais a mais, quando, ainda hoje, o conceito que se tem de dona de casa, relaciona-se com a mulher que vive para o marido, passa o dia agarrada aos tachos e às panelas, a arrumar a casa, a falar com a vizinha sobre o preço do peixe e da carne, e a passar a camisa que os filhos querem vestir no dia seguinte, apesar de terem outras no roupeiro.

Foi a esta imagem *standardizada* de doméstica que Vitória renunciou. «É evidente que passo a ferro as camisas das minhas filhas, assim como passo outras coisas. Mas não vou passar uma determinada peça de roupa, só porque elas a querem vestir no dia seguinte.

Sou dona de casa por opção e isso não significa que me enquadre no con-

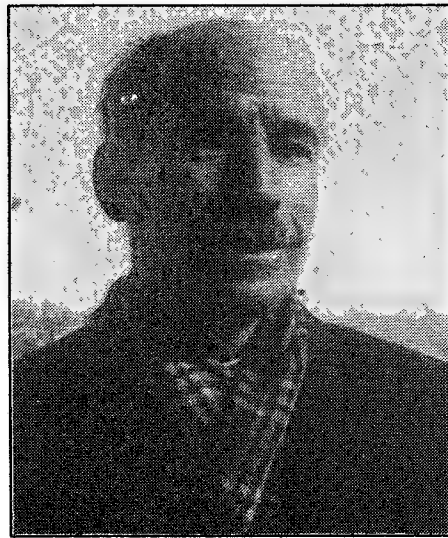
ceito geral que se tem das mulheres domésticas. A casa para mim é um local de prazer. É algo muito íntimo onde passo grande parte da minha vida, onde me refugio e me vejo. É onde estou com a família, que considero como um grupo de pessoas coeso que partilham uma só vida.

Eu não tenho uma relação de mulher para marido ou de mãe para filhas e vice-versa. Acho que as pessoas têm de ser vistas enquanto tal, têm de ser respeitadas, independentemente dos papéis que desempenhem socialmente ou das hierarquias que ocupam. É assim que eu vivo, preservando uma liberdade intrínseca e nunca me privando de sair de casa quando quero e quando sinto necessidade disso.»

Há que reconhecer que não é muito vulgar encontrar uma dona de casa com esta forma de estar na vida. Talvez seja isso que faça dela uma heroína, apesar de o adágio dizer que dos heróis não reza a História.

Gisela Oliveira

Tivemos um herói da Grande Guerra. Chamaram-lhe o soldado Milhões. Conheceu a glória. Foi primeira página. Morreu pobre. Para a história apenas ficou um busto em Murça



Aníbal Augusto Milhais foi convidado pelo «DL» para as primeiras cerimónias de homenagem ao Soldado Desconhecido



Soldado Milhões quase esquecido

Quem se lembra do soldado Milhões? Foi o herói nacional da Grande Guerra. Recebeu condecorações e homenagens. Apareceu nas primeiras páginas dos jornais. Morreu há duas décadas, menos herói, mais pobre e tendo apenas direito a uma pequena notícia. Mas, nos anos 20, os seus feitos correram o País.

A 9 de Abril de 1924, o «Diário de Lisboa» convidou-o a participar nas cerimónias na Batalha, de homenagem ao Soldado Desconhecido. Chamaram-lhe «Um Herói de Flandres», «Raça Imortal», «A chama da Pátria» e nomearam-no «o mais leal, o mais puro representante de todos os soldados de guerra».

«Quando ele passa, na sua simplicidade de homem do campo e na sua modéstia de soldado que fez muito mais do que o dever lhe impunha, todos os olhares se voltam para ele, perfilam-se os seus camaradas em continência e as mães que têm os filhos ao colo ensinam-lhe a soletrar o seu nome», lia-se nas páginas do «DL», no dia 10 de Abril de 1924. O que fez o soldado Milhões?

Aníbal Augusto Milhais, seu nome verdadeiro, na batalha de 9 de Abril, em Sur la Lis, cobriu sozinho a retirada das tropas portuguesas. Andou quatro dias com a arma às costas, por estradas e barrancos, a combater o inimigo. Dava a sensação de ser um regimento. Por isso, o sobrenome Milhais deu, facilmente, lugar a Milhões.

«Fez frente a grupos de alemães armados até aos dentes, alguns que surgiam nas suas motocicletas a caminho do terreno que fora português. Milhões, embuscado, dizimava-os, obrigava-os a recuar, e, entretanto, os portugueses iam retomando à retaguarda novas posições enquanto ele, sempre só, sem ver civil ou militar, sem já saber onde estava, continuava descarregando em leque a sua metralhadora», lê-se num trabalho então publicado pelo «DL».

Reza a sua caderneta militar: «Louvado em O. E. do Batalhão da Infantaria nº 5 de 15 de Julho - porque sendo o nº 1 da guarnição da metralhadora Revel, na batalha de 9 de Abril Sur la Lis, extraordinária bravura e coragem, efectuando o exemplo vivo da valentia, e realizando voluntariamente a defesa do seu pelotão em Hulte Maisons, atacando com grande valor o avanço do inimigo, não abandonando o seu posto, senão quando, portugueses e escoceses, já se tinham retirado, salvando alguns destes de caírem no inimigo, pois protegeu a retirada de todos, manejando a sua metralhadora, com valor, lealdade e mérito, indiferente à

artilharia e metralhadoras inimigas». Foi condecorado com a Torre e Espada, Cruz de Guerra, Palma de Ouro, Cruz de Guerra belga e medalha especial da Vitória.

Depois de tantos heroísmos, de ter assistido às cerimónias de 9 de Abril na representação oficial, na Sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha, Aníbal Augusto regressou à pequena aldeia de Valongo, em Trás-os-Montes.

Da sua estada em Lisboa, foi considerado surpreendente como, em poucos dias, este soldado conseguiu revestir-se «de um verniz de civilização que não tem muita gente da cidade».

«Na sala de jantar do Grande Hotel, entre senhoras decotadas e homens de *smoking* ou de casaca, o soldadinho humilde e risonho mantinha já uma linha de elegância e de saber estar própria de um major ou de um tenente-coronel», dizia o jornal.

Em Valongo continuou a levar a vida modesta de trabalhador no campo. Ganhava apenas dois mil réis por dia, o que mal dava para sustentar a mulher e o filho de três anos. O «DL» organizou, então, uma subscrição para ele comprar uma moradia.

Entregaram-lhe um tractor e 20 contos de réis. Deu para comprar a casa e uma pequena horta. Mas, pelos visto, Milhões queria mais e, em 1928, com 32 anos, emigrou para o Brasil, dizendo que se tinha empenhado «com a construção da casita».

«Milhões sonhou demais com a fortuna» - perguntava-se na notícia da partida, publicada no «DL», acrescentando: «Que Deus o proteja. Na sua terrinha, na aldeia que hoje se chama, por deliberação do Parlamento, Valongo de Milhões, a sua família espera por ele.»

A sorte foi-lhe madrastra. Em 20 de Agosto de 1928, Milhões voltou à terra natal, ainda mais pobre. E até 3 de Junho de 1970, dia em que morreu, em Murça, nunca mais houve notícias do soldado Milhões.

Posteriormente, a 17 de Novembro de 1971 informava este jornal que tinha sido atribuída uma pensão à viúva. O último acontecimento noticioso envolvendo o herói nacional da Grande Guerra foi a inauguração do seu busto em Murça, em 11 de Dezembro do mesmo ano.

E não fossem a Dona Lurdes Pereira Martins e Francisco Calixto, do arquivo do «DL», que se lembraram desta história, o soldado Milhões continuaria esquecido.

Céu Neves

HERÓIS ANOS 90

Trabalhar aos comandos de um avião dá um grande prestígio. Mas ser mãe de família pouco lhe fica atrás

Grupo dos indiferentes

Competentes e corajosos

Se você for do sexo feminino, tiver entre 15 a 24 anos ou 35 a 44, pertencer à classe média e viver num agregado até 100 mil habitantes, nas regiões do Litoral e da Grande Lisboa, é possível que se enquadre no grupo de portugueses que manifestam claramente a sua indiferença e que avaliam pela mesma bitola critérios tão díspares como sejam os éticos e os de afirmação pessoal, ou os de personalidade e os económicos.

Este é o grupo de maior indefinição, isto é, aquele que apresenta um conjunto de índices (percentagens) globalmente mais próximos do ponto médio da escala de importância referenciada na sondagem. De facto, apenas valores como o poder e a amizade se destacam de uma média que mete tudo no mesmo saco.

Assim, e no que respeita ao conceito de herói, estes portugueses visualizam-no como alguém que se realiza pessoalmente, obtendo prestígio e fama, através de um feito notável e altruísta. E, como melhores exemplos de um acto heróico, escolhem o ganhar um Prémio Nobel, viver com o salário mínimo ou assaltar um banco e não ser preso.

Para este grupo, a felicidade/realização pessoal passa por valores tão distintos como o poder, amizade, lealdade e a coragem, ou, ainda, pelo trabalho e competência.

As áreas em que mais admiram personalidades são o desporto, a política e a televisão/rádio, não esquecendo a vida religiosa.

Por isso, os seus «heróis» preferidos são figuras como Rosa Mota, Paulo Futre, Carlos Lopes, Artur Jorge e Rui Águas; Mário Soares, Cavaco Silva, Sá Carneiro e Jorge Sampaio; Carlos Cruz, Nicolau Breyner, Herman José, Júlio Isidro e António Sala; padre Américo, D. António Ribeiro e D. António Ferreira Gomes.

Rosa Mota, Mário Soares, Carlos Cruz e o padre Américo são os «heróis» que as pessoas deste grupo gostariam de encarnar, ainda que em menor grau do que a sua admiração.

Um grupo que, se pudesse, ressuscitaria, não falando de Camões, personalidades da nossa história como Sá Carneiro, Afonso Henriques e Salazar. E como figuras históricas predilectas o grupo elege Afonso Henriques, Vasco da Gama, o marquês de Pombal, Pedro Álvares Cabral, Gago Coutinho e Maria da Fonte.

Na apreciação de uma pessoa, as qualidades mais importantes para este grupo são a competência, a coragem, a lealdade e a sabedoria.

Como defeitos mais graves numa pessoa vêm a falsidade, a ignorância, o ódio e a cobardia.

E em relação à profissão mais heróica, os elementos deste grupo não fazem grande distinção entre as profissões de pescador, piloto aviador, mãe de família ou mineiro.

Sondagem Euroteste/«DL»

Grupo dos indiferentes:

(19,8 por cento do total de inquiridos)

Idade - 15 a 24 e 35 a 44 anos

Sexo - feminino

Classe - média

Habitat - médio

Região - Litoral e Grande Lisboa

Herói - quem obtém prestígio e fama

Acto heróico - ganhar um Prémio Nobel

Realização pessoal - poder e amizade

Área preferida - desporto

Admiram - Rosa Mota

Gostariam de ser - Rosa Mota

Ressuscitavam - Camões

Herói-tipo - competente e corajoso

Anti-herói - falso e ignorante

Profissão mais heróica - pescador,

piloto aviador, mãe de família e mineiro

Profissões de mérito

De uma lista com 12 profissões, os portugueses elegeram a de piloto aviador (17,7 pontos) como a mais heróica, seguindo-se a de mãe de família (13,6 pontos), pescador e mineiro (ambas com 10,6 pontos) e enfermeira (6,8 pontos).

O grupo que mais valoriza a profissão de piloto aviador é, de acordo com os resultados desta sondagem Euroteste/«DL», constituído por portugueses predominantemente do sexo masculino, que integram a classe média inferior, têm entre 15 a 21 anos de idade e vivem nas regiões da Grande Lisboa e do Interior Norte.

Já a profissão de mãe de família - segundo lugar em heroísmo - é claramente valorizada por pessoas do sexo feminino, independentemente da classe social a que pertencem, mas com máxima expressão no escalão etário dos 35 aos 44 anos e junto de quem vive no Grande Porto.

A profissão de mineiro, por seu turno, é notoriamente valorizada pelos portugueses do sexo masculino que integram a classe alta, têm 30 a 34 anos e vivem na região do Grande Porto.

Porém, a profissão de pescador é sobretudo valorizada pelos portugueses do sexo

masculino que pertencem às classes alta e média superior, têm 45 a 64 anos e vivem no Grande Porto ou na Grande Lisboa.

Por último, a enfermagem, extremamente valorizada pelas mulheres da classe média inferior, com 30 a 34 anos e que vivem nas regiões do Litoral e da Grande Lisboa.

Pobre heroísmo

De salientar, ainda, a fraca pontuação recolhida para profissões como jornalista

(4 pontos), polícia (3,9 pontos) ou juiz (2 pontos).

Por exemplo, em relação ao jornalismo, vê-se que os poucos portugueses que valorizam ao máximo, em termos de heroísmo, esta profissão, são esmagadoramente do sexo masculino e da classe alta, têm 22 a 24 anos de idade e vivem no Grande Porto.

Por seu turno, polícia é uma profissão mais valorizada pelos homens da classe baixa, com 45 a 64 anos de idade e que vivem na Grande Lisboa.

Em relação aos juizes, vê-se que é uma profissão mais valorizada pelos homens da classe média superior, com 30 a 34 anos e que vivem no Grande Porto.

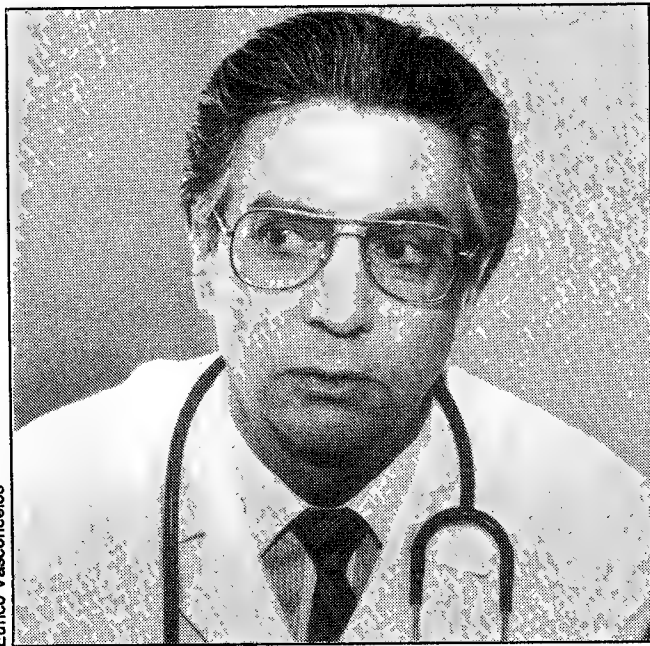
Por último, de referir que o conjunto de pessoas que responderam não considerar heróica nenhuma das 12 profissões da lista apresentada pela sondagem registou um resultado de 8,1 pontos. E os que alegaram não querer ou não saber responder à pergunta totalizaram 13,8 pontos.

Crianças vencem a leucemia

Continuação da pág. 16

A revelação do diagnóstico ocorre quase sempre num clima de angústia e rejeição da verdade. Por vezes, leva algum tempo a que os pais aceitem o facto e se decidam a colaborar no tratamento. Discussões, desavenças e acusações mútuas tornam-se frequentes, apesar de tentarem esconder a verdade da criança. Mas, por muito pouco clara que seja para elas a representação da doença ou da morte, pressentem que estão «muito doentes». Têm medo e refugiam-se no silêncio. Não fazem perguntas, não querem saber nada. A revolta fá-las rejeitar qualquer acto de complacência. Desejam apenas que o seu pânico seja diluído nas brincadeiras do dia-a-dia e numa vida tanto quanto possível normal. «O acto, palavra, ou gesto que os faça sentir coitados é logo rejeitado. Isso só lhes faz lembrar a doença», diz-nos João Bray Pinheiro.

De manhã, os corredores do IPO enchem-se. A azáfama é grande durante o período das consultas e das visitas. Alheados das imagens que passam na televisão, das pessoas que os olham, duas crianças brincam no corredor. No chão, uma pista de automóveis. Para eles, é tempo de serem o Alan Prost ou o Ayrton Senna. Os carros estão a postos, o sinal amarelo e a partida é dada. Entre despitest, idas à box, curvas, reduções e excessos de



Bray Pinheiro: «A taxa de cura atinge 60 por cento»

velocidade, a corrida faz-se. Não há vencedores, o momento valeu pelo divertimento e pelo tempo assim passado, que os fez esquecer a doença. «É importante para a criança estar sempre ocupada. Só assim se consegue suportar a dor e abstrair-se do tratamento», afirma-nos a enfermeira chefe daquele bloco.

Silêncios dolorosos

Entramos na sala e notamos que isso o incomodou. Pedro brincava com a Teresa, a educadora, a amiga que aparece todas as manhãs. Já todos a conhecerem e a sua presença é frequentemente solicitada. Há mesmo

quem chegue a ter ciúmes quando ela não pode dar tanta atenção. O Pedro, continua a olhar-nos receoso. A nossa presença é cada vez mais incomodativa. Não fazemos parte do seu universo, não somos médicos, enfermeiras, amigos ou da família. «Retraem-se sempre um bocadinho quando não conhecem» - explica Teresa. Continua a brincar, prefere o Lego ao He-Man.

A mãe, que também está internada no hospital, para o acompanhar, foi à rua. Sente-se sozinho e desagrada-lhe muito quando lhe «roubam» a Teresa por alguns momentos. Hoje, não teve visitas. Mas, são as tardes que

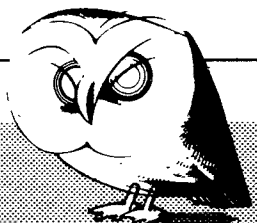
lhe custam mais a passar. São longas e o hospital fica deserto. Tanto ele como os outros quase sempre se refugiam nos quartos, vêem televisão, vídeo e pintam. É dos passatempos que mais gostam. Utilizam cores alegres e esmeram-se para que o seu desenho tenha um lugarzinho na parede branca do hospital.

A maioria não se queixa, suporta quase tudo em silêncio. Mas há sempre alguém eleito para ser seu amigo, sua namorada, aquele que lhe fará companhia durante este período, seja ele médico, enfermeira ou outra das crianças. «Todos têm uma pessoa especial. É o companheiro ou a companheira destes tempos. É importante para eles, sobretudo quando se sentem mais angustiados», diz-nos Teresa Dinis.

Os embaraços dos outros, os desvios de olhares, por causa da falta de cabelo, o esfregar de mãos dos amigos e as piadas de ocasião para ultrapassar o momento, magoam-nos profundamente.

Em casa ou na escola desejam ser tratados como iguais, apesar de serem diferentes. Quase todos se interrogam: «Porque fui eu o atingido?». Poucos ou nenhuns encontram resposta. Aceitam, entram numa luta que, por vezes, nem a própria família entende. E há alguns que vencem aquela que ainda hoje é considerada como a mais terrível das doenças.

A.M.I.



olhar de mocho

Três belezas

A primeira é o Dia de Portugal. Dantes era tudo muito mais simples: dizia-se Dia da Raça, mandava-se o pagode fazer piqueniques nas hortas e nas praias, não havia discursos, o feriado de iniciação nos prazeres do Sol estival gozava-se sem inibições. Agora, a democracia *oblige*, o Dia de Portugal faz lembrar campanhas publicitárias e temos de consumir Portugal como a fábrica de Portugal nos obriga a consumir esquentadores ou a TAP - Air Portugal a fazer férias pelo ar. Depois, foram-lhe adicionar Camões. É uma originalidade a levar a sério. Não conheço um dia britânico para comemorar Shakespeare, um italiano para celebrar Virgílio e Dante, um espanhol para lembrar Cervantes, um alemão para obrigar a ler Goethe ou um francês para consagrar Voltaire. Nós agarramo-nos ao Camões que, segundo reza a lenda, leu os Lusíadas em Sintra ao jovem Sebastião antes de ele partir para Marrocos, e que morreu em 1580 quando começou a primeira União Ibérica. A politização do Camões é extraordinariamente ambígua: Vasco da Gama por um lado, D. Sebastião e Felipes por outro. E finalmente, o Dia das Comunidades Portuguesas. Não estou a ver os varredores de ruas de Frankfurt, os criados de café de Zurique ou os pequenos comerciantes açorianos que se radicaram na América especialmente excitados com os discursos feitos em catadupa, este ano, em Braga, a Baviera portuguesa, mas esse não é o ponto importante. Os nacionais que vivem na Pátria é que precisam deles e não vice-versa. Nós queremos as remessas financeiras deles, de tempos a tempos, também o voto, e por isso, é que os colocamos no Dia de Portugal e de Camões.

A segunda beleza é o futebol. De manhã, à tarde ou à noite, temos um monumental duche catártico de futebol, espectáculo e luta renhida. Nestes dias ninguém é autorizado a queixar-se da programação da RTP, a dizer mal dos seus gestores, a criticar a falta de canais privados. Estamos todos debaixo do duche do Mundial de Itália, é suposto libertarmo-nos das neuroses, das agressões psicológicas com as burocracias e sobretudo das frustrações políticas. Se alguém se queixa, o boticário poderá sempre responder com a receita: «ligue o televisor e isso passa». Mas também existe um aspecto pragmático neste festival futebolístico do Mundial. Quando os momentos de bom futebol e de bom espectáculo rarearem, podemos sempre aprender truques: como se dá uma canelada ao adversário de modo a que o árbitro não veja, rebolar no chão guinchando dores a pedir grande penalidade ou ainda observar nas tribunas os políticos babadinhos com os respectivos heróis - já me fartei de ver o Andreotti a fazer presidências abertas nos estádios.

A terceira beleza foi o ténis de Roland-Garros. Não tenho culpa de preferir o ténis ao futebol e de me deliciar com as finais de Paris. Mas tenho vergonha de falar porque o ténis é elitista e o futebol movimento popular de massas. Como o 10 de Junho é um dia do povo, os apreciadores de ténis têm de meter a viola no saco e não cantar prazeres adulterinos.



José Sousa Monteiro

CULTURA E ESPECTÁCULOS

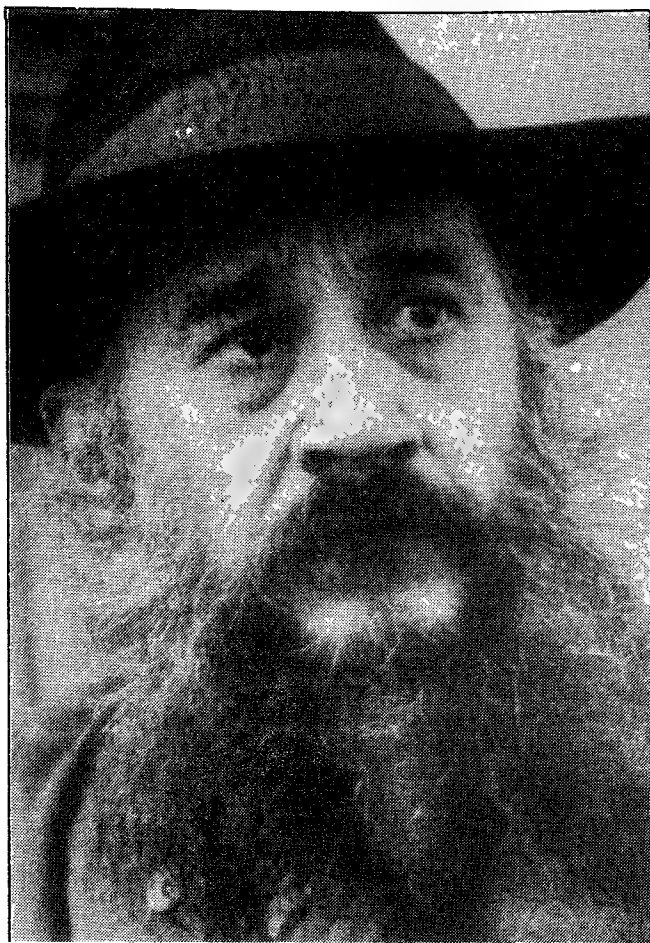
Nos primeiros dias do Festróia 90

À espera das estrelas

O cinema nunca dispensou as «estrelas». Mesmo quando queria fazê-lo, acabou como nas velhas histórias de amores infelizes e permaneceu enamorado. Os festivais de cinema são um pouco assim: pretendem-se espaços privilegiados dos autores independentes, mas acabam por sucumbir aos encantos das maiores vedetas da distribuição comercial.

Veja-se o caso do Festróia, cuja sexta edição se inaugurou na noite de sexta-feira, no Forum Municipal Luísa Todi, do lado de cá do Sado, em Setúbal. Christopher Walken, o padrinho da edição deste ano, não compareceu ao acto. A ausência foi notada e Salvato Telles de Menezes, director da programação do certame, justificou: «Christopher esteve quatro horas dentro de um avião da TAP que não partiu para Lisboa. Seguiu então viagem num voo da TWA.» No melhor pano cai a nódoa e os atingidos podem ser também as estrelas internacionais ansiosamente esperadas num festival português.

Birri, Fernando - As limitações da estrutura têm, por vezes, contrapartidas felizes: há homens que se não conformam e que lutam, vida fora, pelo aperfeiçoamento daquilo em que acreditam. E são Pigmaliões para com as suas Galateias. Fernando Birri nasceu em Santa Fé em 1925, mas manteve um cinema que se torna cúmplice do subdesenvolvimento, é também um subcinema. Por isso, foi grande o cinema que ele construiu e de que o Festróia 90 nos oferece uma breve panorâmica; nove filmes de primeira que são outros tantos instantâneos do quotidiano argentino: «La Fundación de Buenos Aires», «La Pampa Gringa», «La Picardia Crioula», «Los Inundados»,



Fernando Birri, o cineasta argentino que o Festróia agora revela

«Rafael Alberti», «Un Retrato Del Poeta», «ETE: Nicaragua», «Mi Hijo El Che - un retrato de familia de Don Ernesto Guevara».

De Fernando Birri é lícito dizer que introduziu a ambição no cinema da América Latina. Depois de se formar no Centro Experimental de Roma, onde foi particularmente influenciado pela estética neo-realista, Birri regressou aos Andes para parir toda uma geração de cineastas e uma concepção de cinema. Getino e Solanas saíram ao «pai»... ele é uma das estrelas que, sem vir fisi-

camente ao festival, é ansiosamente aguardado em Tróia. Que viva Birri!

Monteiro, João César - Quem conhece João César Monteiro sabe que ele não será jamais uma figura do *star-system*, muito embora este não deixe de o namorar por causa disso. Depois de Veneza lhe ter oferecido o maior dos seus galardões, ele foi homenagens, foi certames internacionais, ele foi um sem-número de coisas que fariam as delícias de qualquer mortal. Chegou o Festróia, e com ele, uma bem achada retrospectiva das «obras completas» de César

Monteiro. Esta tarde ver-se-á, em Setúbal, «Que Farei Eu Com Esta Espada?» e amanhã as inevitáveis «Recordações da Casa Amarela».

Rossellini, Isabella - Antes de ser uma actriz (apesar de também o ser) Isabella Rossellini é sobretudo uma memória e um rosto. Uma memória porque tudo nela (o nome, a postura, as feições) recordam a melhor, a mais mítica idade de todo o cinema mundial. O rosto porque aquele ar doce, muito a lembrar a mamã Ingrid, vale milhões e até é possível que a Lancôme o tenha posto no seguro.

Quando assim é, da publicidade ao cinema dista apenas um passo que se torna ainda mais pequeno quando se assina Rossellini. Vimo-la em filmes de qualidade desigual: «O Sol da Meia-Noite» de um qualquer tarefeiro e em «Veludo Azul» de David Lynch. Em Tróia, aguardamos a antestreia mundial de «O Caçador de Marfim» de Joseph Satgert, uma fita que, também por causa desta presença, é uma das maiores esperanças desta sexta edição do festival.

Walken, Christopher - Apareceu de revólver apontado ao cérebro, a brincar com o fogo em «O Caçador» e nunca mais nos esquecemos dele. Ficou como uma figura perturbante, uma memória de qualquer coisa que arrepiava os nervos à sua passagem. Não será um Kirk Douglas nem um Robert Mitchum, mas é ainda um padrinho que «vale tudo quanto pesa» para este festival.

A «O Caçador» seguiu-se «Annie Hall», «Heaven's Gate» e um Oscar. Mas o Larousse do cinema ainda não lhe incluiu o nome entre os notáveis da Sétima Arte. Vá-se lá saber porquê...

Maria João Martins



HELDER FREIRE COSTA E VASCO MORGADO

HONRAM-SE PELA ATRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS

«PRÉMIO TEATRO DA S. P. A. / 1990»

Pelo esforço dispendido com a reconstrução do Teatro Maria Vitória

«PRÉMIO PRESTÍGIO DA CASA DA IMPRENSA / 1990»

Pela reconstrução do Teatro e pela grande REVISTA



HOJE, DIA 11 E AMANHÃ, DIA 12, FESTEJAMOS ESTE HONROSO ACONTECIMENTO, COM A DISPENSA DE TODA A COMPANHIA, PELO QUE NÃO HAVERÁ ESPECTÁCULO, FACTO POR QUE APRESENTAMOS AS NOSSAS DESCULPAS.
O SUCESSO DE «VITÓRIA! VITÓRIA!...», RECOMEÇA DIA 13 (QUARTA-FEIRA) EM 2 SESSÕES NOCTURNAS (ÀS 20.30 E 22.45 H).
QUINTA-FEIRA FERIADO («MATINÉE», ÀS 16 H. E 2 SESSÕES, ÀS 20.30 E 22.45 H)

CULTURA E ESPECTÁCULOS

13^o FITEI

Teatro africano

No debate referente ao movimento teatral de Angola e Moçambique, que contou com a presença de representantes de três grupos, o Grupo Experimental de Teatro, de Luanda, o Mutumbela Gogo e o Tchova Xita Duma, do Maputo, um dos elementos moçambicanos levantou aquele que podia ser o ponto mais interessante para discutir, o da existência ou não de um teatro africano, de uma antropologia teatral não influenciada pela técnica e pela estética europeias. Era já o fim do debate, havia um espectáculo para ver, e não foi possível levar mais longe a discussão que logo se viu viria a ser mais viva.

Com efeito, nos espectáculos africanos que temos visto no FITEI, nomeadamente dos dois grupos moçambicanos referidos, é evidente a influência do teatro de tradição europeia, o que de resto o historial desses grupos, no que se refere ao seu repertório, confirma. Não significa isto, é evidente, que não haja nesses espectáculos elementos da tradição local, pelo contrário, esses elementos (como o da relação do texto com a música e a dança, o ritmo) são predominantes nessas criações. No entanto, no seu todo, os espectáculos vistos aqui não surgem enraizados numa ritologia própria, são espectáculos facilmente reconhecíveis nas suas formas e nos seus discursos.

Daí o interesse do tema colocado pelo actor moçambicano no que se refere à possível sobrevivência de formas teatrais ou parateatrais de um teatro de características rurais, que ele defendia, em manifestações festivas, como o nascimento ou um pedido de casamento. A respeito deste, o lobôlo, precisamente, Manuela Soeiro, do Mutumbela Gogo, lembrou a importância da criação em 1972, na então Lourenço Marques, de um espectáculo de negros, dirigido por Norberto Barroca, que então aqui noticiámos, espectáculo que obteve grande êxito e influiu no aparecimento de um movimento teatral africano. Os problemas que se levantaram no colóquio referido vieram a ter uma resposta, ainda que parcial e insuficiente, no espectáculo apresentado pelo Grupo Experimental de Teatro, de Luanda, baseado num romance de Uanhenga Xitu, Mendes de Carvalho, com o título «Kahitu». Este grupo está integrado na Secretaria de Estado da Cultura de Angola e é a única companhia profissional deste país. De acordo com o teor do romance, o espectáculo recupera usos e tradições ritualistas dos povos africanos e daí o seu interesse em relação ao debate em causa. «Kahitu» conta a história de um amor proibido, o de um jovem que nasceu paralítico, Kahitu, e de Saki, a mais bonita rapariga da aldeia. A recusa dos pais de Saki e a oposição dos habitantes da aldeia levam Kahitu ao suicídio, o que desencadeia a fúria dos elementos, provocando a destruição da sanzala e muitos mortos.

A narração da história não é linear, já que é contada através da história de três gerações, na qual descobrimos alguns dos ritos da tradição popular, como a do Kituta, que representa o rei das águas, e os Kimbadás, curandeiros que impõem determinados preceitos. É o facto de o pai de Kahitu não cumprir uma dessas recomendações que leva à deficiência deste. A história tem, pois, implicações realistas (cenas de escola, relações da criança aleijada com as outras crianças, cenas de amor, rivalidade dos curandeiros), ao mesmo tempo que tem implicações mágicas, o que desde logo distingue o espectáculo dos seus congéneres. Mas também o tipo de narrativa utilizado para contar essa(s) história(s) contribui para o singularizar.

O encenador, Avelino de Almeida Tavares Neto - Dikota - estudou no IFICT e é actualmente aluno do 2º ano da Escola Superior de Teatro e Cinema. Ele optou por uma narração coral da história, o que menorizou os problemas levantados por um texto nem sempre suficientemente teatral e ao mesmo tempo confere ao espectáculo uma interessante forma épica, que é reforçada pela intervenção da dança e do canto que têm importantes funções descritivas. Se é através dos jogos vocais e coreográficos (coro, grupos de intérpretes) que o espectáculo mais fortemente se torna teatro, não se pode deixar de sublinhar a importância das cenas de participação individual ou dialógica, como a dos curandeiros, de indiscutível qualidade sob o ponto de vista da interpretação e da dramaturgia, na ressonância paródica que a cena parece assumir. Pareceu-me haver reminiscências do sistema Coringa, criado por Augusto Boal, em especial na maneira como vários intérpretes assumiam várias personagens.

Com esta peça, o FITEI enriqueceu o nosso conhecimento de um teatro outro, justificando assim a sua vocação para actuar as mais diversas formas de criação teatral. Que a apresentação do grupo moçambicano Tchova Xita Duma certamente reforçará. Este facto compensa-nos amplamente de alguma debilidade desta 13ª edição do festival português.

Carlos Porto

«Lohengrin» é a mais recente «superprodução» do S. Carlos. Hoje o espectáculo repete naquela sala centenária, e a 18 a presente versão da ópera de Wagner segue para o Coliseu, à procura de outros públicos

Para contar a filhos e netos

A componente lírica é um dos aspectos fundamentais de Lohengrin, a despeito das situações fortemente dramáticas desta ópera de Wagner, na qual é marcante um melodismo por vezes muito subtil. Certos filamentos mais tradicionalmente estilísticos ou menos ostensivamente inovadores que afloram no recorte formal da partitura e uma tal ou qual uniformidade rítmica de discurso constituem factores que ajudaram, porventura, a determinar uma popularidade que desde longa data bafejou a obra. O que em nada diminui o imenso potencial dramático e o sentido dos contrastes dinâmicos que o génio de Wagner aqui manifesta, a par de um emprego já amplo e aprofundado do *leitmotiv* (uma das pedras de toque da estética wagneriana) e de uma inventiva sempre desperta e, não raro, admiravelmente requintada da linguagem orquestral.

A realização que agora temos é, a muitos títulos, uma daquelas que, sem favor, fazem história no Teatro de São Carlos. Importa realçar que a orientação seguida desta vez - de co-produção criteriosa e extremamente cuidada (neste caso envolvendo a Ópera de Nice) no duplo aspecto interpretativo e de concepção - representa um dos grandes caminhos válidos a adoptar para a legítima exploração dos recursos e das potencialidades do nosso Teatro Lírico por excelência, prestes a comemorar já dois séculos de existência. O que não exclui, evidentemente, um mais cabal aproveitamento, ao longo das temporadas e a vários níveis, dos elementos intrínsecos nacionais, sem esquecer os cantores, naturalmente, e com maioria de razão aqueles que integram o elenco da companhia residente.

Para o êxito averbado na récita de estreia, e que entusiasticamente saúdo, contribuiu decisivamente o núcleo dos excelentes cantores intervenientes e que se impuseram também por predicados de cantores-intérpretes, por vezes de altíssimo coturno. Foi um conjunto não apenas equilibrado, mas de elevado nível. E neste número deve incluir-se o tenor Eberhard Buchner, que uma ocasional indisposição de saúde impediu de cantar com mais brilho a parte do protagonista.

Não deixou, no entanto, de evidenciar um timbre bonito e expressivo. Defendeu-se fazendo uso da meia-voz, mas isto só se tornou possível graças a um grande domínio técnico.

Mechthild Gessendorf («Elsa») é uma soprano de voz muito clara, forte, cheia e, ao mesmo tempo, não destituída de doçura, características que valorizam a personagem. Quanto a Waltraud Meier, não será exagero considerá-la, actualmente, a maior intérprete do papel de «Ortruda». Para lá dos seus dotes histriónicos e da sua presença em cena, dispõe de um órgão vocal extraordinariamente rico pela invulgar amplitude, nomeadamente no registo agudo, pela espantosa potência. Incarnou, com uma veemência impressionante, a perfídia de «Ortruda». «Telramundo» encontrou no barítono Donald McIntire um intérprete de superior categoria. E até certa dureza, que se nota, por vezes, na sua voz, contribui para acentuar o carácter do ambicioso marido de «Ortruda».

Harald Stamm («Rei Henrique») esteve bem, vocal e cénicamente, o mesmo podendo dizer-se da actuação de David



Pittman-Jennigs («Arauto»). Papéis mais episódicos foram confiados a coralistas que se integraram, de maneira positiva, no conjunto, destacando-se, no entanto, a participação dos elementos femininos. Porém, o êxito alcançado, a exemplaridade e o carácter excepcional de que se revestiu este espectáculo do Lohengrin, não se afirmariam com a pujança que se verifica, sem a categoria e a imaginativa concepção da realização cénica devida a Pet Halmen, um nome que há muito se firmou no tablado internacional. Pet Halmen, que tem, aliás, uma trajectória multifacetada e foi colaborador de personalidades da envergadura de Wieland Wagner e Ponelle, dispõe, e honrosamente, de uma boa tarimba (passe o termo) em vários aspectos do seu *métier*, o que lhe permite ocupar-se em profundidade dos mais diversos sectores da realização.

É assim que ele assina igualmente os cenários, os figurinos e a luminotecnia.

Não vou pormenorizar a pertinência psicológica que reinou no espectáculo, a riqueza de efeitos e de cambiantes, os não poucos achados da realização técnica em relação com o conteúdo simbólico e expressivo da acção e da música, o acerto dos desempenhos... Mas diga-se que o 2º acto foi, a este respeito, magistral, no contraste estabelecido entre dois planos eficazmente sugeridos: o mundo

das forças sombrias ou subterrâneas da ambição e da perfídia e a atmosfera mais desanuviada ou mais impregnada de apelo místico. O jogo das cores e o teor dos trajes processaram-se em correlação com o carácter das personagens e os conflitos psicológicos.

Por outro lado, e nomeadamente no 3º acto, a estilística global não se pautou por estritos cânones aristotélicos ou rigores cartesianos. A diversidade de enfoques assumiu uma dimensão fortemente expressionista (e expressivista), em que nem sequer faltaram algumas pinceladas de cor local ou até, episodicamente, algum pendor para o *kitsch* e o *naïf*... Pet Halmen conseguiu caldear uma pluralidade de elementos díspares, com ousadia, mas sem quebra de um fundamental bom gosto, poventura algo tradicional, e aqui e além afluindo um certo esteticismo. O que não é pecado... A Orquestra do Teatro de São Carlos prova que continua num caminho ascendente e responsável, e que é capaz de corresponder.

E ao Coro são devidas referências no mesmo sentido. Jan Lathan-Koenig mostrou, uma vez mais, que é um regente de fibra: tem concepções que defende com determinação e sabe obter notavelmente muito do que desejava. Um espectáculo que não se esquecerá certamente - para contar a filhos e netos.

Nuno Barreiros

CULTURA E ESPECTÁCULOS

O «DL» tomou o pequeno-almoço com Rogério Santos e Mónica Severino após a sua vitória na Grande Noite do Fado. Pouco passava das 10 da manhã. Meia hora antes, tinha sido a consagração, depois de uma noite de nervos e de algum sofrimento, perante um Coliseu dos Recreios cheio até ao fim

O nosso alegre fado

«Nunca mais vou esquecer este dia. Foi impecável!», afirmou Mónica Severino, ven-cedora feminina, de apenas 17 anos, representante do Clube Artístico e Comercial de Torres Vedras, com um sorriso largo de simpatia contagiante na face ainda corada devido à alegria da vitória, após a longa noite terminada há poucos momentos.

Dela se pode dizer com propriedade que «chegou, viu e venceu», pois foi a sua primeira participação na longa maratona. Sucumbiu ao cansaço: «Houve uma altura em que adormeci mesmo; não aguentei mais». Mas não aos nervos: «Quando cheguei ao palco, senti-me tão bem a cantar... não sei explicar. Apetecia-me ficar ali a cantar toda a noite.

«Mas nunca imaginei, em momento nenhum, ganhar. Foi uma surpresa».

Maria Idalina Henriques, mãe da Mónica, comoveu-se como podia ver-se pelos seus olhos ainda brilhantes de orgulho e satisfação e sofreu um bom bocado (como qualquer mãe que se preze): «Para o fim, então, nem se fala. Tanto até ela subir ao palco, como depois dela cantar, à espera do resultado. «Em princípio, quando comecei a ouvir os concorrentes, até à altura em que ela cantou, disse para o meu marido: "Se forem só estes concorrentes -- porque eu estava convencida que eram apenas trinta concorrentes -- a nossa filha ganha". Mas quando vi que havia mais dez fiquei um pouco apreensiva.

«Mas desde princípio, pensei sempre que ela ia ganhar. Estou convencida que ela tem uma belíssima voz».

O próprio Rogério Santos disse que, nos ensaios, ao ouvir cantar Mónica Severino nunca teve dúvidas de que ela seria a vencedora.

Com o cansaço visível na cara mas disfarçado pela emoção e pela satisfação, Rogério Santos, vencedor masculino, concorrente individual -- que cantou um fado

com o título apropriadíssimo de "Sombra de Ninguém", letra de Francisco Martinho e música de Carlos da Maia -- apresentava uma atitude calma, mais próxima do profissional que está habituado a pisar os palcos que do amador que participa esporadicamente num concurso.

Pode dizer-se que se trata de um veterano, apesar da sua juventude, pois foi a sua terceira participação neste espectáculo de fado, tendo já arrebatado um terceiro lugar: «Isto é um hobby. Mas já canto o fado há bastantes anos. A primeira vez que o fiz, tinha 16 anos, interpretei um fado do saudoso Fernando Farinha, cujo título era "Belos Tempos"».

«Nunca fiz profissão disto porque não quis. Não quer dizer que daqui para a frente não pense na hipótese, ou nas hipóteses, que me possam dar para seguir a carreira por um ano ou dois, até me fartar», referiu Rogério Santos.

Não escondeu que se sentiu desmotivado e nervoso após ouvir as palmas que o público quiz conceder ao segundo classificado. Apesar de tudo, «tal como aconteceu com a Mónica, depois de acabar, apetecia-me cantar mais meia dúzia de fados», referiu.

Pode-se dizer que à sua mulher, Luísa Santos, as palmas recebidas pelo concorrente colocado em segundo lugar estragaram parte da noite: «Estava à espera da vitória do Rogério, mas após ouvir o segundo classificado perdi completamente as esperanças. Fui-me logo embora, já nem quis ouvir mais ninguém...».

A vitória foi para ela muito importante: «Era um dos meus sonhos. Era o maior sonho que eu tinha».

Rogério Santos, gerente industrial (possui uma indústria de estofos e decorações), 37 anos de idade, morador em Odivelas, dedicou a sua vitória à filha: «A minha mulher vai-me des-



Francisco Paraíso

Rogério Santos e Mónica Severino: a alegria da vitória

culpar, mas acima de tudo vou dedicar a vitória à minha filha, de oito anos, que é quem eu mais adoro na vida.

«Depois, é evidente que a dedico a ela e a todos os meus amigos que fizeram um enorme esforço para me dar este primeiro lugar».

Mónica Severino, que frequenta o 11º ano e está a tirar um curso técnico profissional de secretariado, pretende continuar a estudar gestão de empresas (talvez um bacharelato no ISLA), dedicou a sua vitória aos pais e aos amigos: «Os meus pais sempre me deram muito apoio. Os meus amigos também são muito importantes, especialmente a Sílvia (curiosamente, a vencedora do concurso feminino do ano passado). Ela sempre me ajudou muito.

«Primeiro que tudo, ela é minha madrinha e é ela que me tem arranjado algumas saídas para ir cantar o fado.

«Ainda não sei se depois

de tirar o meu curso quero ser profissional. Ainda não pensei nisso», concluiu a interprete de "Que Deus me Perdoe".

Se mais provas fossem precisas de que Torres Vedras é terra de fadistas, os resultados da Grande Noite do Fado, no sector feminino, dos dois últimos anos aí estão: duas amigas íntimas de Torres Vedras vencem em dois anos consecutivos. Caso para perguntar se têm alguma amiga para mandar ao Coliseu no próximo ano...: «Vamos pensar», responderam com um sorriso a Sílvia e a Mónica.

Sílvia Filipe Sebastião, por um lado, esperava a vitória da sua afilhada porque sabia que ela tinha valor para isso; por outro lado, não acreditava porque, devido à presença de claudes, é muito difícil vencer no Coliseu.

Quanto à sua vitória no ano passado, Sílvia está desiludida. Ganhou um fim-de-semana no Algarve, produtos de uma conhecida marca de café, um fato de treino e uma taça. Justo, como prémio, teria sido, para ela, a gravação de um disco (coisa que, aliás, os vencedores deste ano vão poder fazer).

Presentes, no pequeno-almoço, estiveram também uma prima direita de Rogério Santos que nunca deixou de acreditar na vitória deste, apesar dos aplausos para o segundo classificado, e Júlio Dias, um amigo que já teve vários programas de rádio dedicados ao fado.

Para este último, conhecedor do fado, o valor de Rogério Santos é inquestionável: «Este ano aconteceu, no Coliseu, ganhar a

qualidade do fado. É que, por vezes, não ganha aquele que sabe cantar o fado, mas aquele que o público elegeu.

«Ficou bem entregue o primeiro lugar, que podia também ter ido para o concorrente que se classificou na segunda posição».

Quanto a recepções nos sítios onde vivem, nem Mónica, nem Rogério estavam

à espera de grandes festejos, exceptuados os familiares e os amigos mais íntimos. Fizeram mais amigos, confessaram-nos ambos. Eles próprios se tornaram dois bons amigos, sendo este um dos aspectos que consideraram mais importantes desta experiência e desta prova difíceis.

Mário Rocha



Francisco Paraíso

Ao pequeno-almoço: os vencedores, os familiares e os amigos

BIENAL INTERNACIONAL DE MARIONETAS DE ÉVORA

9 a 17 DE JUNHO

CENTRO DRAMÁTICO DE ÉVORA
TEATRO CARLOS DE CAZES
ÉVORA
PATRIMÓNIO MUNDIAL

MARIONETTES À FILS (França), BULULU THÉÂTRE (França)
 ATTRACCIONES LA ESTRELLA (Espanha)
 BONECOS DE SANTO ALEIXO (Portugal)
 MARIONETAS DE KIEV (URSS), PEIKE BOSHMA (Holanda)
 PANNALLA'S PUPPETS (Suíça)
 PARKER MARIONETTES (Inglaterra)
 TEATRO DOM ROBERTO (Portugal), HAD (Checoslováquia)
 ROMAN PASKA (USA), TRULE (Portugal)
 MARIONETAS DE LISBOA (Portugal)
 PETER WASHINSKY (RDA)
 TEATRO DEL DRAGO (Itália), ELS AQUILINOS (Espanha)
 MARIONETAS DO PORTO (Portugal)
 TEATRO POPULAR DE MÁSCARAS E BONECOS (Espanha)

Apoios

— Secretaria de Estado da Cultura; Fundação Calouste Gulbenkian; Instituto de Promoção Turística; Governo Civil de Évora; Instituto da Juventude; Embaixadas de: França, URSS, Checoslováquia, USA, RDA, Bélgica; Instituto Teatral Holandês; British Council; Albergaria Victoria; Pensão Polícarpo; Restaurante Alcazar; Residência Riviera; Banco Totta & Agóres; Caixa Geral de Depósitos; Foforeira Portuguesa; Intotevora; O Expresso; JLT; O Jornal; A Capital; Diário de Lisboa; O Primeiro de Janeiro; Rádio Comercial; Rádio Diana; Rádio Meridional; Rádio Jovem.

Câmara Municipal de Évora

MUNDIAL

Classificações

Grupo A

Itália - Áustria, 1-0;
e Estados Unidos - Checoslováquia, 1-5.

	J	V	E	D	G	P
Checosl.	1	1	-	-	5-1	2
Itália	1	1	-	-	1-0	2
Áustria	1	-	-	1	0-1	0
EUA	1	-	-	1	1-5	0

Faltam disputar os jogos (horas de Lisboa): dia 14 — Itália - Estados Unidos (Olimpico, Roma, 20h); dia 15: Áustria - Checoslováquia (Comunale, Florença, 16h); dia 19: Itália - Checoslováquia (Olimpico, Roma, 20h); Áustria - Estados Unidos (Comunale, Florença, 20h).

Grupo B

Argentina - Camarões, 0-1; e URSS - Roménia, 0-2.

	J	V	E	D	G	P
Roménia	1	1	-	-	2-0	2
Camarões	1	1	-	-	1-0	2
Argentina	1	-	-	1	0-1	0
URSS	1	-	-	1	0-2	0

Faltam disputar: dia 13 — Argentina - URSS (San Paolo, Nápoles, 20h); dia 14: Camarões - Roménia (Nuovo Comunale, Bari, 20h); 18: Argentina - Roménia (San Paolo, Nápoles, 20h); e Camarões - URSS (Nuovo Comunale, Bari, 20h).

Grupo C

Brasil - Suécia; 2-1.

	J	V	E	D	G	P
Brasil	1	1	-	-	2-1	2
Suécia	1	-	-	1	1-2	0
C. Rica	-	-	-	-	-	-
Escócia	-	-	-	-	-	-

Faltam disputar (horas de Lisboa): hoje — Costa Rica - Escócia (Estádio Luigi Ferraris, Génova, 16h); dia 16: Brasil - Costa Rica (Nuovo Comunale, Turim, 16h); e Suécia - Escócia (Luigi Ferraris, Génova, 20h); dia 20: Brasil - Escócia (Nuovo Comunale, Turim, 20h); e Suécia - Costa Rica (Luigi Ferraris, Génova, 20h).

Grupo D

Emirados Árabes Unidos - Colômbia, 0-2; e Alemanha Federal - Jugoslávia, 4-1.

	J	V	E	D	G	P
RFA	1	1	-	-	4-1	2
Colômbia	1	1	-	-	2-0	2
E. Árabes	1	-	-	1	0-2	0
Jugoslávia	1	-	-	1	1-4	0

Faltam disputar os jogos (horas de Lisboa): dia 14 — Jugoslávia - Colômbia (Estádio Renato dall'Ara, Bolonha, 16h); dia 15: Alemanha Federal - Emirados (Giuseppe Meazza, Milão, 20h); dia 19: Alemanha Federal - Colômbia (Giuseppe Meazza, Milão, 16h); e Jugoslávia - Emirados (Renato dall'Ara, Bolonha, 16h).



Com este gol de Biyc Oman, os Camarões envergonharam a equipa argentina

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Um piparote nos dinossauros

Ainda agora começou a corrida e já está, equitativamente, dividida a gama antípoda das emoções: alegria mais ou menos comediada em sete bandeiras, testa franzida em outros tantos estandartes. E, logicamente, foguetes nos países tradicionalmente mais apaixonados pelo futebol. No Brasil, o muito suado êxito de Careca e parceiros irmanando-se ao samba louco que atapetou o duplo sucesso de Senna & Piquet na estreiteza do carroussel canadiano. Em terras romenas, a euforia rodeando o brilho de Lacatus no teste ante uma URSS sem lampejos nem imaginação igualada ao bonito triunfo de Mónica Seles no palco vermelho de Roland Garros.

E, se os sete espectáculos italianos já deixaram na peneira uma vintena de golos, isso faz adivinhar que, embora soviéticos, argentinos, austríacos e árabes tenham ficado a ver navios (alguns bem longo do alto do Capitólio e já pertinho de uma anunciada resvaladela pela Rocha Tarpeia) não restem dúvidas: este será o Mundial da não-abstinência, um concurso de caça ao tesouro que ergue em delírio as plateias, a revolta dos inconformados perante as mais estranhas táticas defensivas inventadas por técnicos sem ousadia, escassos de ambição, tolhidos na estrada da coragem.

O painel rasgou-se imediatamente com desfechos de siderar a clientela menos excitável. Camarões com duas unidades expulsas reduzindo a cisco a falta de automatismos dinamizados do abúlico «super-team» chefiado por Maradona e Oman-Blyk vingando a injusta expulsão do mano que (sem por isso) valeu patavina a

quem voluntariamente se depauperou de Valdano e acabou por ver o normal rabulista de turno ficar na algebeira de qualquer contrário que passava junto à sua cadeira de ouro. Depois, foi o baile mandado por Lacatus no terreiro onde a URSS entrava demasiado impante: para sofrer um KO na ponta do queixo.

Houve aquele monótono sucesso colombiano sobre árabes que desperdiçaram um colete de forças em torno de Valderrama, ainda a figura exponencial dos franceses do Montpellier. E, logo, dois confortáveis suplantes de blocos credenciados por números que quase não se usam numa fase decisiva de acesso ao trono de todos os continentes: a Checoslováquia teve pelas barbas a carinha ainda sem pelos de escolares norte-americanos e fez deles um figo. Quanto à Alemanha, muito cedo verificando que o sportinguista Ivkovic estava de costas para todos os donos do céu, atirou-se à Jugoslávia como gato a bofe. Estarão já encontrados dois emblemas que vão limitar-se a funcionar como pagens do reino?

Dúvidas de todo o limite moram em outros tribunais. Em que medida a Itália poderá suplantar a má lubrificação das suas peças patenteadas na dificuldade criada pela Áustria que tinha (ainda) como esgrimista de maior peso uma arquibancada quase totalmente de braço dado com Vialli e Baresi?

A desesperada chamada de Schillaci, um apelo feito por Vicini, com o coração quase a estilhaçar-se, resultou apenas porque aconteceu um brevíssimo instante de desconcentração austríaca e (também) Polster não conseguiu calibrar perfeita-

mente uma bola que roçou no poste de Zenga que andava já aos malmequeres, estendido sobre a relva. Por outro lado, saudando-se o brilhante de Careca no diálogo com suecos de temperamento glacial mas algum arame farpado na biqueira das botas, é forçoso confessar-se que o 1.º tento foi logrado em nítida posição de fora de jogo e entre muitos milhões de vários credos e raças, apenas o italiano Túlio Lanese resolveu virar o olhar às avesas. A partir daí, porque Magnusson não dava uma para a caixa e Stromberg esteve tempo demais na lateral, foi fácil ao desconjuntado agrupamento de Lazaroni saltar a barreira, mesmo assim socorrendo-se de todos os truques que fazem parte do melhor repertório sul-americano.

Há abalos em colunas do tempo e talvez muito em breve rolem estátuas pelo solo. Caso se repitam dois «placards» negativos (Argentina, URSS) podem ocorrer cisões no reino dos deuses, vozes estranhas erguendo-se nos areópagos, súditos dos fidalgos soltando grito do Ipiranga, arrebatando carta de alforria. Arrogâncias estatelando-se por terra, deuses escapulindo-se do Olimpo.

Na hora de ternuras, começando a envolver desprotegidos pela fama antiga, quebradas as grillhetas que uniam sindromas de conformismo, este «mundial» pode marcar-se como pesadelo para quantos andam repousando sobre o terror que antes espalharam aos ventos. Daí que a sacudidela nos dinossauros tenha surgido na hora exacta em que quase tudo o que acontecia no Mundo vai virando de página.

PORTAS DE SEGURANÇA SEMES

COM QUATRO METROS LINEARES DE TRANCA (DOIS DE CADA UM DOS LADOS DA PORTA)

Parecendo portas absolutamente normais, as PORTAS SEMES são dotadas da máxima segurança, tanto contra ataques violentos (alavancas, pés-de-cabra, discos de serra, berbequins, etc.), como contra procedimentos mais sofisticados (gazuas, apalpadores ou chaves falsas). O seu sistema de tranca não se resume a um determinado número de pontos, mas sim em algo muito mais eficaz: «QUATRO METROS LINEARES DE TRANCA».

Quando fechar esta porta, poderá ficar seguro de que ninguém a abrirá

Nas portas de segurança os aros e as dobradiças são elementos da maior importância. Por isso desenhámos expressamente para o efeito o perfil de aço com que são fabricados os aros que fornecemos com todas as nossas portas.

Também as dobradiças foram objecto de um cuidadoso estudo da nossa parte e, em vez de utilizarmos dobradiças de aparafusar, construídas em ferro ou material fundido, decidimos equipar todas as nossas portas com dobradiças fabricadas em aço torneado, soldadas aos aros e às portas.

NÃO SOFRA MAIS PELA SEGURANÇA DO SEU LAR

SEMES

SEMES — SISTEMAS ELECTRÓNICOS E METALOMECÂNICOS DE SEGURANÇA, LDA.

Novas instalações:
FUNDAÇÃO DE OIRAS — 443 03 24



MUNDIAL

O Mundial de Futebol cativa a atenção de muita gente, mesmo dos que, normalmente, pouca importância ligam ao desporto-rei. «Fora de jogo» é uma secção onde, diariamente, damos a palavra a gentes das Artes, das Letras, do Espectáculo e da Política. São olhares diferentes sobre o espectáculo do momento

FORA DE JOGO

Um pretexto para não ir aos Stones

Se que saber a verdadeira razão porque não fui aos Stones e fiquei a ver o Brasil-Suécia, é que, no fundo, no fundo, acho que nem eu nem eles temos já idade para estas coisas.

Por isso, quando o «DL» me pediu para comentar o despique entre o Thern e o Valdo, eu achei que o pretexto era excelente para ficar em casa e acabar em beleza uma jornada desportiva no pequeno ecrã, daquelas que acontecem tão poucas vezes na vida como um eclipse do sol ou um 13 no totobola. Mas, depois de Roland Garros, onde um veterano vingou, sem garra a impertinência dos jovens que deram agora em derrubar sem-cerimónia os consagrados (numa idade em que ainda não têm direito a ter carta de condução); depois de os moralizados checos de Havel terem batido sem glória os ingénuos ianques de George Bush; foi a vez de o fanático mas genial Ayrton Senna arrumar, sem surpresa, e desta vez sem asneiras, o frio e cauteloso Alain Prost. Tudo tão morno como um domingo em que se festejava o Dia de Camões. A esperança de o salvar do bocejo, ficava, portanto, reduzida à presumível inspiração dos dois escretos canarinhos.

Mas estava escrito, como diria o Fatalista de Diderot, que eu iria sofrer até ao fim a punição da minha imoderada paixão pelo desporto ao domicílio: o jogo do Brasil com a Suécia foi quase tão chato como foi, há dias, aquela final do Prater, que já todos fizemos por esquecer.

Não fora o sentido das responsabilidades com que nos estragam em pequeninos, e eu teria mandado o jogo e o comentário às malas, e ligava mas era para o 2.º canal, onde a Ava Gardner e a Grace Kelly se dedicavam a um desporto bem mais interessante de seguir pelo ecrã, mesmo em diferido: saber qual das duas iria acabar por caçar o impenitente Clark Gable.

Condenado, pois, por dever de ofício, ao 1.º canal, a minha simpatia, no jogo de Torino, ia, claro está, para os brasileiros, como, no filme do John Ford, vai para a Ava Gardner, porque os nossos irmãos nos habituaram a mexer-se no terreno como o mais belo animal do mundo se passei pelo ecrã; e fazia figas contra os nórdicos do Olle Nordin, como os espectadores do «Mogambo» fazem figas contra a manhosa Grace Kelly «pálida e loira, muito

loira e fria», a querer desviar o Clark Gable do caminho da virtude.

Ora, com o andar do jogo, e sobretudo depois do primeiro golo do Careca (que eu ia jurar que foi «off-side»), a minha simpatia foi-se transferindo, com aquela solidariedade instintiva que costumamos partilhar com os mais fracos, para os enérgicos suecos que se esforçavam com mérito, mas sem proveito, a romper aquela espessa muralha defensiva com que o Lazzaroni decidiu desfigurar a selecção do Brasil, talvez por vir exhibir-se em terras do «catenazzio».

É verdade que o escrete, com esta vitória tangencial tem já garantida a passagem aos quartos de final e arrisca-se mesmo a ir mais longe. Mas, por este caminho, o futebol sambado que vinha de Vavá e Didi, passou por Tostão e Pelé, Garrincha e Jairzinho, Sócrates e Falcão, ficará enterrado em Itália, sem que o crime compense: não é assim que este Brasil-90 levará pela quarta vez para as terras de Collor de Mello a taça de Jules Rimet.

Porque, diga-se em abono da verdade, se o jogo de Torino (filmado desastrosamente pela RAI), se salvou da sucessão de passes falhados e da monotonia das faltas e dos castigos foi, afinal, porque o inconformado Stromberg e o inspirado Thomas Brolin decidiram que o jogo não estava resolvido e que havia ainda dez minutos para jogar à bola. O menos que se pode dizer é que o Brasil não ganhou para o susto, como os 65 mil espectadores do Torino não tinham ganho para o bilhete.



Cineasta

E a mim, para acabar de me estragar este Dia de Camões, comemorado com digna sonolência na terra dos Arcebispos e no 1.º canal, só me faltava que, daqui a um bocadinho, o meu filho mais novo me entrasse pela porta dentro a dizer que eu sou mas é um grande careta e que perdi hoje um grande espectáculo... no Estádio de Alvalade!

Carlos Queirós: distinção ao mérito

Carlos Queirós (seleccionador nacional das categorias jovens do futebol português) foi distinguido pela FIFA ao integrar o quadro de observadores técnicos no Mundial cabendo-lhe a coordenação do grupo que acompanhará os jogos do grupo «C». A função de

Carlos Queirós e dos seus companheiros eleitos pela FIFA consiste na observação dos jogos e elaboração de relatórios detalhados referenciando as incidências técnicas. Ontem, Carlos Queirós esteve em Turim a observar o encontro Brasil-Suécia.

D I G E S T

Bispo integra comitiva da Costa Rica

Todas as selecções finalistas do Mundial de Futebol incluíram médicos nas suas delegações, algumas contrataram cozinheiros e a Costa Rica fez-se acompanhar de um bispo católico, para garantir a celebração de uma missa diária.

Os responsáveis pela selecção sul-americana escolheram o bispo italiano Lino Cuniberti, a trabalhar na Colômbia, há 30 anos, para garantir o apoio religioso à equipa durante o Itália-90.

Bilhetes falsos

A Polícia de Nápoles descobriu uma tipografia ilegal e apreendeu cerca de dois mil bilhetes falsos para jogos do Mundial de Futebol a disputar em Nápoles.

Os bilhetes destinavam-se aos encontros do Grupo «B» da fase de qualificação Argentina - União Soviética e Argentina - Roménia.

Apesar da descoberta da tipografia clandestina, numa zona da cidade controlada pela Camorra, a Polícia disse recluir que muitos bilhetes falsos circulem no mercado negro.

Sean Connery e Rod Stewart apoiam selecção escocesa

O actor Sean Connery e o cantor Rod Stewart vão apoiar a selecção escocesa no Mundial de Futebol.

Os dois escoceses, hospedados num hotel de luxo próximo do centro de estádio da selecção em Rapallo, integrarão hoje a claque escocesa, no Estádio Luigi Ferrari, em Génova, onde a Escócia disputa o seu primeiro jogo, frente à Costa Rica.

Segundo a organização do Campeonato do Mundo de Futebol, Sean Connery e Rod Stewart poderão mesmo fazer uma visita aos balneários, antes do jogo, para ajudarem a elevar o moral da equipa.

O custo da indisciplina

Os dois futebolistas dos Camarões expulsos no jogo com a Argentina, Kana-Biyik e Benjamim Massing, foram multados em 10 mil francos suíços (cerca de 1500 contos) cada e suspensos por um jogo.

Os jogadores, expulsos no jogo inaugural do Mundial, em que os Camarões venceram (inesperadamente) a selecção campeã do Mundo por 1-0, não poderão assim alinhar na próxima partida da sua equipa no grupo «B», com a Roménia, quinta-feira, em Bari.

Mundial a chá

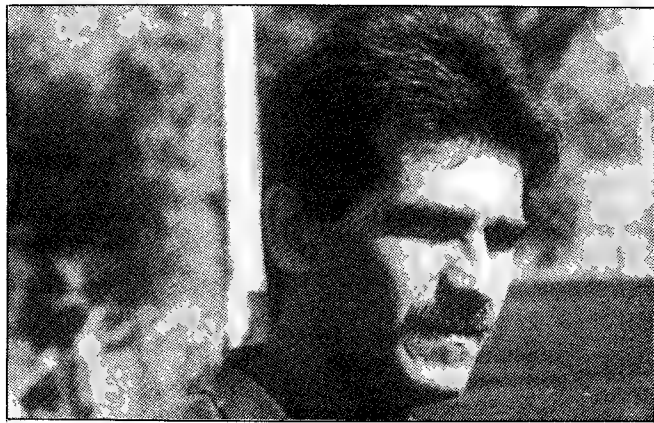
Roma juntou-se às restantes cidades italianas que impuseram a «lei seca» durante os dias do Mundial de Futebol, como forma de prevenir eventuais actos de violência.

A suspensão da venda de bebidas alcoólicas afecta todos os bares da cidade, supermercados, aeroportos e estações de caminhos de ferro e rodoviárias, vigorando nas 24 horas dos cinco dias em que vão decorrer encontros do Mundial em Roma, incluindo a final, no dia 8 de Julho.

A «lei seca» aplicada na cidade da Gagliari, na Sardenha, será mais dura, estando prevista a suspensão da venda de bebidas alcoólicas no interior e nos arredores da cidade durante 48 horas, nos encontros, em que estiver presente a Inglaterra.

Bari, Bolonha, Florença, Milão, Palermo, Turim e Verona tinham já proibido a venda de bebidas alcoólicas, após o apelo, em Maio, do ministro do Interior, António Gava, por um «mundial a chá».

Génova e Nápoles deverão seguir o exemplo das restantes sedes do Mundial.



grafiseis

ARTES GRÁFICAS

Av. dos Hospitais Cívicos de Lisboa, 10-20 — Reboleira

2700 AMADORA - PORTUGAL

Tels.: 495 27 72/73/89-495 27 66-495 22 93/94/95/96/97

Telex: 44860 FISEIS P — Fax: 495 22 72

Procuramos a perfeição
para melhor o servir!
Estamos no limiar do ano 2000!
Somos **GRAFISEIS**

MUNDIAL



Italianos e austríacos, mascarados, no Estádio Olímpico de Roma

Grupo A

Itália, 1 - Áustria, 0

Com arrepios de frio tremer mas não cair

Bela partida estiveram os austríacos a pregar aos alunos de Vicini, meio milhão de contos na bilheteira romana para se sofrer, até que o desesperado apelo a Schillachi, valeu, logo no 1.º toque de bola, o golo que evitou desmaios em torrente. Ainda que não podendo ter em acção, Rodax (o goleador que vai estar ao lado de Futre, no Atlético de Madrid) o «team» das valsas deu um bailarico a italianos aturidos. Baresi, Giannini, Donadoni e Viali criaram cabelos brancos. Linderberger, Polster e companhia estão ali para as curvas. Um fartote de golos perdidos dava para todo o Campeonato.

José Wright (Brasil), esteve brando em de-

masia no capítulo disciplinar. Carlos Valente (Portugal) e Perez Hoyos (Colômbia) foram os fiscais de linha.

ITÁLIA: Zenga; Baresi; Bergomi; Ferri e Maldini; Donadoni, De Napoli e Ancelotti (De Agostini na 2.ª parte); Giannini; Carnevale (Schillachi, 75) e Viali.

ÁUSTRIA: Lindenberger; Aigner; Russ, Pecl e Schoettel; Artnor (Zsak, 61); Linzmaier (Hortnagi, 77), Herzog e Streiter; Ogris e Polster.

Golo: Schillaci (78). Cartão amarelo para Herzog.



urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

Av. D. Nuno A. Pereira, 46 r/c-E

2800 ALMADA-PORTUGAL

☎ 2744257-2744256

Telex 61004 TRIALM P — FAX 2743653

VENDEMOS

LISBOA

Av. 5 de Outubro. Prédio devoluto, c/ 14,5 metros frente e 40 metros fundo. Pode-se construir 9 pisos.

—//—

Calçada do Lavra. Prédio devoluto. Lote c/ 440 m², área construção 2206 m². Escritórios 5 pisos e c/v.

—//—

Campo Grande. Lote c/ 464 m². Aprovado 10 pisos. Área de construção cerca de 4000 m².

—//—

Campo Pequeno. Terreno c/ cerca de 23 000 m². Aprovado para: Edifícios de escritórios, Hotel de Apartamentos, Centro Comercial e Parques de estacionamento. Área total de construção: 143 000 m².

—//—

R. Rosa Araújo (junto ao Hotel Altis) Lote c/ 450 m², aprovado, s/loja 426 m², cave, entrada e loja 426 m², r/c, loja 426 m² 8 pisos c/3918 m² área construção, 3 c/v est.

—//—

Morada. Centro a 50 metros praia. R/c, 1.º andar e terraço.

Vista panorâmica. Salões, casa jantar, 4 quartos c/roup. Jardim e quintal c/ furo.

—//—

R. Barata Salgueiro — R. Rodrigo da Fonseca. Lote c/900 m², aprovada, 7 pisos. Área construção acima do solo 3276 m², abaixo do solo 1379 m².

MARISOL

Morada de luxo c/piscina. Casa p/caseiro, barbecue e garagens. Área do lote 1100 m².

—//—

Lote de terreno c/420 m². Aprovado para moradia.

—//—

Lote de terreno c/700 m², murado. Proj. aprov. e licença paga. Para moradia.

CRUZ DE PAU — AMORA

Morada. R/c c/ 400 m², 1.º e 2.º andares c/ 5 ass. cada. Central. Óptimos acessos.

VERDIZELA

Lote c/ 1050 m², urbanizado, c/ todas as infra-estruturas.

VÁRIOS

CORROIOS. Na Estrada Nacional 10. Urbanização aprovada para 310 fogos.

—//—

SOBREDA DE CAPARICA. Urbanização aprovada para 80 fogos.

—//—

SOBREDA DE CAPARICA. Andares prontos a habitar c/ 4 ass.

—//—

FERRERIA DO ZÉZERE/Lagoa de Dornes. Quinta c/3 ha, murada, casa c/ 10 ass., sótão e cave amplas. Adega, estábulos, pomar e vinha. Muita água, electric. e telef., junto a estrada alcatroada.

—//—

FERRAGUDO-ALGARVE. Junto à praia. Área total 92500 m², área a urbanizar 57 000 m², piscinas, courts de ténis, centro comercial, parques.

—//—

COVA DA PIEDADE-ALMADA. Unidade industrial c/ 1000 m² de área. Pronta a laborar. Bons acessos e localização.

Grupo A

Checoslováquia, 5 - Estados Unidos, 1

Golos, cartões, falhas, tudo na mesma peneira

Aflitivamente ingénuo, o «onze» dos EUA não tem ataque e, quanto a defesas laterais, temos conversado. Venglos explorou perfeitamente as deficiências nos flancos da garotada onde apenas Meola e os centrais tentaram dar um ar de graça. Sem patronato a meio-campo, os norte-americanos entraram no saco de checos que até se permitiram ao luxo de desperdiçar a 2.ª grande penalidade. Acabando com 10 unidades, sem ânimo nem força, os opositores de Chovanec, Skuhavy e Bilek perderam com toda a naturalidade. Perante

aqueles laterais do país dos dólares, vencer é obrigatório.

O suíço Kurt Roethisberger foi drástico para os estado-unidenses e silenciou um pouco face aos nomes checoslovacos que estavam em campo e actuavam com a mesma dureza.

CHESLOVÁQUIA: Jan Stejskal; Miroslav Kadlec, Frantisek Straka, Jozef Chovanec e Jan Kocian; Michal Bilek, Lubos Kubik, Ivan Hasek e Lubomir Moravacki (Vladimir Weiss, 82); Tomas Skuhavy e Ivo Kno-

flicek (Milan Luhovy, 76).

ESTADOS UNIDOS: Tony Meola; Gesmond Armstrong, Steve Trittschuh, Mike Windischmann e John Harkes; Tab Ramos, John Stollmeyer (Marcelo Balboa, 63), Bruce Murray (Chris Sullivan, 77) e Paul Caligiuri; Peter Vermes e Eric Wynalda.

Golos: Tomas Skuhavy (2), Bilek (de grande penalidade), Hasek, Luôvy e Paul Galigiuri. Cartão amarelo para Tony Meola, Trittschuh, Kubik e Kadlec. Cartão vermelho para Wynalda.

Grupo B

Roménia, 2 - URSS, 0

Lacatus chegou e sobrou para soviéticos a passo

Espectáculo frio, mecanizado e lento por parte dos soviéticos, com maior centelha e melhor toque de bola no «onze: romeno, a URSS logo de entrada perdendo um leque de golos possíveis, o «team» de Bucareste com guarda-redes seguríssimo (Lung). Mesmo sem o artista cinco estrelas do seu bloco (Hagi), Marius Lacatus resolveu o problema, abatendo qualquer hipótese de favoritismo da equipa de Lobanovski. A cidade de Bari pouco ligou a um «show» onde 42 907 pagantes viram a Roménia beneficiar de ausência de Mikhaylitchenko e fazer nova surpresa neste Mundial.

no, que (inclusive) assinalou grande penalidade contra a URSS por falta cometida fora da área de rigor.

ROMÉNIA: Lung; Rednic, Andone, Popescu e Klein; Rotariu, Timofte, Sabau e Lupescu; Lacatus (Dumistrescu, 87) e Reducio-lu (Balint, 80).

URSS: Dassaev; Kouznetsov, Kdidiatouline e Gorloukovits; Rats; Aleinikov, Bessonov, Litovchenko (Yaremchouk, 66) e Zavarov; Protasov e Dobrovolski (Borodiouk, 76).

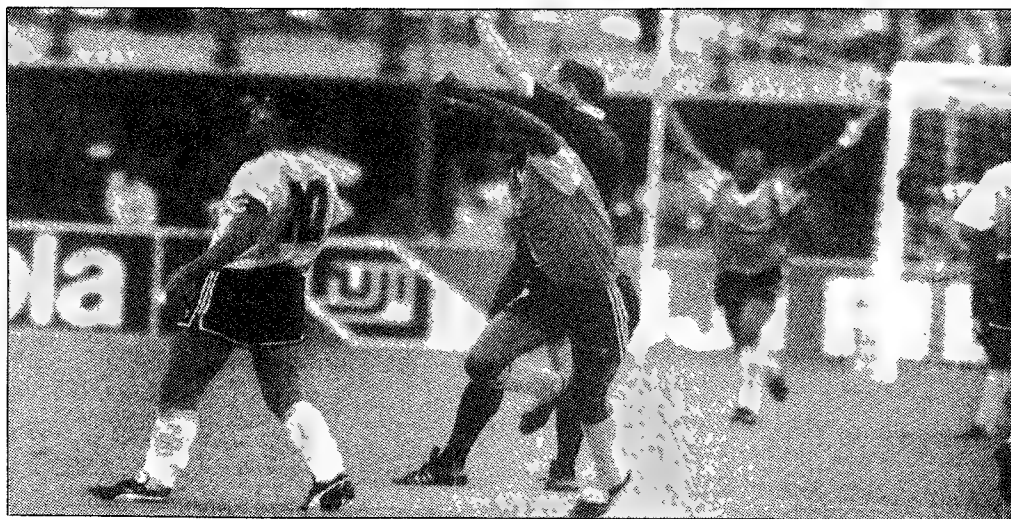
Golos: Lacatus (dois, o 2.º de grande penalidade inexistente). Cartão amarelo para Khidiatouline e Lacatus.

Má arbitragem do uruguaio Juan Cardelli-

Grupo B

Camarões, 1 - Argentina, 0

Milionários sem vintém metem viola no saco



Maradona triste com o desenhar da derrota da sua selecção

Aqui há dias ninguém acreditaria:» e, todavia, as turmas que os Camarões transportam até campeonatos mundiais nunca sofreram qualquer derrota, apenas saindo do palco por fraca produtividade atacante. Destas vez, mesmo terminando a partida com menos duas unidades, nunca baixaram bandeira perante argentinos que pareceram entrar no relvado de Milão convencidos de que o peso da popularidade de Maradona no conclave re-

solvia qualquer caso. Seriam favas contadas se os pupilos de Carlos Bilardo tivessem jogado um mínimo do que é exigível a super vedetas. Afinal, o fato de ganga venceu.

Michel Vautrot (França) foi demasiado injusto ao expulsar Kana Blyick. Indirectamente, talvez tenha catapultado os Camarões para o êxito...

Camarões: N'Khomu; N'Dip; Tataw, Kunde, Massing e Ebwelle; M'Bouh, Ka-

na, Blyick e M'Fede (Libli, 66); Mekanaki (Roger Mila, 81) e Omam Blyick.

Argentina: Pumpido; Simon, Rugger, (Caniggia, 2.ª parte), Fabbri e Sensini (Calderon, 69); Batista; Buruchaga, Basualdo e Lorenzo; Balbo e Maradona.

Golo: Oman Byick (68). Cartão amarelo para Massing, N'Dip; Sensini e M'Bouh. Cartão vermelho a Kana Blyick e Massing.

MUNDIAL



Contra a Suécia, os brasileiros sofreram muito no fim

Grupo C

Brasil, 2 - Suécia, 1

Careca não perdoou aos nórdicos

Tinha especial interesse para os portugueses verem em acção «estrelas» que já passaram por cá (Stromberg, Mozer), outras vedetas que, por enquanto, continuam ligadas a clubes lusitanos (Ricardo Gomes, Valdo, Branco, Silas, Thern e Magnusson) mais um nome sueco que vem aí para o Benfica (Schwarz). Afinal, o goleador Careca, que é neto

de uma portuguesa da Madeira («a avó Maria», que ele irá visitar em meados do próximo mês) foi a gazuca canarinha, num duelo em que Magnusson não tocou na bola e, para o aplauso, apenas se colocaram, Thern, Stromberg, Muller e Ravelli, vá lá, também Jorginho e Limpar.

O italiano Túlio Lanese dirigiu bem um jogo conside-

rado difícil.

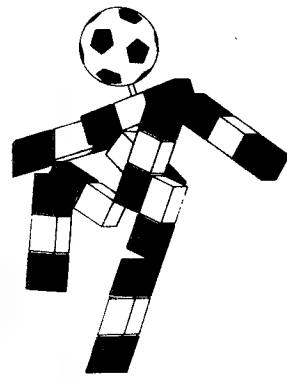
BRASIL: Cláudio Taffarel; Mauro Galvão; Jorginho, José Mozer, Ricardo Gomes e Branco; Alemão, Dunga e Valdo (Paulo Silas, 83); Careca e Muller.

SUÉCIA: Thomas Ravelli; Roland Nilsson, Peter Larsson, Roger Ljung (Glenn Stromberg, 70) e Stefan Schwarz; Anders Limpar,

Jonas Thern, Klas Ingesson e Joakim Nilsson; Mats Magnusson (Stephan Pettersson, 2.ª parte) e Tomas Brolin.

Golos: Careca (2) e Brolin. Cartão amarelo para Mozer, Branco, Dunga e Ingesson.

MARCADORES



Vinte golos até agora

Quatro jogadores com dois golos cada lideram a lista dos melhores marcadores do mundial após sete encontros já efectuados. A lista é a seguinte:

Com dois golos

Careca (Brasil)
Marius Lacatus (Roménia)
Lothar Mathaeus (RFA)
Thomas Skuhravy (Checoslováquia)

Com um golo

Michael Bilek (Checoslováquia)
François Omam Biyik (Camarões)
Tomas Brolin (Suécia)
Paul Caligiuri (EUA)
Ivan Husek (Checoslováquia)
Davor Jozic (Jugoslávia)
Juergen Klinsmann (RFA)
Milan Luhovy (Checoslováquia)
Bernardo Redin (Colômbia)
Salvatore Schillaci (Itália)
Carlos Valderrama (Colômbia)
Rudi Voeller (RFA)

Grupo D

Colômbia, 2 - Emirados Árabes, 0

Entre dois Carlos Albertos: Valderrama bateu Parreira

Erro tático da turma dirigida pelo brasileiro Carlos Alberto Parreira, permitindo o desmarcamento da defensiva a facilitar o rápido raide de Valderrama que deu o golo do conforto colombiano, marcou um fracasso inicial dos multimilionários Emirados Árabes, que gastaram incalculável fortuna para, durante dois anos, prepararem a embaixada a Itália. Dezoito anos depois da última presença numa fase decisiva do Mundial, os sul-africanos (muito ríspidos no período inicial do embate, em Bolo-nha), equipa dos «europeus» Escobar e Carlos Alberto Valderrama, segue em frente.

Discreta arbitragem do britânico George

Courtney.

COLÔMBIA: Huigita; Herrera, Escobar, Perea e Gildardo Gomez; Gabriel Gomez, Alvarez, Redin e Valderrama; Rincon e Iguaran (Estrada, 78).

EMIRADOS ÁRABES: Musabbh; Elssa Meer (Abdullah, 76), Ghanim, Hissaim e Ibrahim Meer; Ghuloum, Khamees, Abdulrahman e Ali Thani; Fahad Khamees (Bakheet, 59) e Adnan Khamees.

Golos: Redin (51) e Valderrama (85). Cartão amarelo para Elssa Meer, Hussaim e Ibrahim Meer.

Grupo D

RFA, 4 - Jugoslávia, 1

Ivkovic: dois «frangos» e noite para bem esquecer

Breve mas cauteloso estudo mútuo foi interrompido pelo 1.º tento de Matthaeus e, antes do intervalo, Klinsmann aumentou um «score» que se justificava daí a pouco, porque o guarda-redes Ivkovic (guarda-meta do Sporting) autorizou dois «frangos» e contribuiu decisivamente para o descalabro da turma jugoslava, que chegou ao 1-2, mas, perante as falhas do seu último reduto, acabou por entregar ao adversário todo o ouro da mina. Augenthaler, Matthaeus, Voller e Klinsmann apenas tiveram concorrência no aplauso em Katanec, Stojkovic, Susic e Vujovic, num duelo que desequilibrava a base jugoslava.

Actuação modelar do juiz dinamarquês Peter Mikkelsen.

RFA: Bodo Illgner; Stefan Reuter, Thomas Berthold, Guido Buchwald e Klaus Augenthaler; Andreas Brehme, Thomas Haessler (Moeller, 75), Lothar Matthaeus e Uwe Bein (Littbarski, aos 75); Rudi Voeller e Juergen Klinsmann.

JUGOSLÁVIA: Tomislav Ivkovic; Predrag Spasic, Zoran Vulic, Davor Jozic e Faruk Hadzibegic; Mirsad Baljic, Srecko Katanec, Dragan Stojkovic e Safet Susic (Brnovic, 58); Dejan Savicevic (Prosinecki, 58) e Zlatko Vujovic.

Golos: Lothar Matthaeus (2), Klinsmann, Voeller e Jozic. Cartão amarelo para Andreas Brehme.

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

Ao abrigo e em conformidade do disposto na legislação, a **RODOVIÁRIA NACIONAL** definiu os níveis mínimos de serviços indispensáveis para a satisfação das necessidades fundamentais de transporte dos utentes, para o dia 12 de Junho de 1990.

Igualmente será feito o reforço daqueles níveis de serviços com o recurso a outros meios rodoviários para o efeito identificados «Ao serviço da RN», no período das 06.00 horas às 21.00 horas nas seguintes linhas:

Cruz de Pau-Cacilhas
Cruz de Pau-Praça de Espanha
Amora-Cacilhas
Miratejo-Cacilhas
Miratejo-Praça de Espanha
Feljô-Cacilhas
Costa Caparica-Trafaria
Costa Caparica-Praça de Espanha
Almada-Praça de Espanha

Amadora-Belém
Amadora-Algés
Brandoa-Colégio Militar
Queluz de Baixo-Colégio Militar
Massamá-Colégio Militar
Caneças-Odivelas
Ceneças-Colégio Militar
Odivelas-Entrecampos
Entrecampos-Entrecampos
Bucelas-Entrecampos

São válidos os seguintes títulos de transportes:

PASSE MULTIMODAL
ASSINATURA DE LINHA
PASSE COMBINADO
PRÉ-COMPRADO «RN»

G-03/84

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

MUNDIAL

OS JOGOS NA TV

Hoje

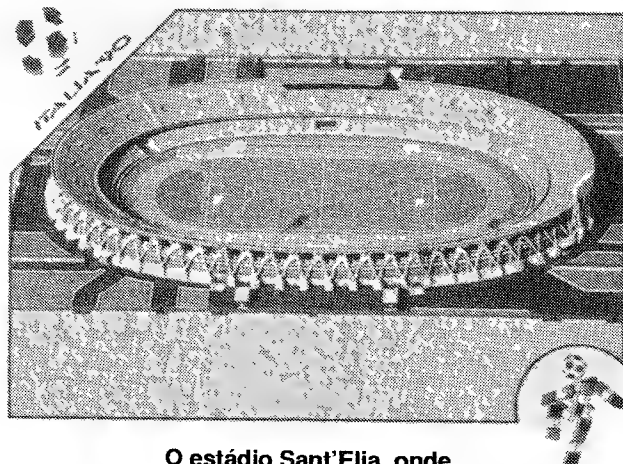
RTP 1 16.00

COSTA RICA - ESCÓCIA

RTP 2 20.00

INGLATERRA - IRLANDA

Peter Shilton	1	Pat Bonner
Gary Stevens	2	Chris Morris
Stuart Pearce	3	Steve Staunton
Neil Webb	4	Chris Hughton
Des Walker	5	Kevin Moran
Terry Butcher	6	Ronnie Whelan
Bryan Robson	7	Paul McGrath
Chris Waddle	8	Ray Houghton
Peter Beardsley	9	John Aldridge
Garry Lineker	10	Tony Cascarino
John Barnes	11	Kevin Sheedy
Paul Parker	12	David O'Leary
Chris Woods	13	Andy Townsend
Mark Wright	14	Mick McCarthy
Tony Dorigo	15	Bernie Slaven
Steve McMahon	16	John Sheridan
David Platt	17	Niall Quinn
Steve Hodge	18	Frank Stapleton
Paul Gascoigne	19	David Kelly
Trevor Steven	20	John Byrne
Steve Bulu	21	McLoughlin
David Seamon	22	Gerry Peyton



O estádio Sant'Elia, onde ingleses e irlandeses jogarão esta noite

Amanhã

RTP 1 16.00

BÉLGICA - COREIA DO SUL

Philippe Albert	1	Kim Poong-Joo
Gilbert Bodart	2	Park Kyung-Hoon
Jan Ceulemans	3	Choi Kang-Hee
Nico Claesen	4	Yoon Deuk-Yeo
Lej Clyster	5	Chung Yong-Hwan
Marc Degryse	6	Lee Tae-Ho
Stephane Demol	7	Noh Soo-Jin
Jean de Sart	8	Chung Hae-Won
Filip de Wilde	9	Hwangbo-Kwan
Michel de Wolf	10	Lee Saang-Yoon
Marc Emmers	11	Byun Byung-Joo
Eric Gerts	12	Lee Heung-Sil
Georges Grun	13	Chung Yong-Soo
Pascal Plovie	14	Choi Soon-Ho
Michel Preudhomme	15	Cho Min-Kook
Enzo Scifo	16	Kim Joo-Sung
Lorenzo Staelens	17	Gu Sang-Bum
Fanky van der Elst	18	Hwang Seon-Hong
Marc van der Linden	19	Jeong Gi-Dong
Bruno Versavel	20	Hong Myung-Bo
Patrick Vervoort	21	Choi In-Young
Marc Wilmots	22	Lee Young-Jim

RTP2 20.00

HOLANDA - EGITO

Amarelos, 13 - Vermelhos, 3

Os árbitros chamados a dirigir os sete encontros já efectuados a contar para o Mundial — com um ou outro erro de julgamento — têm evidenciado extremo rigor no capítulo disciplinar em obediência às severas instruções do Comité de Arbitragem da FIFA e parecem empenhados em não utilizar condescendência paternalista. Até este momento a cartolina amarela foi exibida a 13 futebolistas e a vermelha a três transgressores. Quanto a advertências temos os seguintes contemplados: Herzog (Áustria), Kuidia Turlin (URSS), Lacatus (Roménia), Kubik (Checoslováquia), Sensini (Argentina), Brehme (RFA), Tritschuli (EUA), Essa Meer, Hussain e Ibrahim Meer (Emirados Árabes Unidos) e Massing, N'Dip e M'Boug (Camarões).

No que toca a expulsões os visados foram: Wynalda (EUA) e Kana Biyick e Massing (Camarões).



Segurança máxima: um a um os espectadores sujeitam-se à revista policial antes de entrarem nos estádios

Violência por todo o lado

Alemães, ingleses e jugoslavos já têm adeptos na cadeia

Os primeiros sintomas de que a violência protagonizada por «hooligans» de diversas origens, estará presente em Itália, no decurso do Mundial, surgiram ainda antes do primeiro apito arbitral, com incidentes registados em Cagliari, Milão, Génova e Verona.

Em Cagliari, a polícia deteve 13 alemães-federais, e dois polícias ficaram feridos nos confrontos com cerca de 200 germânicos. Em Milão, foram detidos 29 alemães e um italiano; em Cagliari, a polícia de intervenção carregou sobre um grupo de 20 adeptos ingleses acabando por os conduzir para lugar seguro.

Mais tarde, e na mesma cidade, foram detidos 14 ingleses por perturbação da ordem pública e resistência à autoridade policial sendo previsível que venham a ser punidos com 15 dias de prisão.

Em Milão, registaram-se violentos confrontos entre alemães e jugoslavos, tendo ficado feridos 23 desordeiros e detidos 36 e nos arredores de Verona estiveram envolvidos cerca de 50 germânicos, 13 dos quais ficaram feridos.

Em Génova, foram detidos dois ingleses por posse de nava-lhas e correntes metálicas pelo que foram remetidos ao seu país.

Shilton ameaça recorde de Jennings

O guarda-redes inglês Peter Shilton está prestes a fixar um novo recorde do mundo de internacionalizações no Mundial de Futebol de Itália-90 apesar dos protestos do avançado sul-coreano, Choi Soon-Hoo.

Um porta-voz da Federação Internacional de Futebol (FIFA) revelou em Roma, ter aquele organismo reconhecido que o recorde mundial oficial de internacionalizações pertence ao antigo guarda-redes Pat Jennings, com 119 jogos pela selecção da Irlanda do Norte.

O veterano Peter Shilton, já vestiu a camisola inglesa em 118 partidas, pelo que espera bater aquele recorde mundial em Itália-90, apesar de os responsáveis sul-coreanos reivindicarem que o seu avançado Choi Soon-Hoo, de 28 anos, já alinhou 129 vezes pelo seu país.

Contudo, o porta-voz da FIFA afirmou que o pretensão recorde de Soon-Hoo não poderá ser oficialmente reconhecido sem que seja verificada a sua validade, acrescentando: Pedimos esclarecimentos aos sul-coreanos e, aparentemente, eles enviaram-nos um documento, mas ainda não o recebemos. Precisamos de examinar os jogos

disputados por Soon-Hoo por que apenas reconhecemos partidas entre selecções de dois países, sejam oficiais ou particulares — disse o porta-voz da FIFA, concluindo: até agora o recorde é de Jennings.

Aos 40 anos, Shilton é o futebolista mais velho de todos

quantos participam em Itália-90 e deverá igualar hoje o recorde de Jennings quando a Inglaterra defrontar a República da Irlanda, em Cagliari.

Os jogadores com mais internacionalizações em todo o Mundo são os seguintes: 1.º Pat Jennings, Irlanda do Nor-

te, 119; 2.º Peter Shilton, Inglaterra, 118; 3.º Bjorn Nordqvist, Suécia, 115; 4.º Dino Zoff, Itália, 112; 5.º Pelé, Brasil, 110; 6.º Oleg Blokhin, URSS, 109; 7.º Bobby Moore, Inglaterra, 108; 9.º Ladislav Boloni, Roménia, 107.



DESPORTO

Aurora Cunha venceu a Orange Classic

Aurora Cunha venceu a prova de estrada Orange Classic disputada nos arredores de Nova Iorque, recebendo cerca de cinco mil dólares pela vitória, perto de 750 contos.

Aurora Cunha gastou o tempo de 32.38 minutos, fazendo o segundo melhor tempo na corrida, ficando a três segundos do recorde da prova que pertence a Joan Benoit (EUA).

A norte-americana Kelly Cathew ficou em segundo lugar com mais onze segundos que Aurora Cunha.

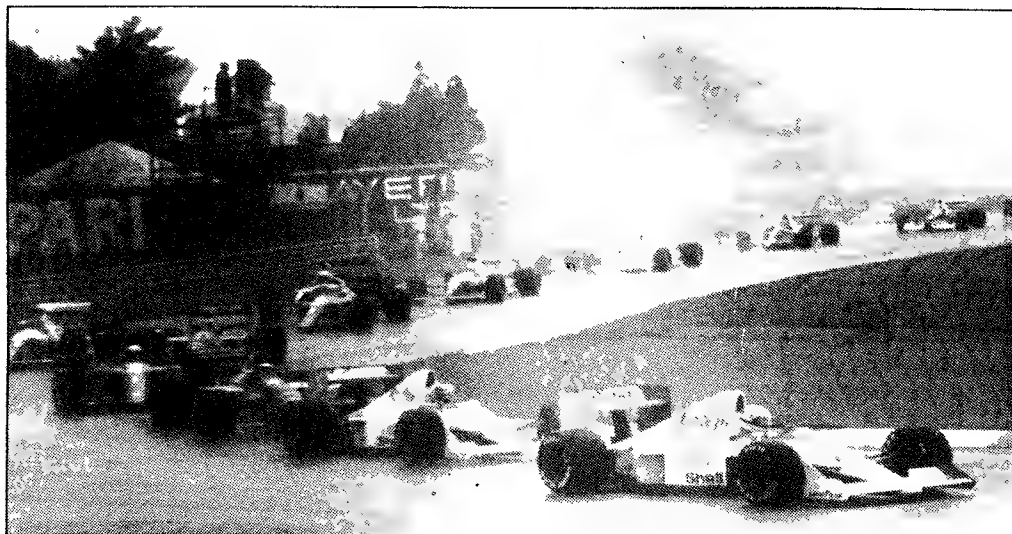
Joaquim Andrade mais rápido na clássica Porto-Lisboa

A 60.ª edição da clássica velocipédica Porto-Lisboa, foi ganha por Joaquim Andrade da Sicasal / Acral que, na Calçada de Carriche, saltou do pelotão não consentindo que os seus companheiros de fila o apanhassem antes da meta situada na Avenida da Liberdade. O jovem atleta percorreu a distância (341 km) em 9 horas, 19 minutos e 2 segundos à média de 36,598/hora. No 2.º posto classificou-se o seu colega de equipa Manuel Correia com-se 26 segundos seguindo-se Marco Chagas (Orima / Cantanhede), Paulo Pinto (Avibom / Valouro / Lousa) e Manuel Abreu (Sicasal / Acral).

Surpresas em Roland Garros

Vencedor, este ano, de dois importantes torneios em terra batida (Barcelona e Madrid) e depois de ter participado no Estoril Open, Andre Agassi chegou a Paris carregado de ambição e com um sorteio favorável, o tenista equatoriano concretizou um velho sonho, batendo, no final, o norte-americano Andre Agassi pelos parciais de 6-8, 2-6, 6-4 e 6-4. O triunfo em Roland Garros rendeu-lhe 33 mil dólares (55 mil contos).

No sector feminino, a vitória coube à jovem (16 anos), jugoslava Monica Seles que, na final, bateu a número um mundial Steffi Graf pelos parciais de 7-6 e 6-4.



Um aspecto da partida

Dobradinha brasileira

O brasileiro Ayrton Senna, em McLaren, ganhou o Grande Prémio do Canadá, quinta prova do mundial de Fórmula Um, disputado no Circuito Gilles Villeneuve, em Montreal. O segundo lugar foi para outro brasileiro, o antigo campeão mundial Nelson Piquet, em Benetton, e

no terceiro lugar ficou o britânico Nigel Mansell, em Ferrari. Ayrton Senna consolidou o comando do mundial da especialidade, com 31 pontos, contra 18 do seu colega de equipa na McLaren, Gerhard Berger, da Áustria, quinto na prova canadiana.

Andebol

Benfica «chumba» estudantes

Com o FC Porto a cumprir a sua «obrigação» batendo (3.ª feira passada, nas Antas, o ABC por 33-27), as restantes partidas da 10.ª jornada da fase final do Nacional da 1.ª Divisão foram disputadas no sábado, com supremacia das três equipas visitantes. De notar, neste aspecto, o facto de dois dos prêmios terem sido disputados em casa emprestada, num dos casos com certa polémica à mistura.

Foi o que se passou com o encontro Académica de Coimbra-Benfica, realizado no Municipal de Leiria, mas anunciado durante a semana como provável para o Pavilhão das Antas. Felizmente, em nosso opinião, o bom senso prevaleceu e o jogo disputou-se na cidade do Lis, onde os campeões nacionais passaram um difícil obstáculo

com determinação e sob a batuta de Miguel Fernandes, Covaciú e Appelgreen (8 e 9 golos, respectivamente). A perder já ao intervalo (10-13), os estudantes não tiveram argumentos capazes para contrapor à superioridade encarnada, sendo Wilson o seu melhor elemento, ao apontar 8 tentos.

Os resultados completos da 10.ª jornada foram os seguintes: FC Porto, 33-ABC, 27; Boavista, 16-V. Setúbal, 24; Académica, 20-Benfica, 28 e Sporting, 20-Belenenses, 25. Daí resultou o seguinte escalonamento classificativo: 1.º, Benfica, 58 pontos; 2.º, FC Porto, 56; 3.º, V. Setúbal, 49; 4.º, ABC, 45; 5.º, Académica, 40; 6.º, Belenenses e Sporting, 39 e 8.º, Boavista, 35.

Aproveitando os feriados, a

11.ª etapa realizar-se-á a meio da semana, englobando os seguintes jogos: Benfica-Sporting (32-23 na 1.ª volta), Belenenses-FC Porto (21-24), ABC-V. Setúbal (16-18) e Académica-Boavista (18-22).

Illiabum campeão nacional da 2.ª Divisão

Batendo na derradeira jornada o Académico do Funchal por 27-20, o Illiabum sagrou-se campeão nacional da 2.ª Divisão, sucedendo assim ao Boavista (vencedor na época transacta).

Jorge Marques

Sporting e Barcelos na final de hóquei

Sporting Clube de Portugal e Oquei de Barcelos são os finalistas da Taça de Portugal de hóquei em patins, que se disputa no próximo sábado, no Pavilhão do Dramático de Cascais.

Nas meias-finais, o Sporting surpreendeu o Benfica, conseguindo virar um resultado desfavorável de 1-3 para 4-3, deixando fora de prova o

favoritismo dos encarnados. O encontro teve lugar no Pavilhão da Vila Franca de Xira, devido à impossibilidade de os «leões» poderem jogar em Alvalade, tal a «força» dos Rolling Stones, que ali actuaram ontem à noite.

No outro jogo das meias-finais, a turma minhota do Barcelos cilindrou o Seixal por 17-4.

Futebol por cá

2.ª Divisão (apuramento do campeão nacional): Gil Vicente, 1 - Salgueiros, 0.

3.ª Divisão (apuramento dos finalistas do Nacional): Lousada, 4 - Esposende, 3 (Zona Norte); e União de Tomar, 0 - Montijo, 0.

As classificações estão assim ordenadas:

Zona Norte

	J	V	E	D	G	P
Lousada	2	2	-	-	7-3	4
Esposende	1	-	-	1	3-4	0
Anadia	1	-	-	1	0-3	0

Zona Sul

	J	V	E	D	G	P
U. Tomar	2	1	1	-	1-0	3
Montijo	1	-	1	-	0-0	1
S. Clara	1	-	-	1	0-1	0

Juniors (última fase do campeonato nacional): Sporting, 1 - Benfica, 3; e Porto, 4 - Guimarães, 1.

Classificação e próxima jornada:

	J	V	E	D	G	P
Porto	3	2	1	-	6-2	5
Benfica	3	2	1	-	4-1	5
Sporting	3	1	-	2	3-5	2
Guimarães	3	-	-	3	1-6	0

Quarta jornada (quinta-feira): Benfica - Guimarães; e Sporting - Porto.

Juvenis (campeonato nacional):

Zona 1: Guimarães - Viseu, 4-2; e Académica - Boavista, 1-1.

Classificação: 1.º Boavista, 10 pontos; 2.º Guimarães, 9; 3.º Académica, 4; e 4.º Viseu, 1.

Zona 2: Praiense - Braga, 0-3; e Porto - Leixões, 3-0.

Classificação: 1.º Porto, 12 pontos; 2.º Braga, 8; 3.º Leixões, 4; e 4.º Praiense, 0.

Zona 3: Sporting - Moscardide, 3-0; e Louletano - Marítimo, 2-1.

Classificação: 1.º Sporting, 9 pontos; 2.º Moscardide, 8; 3.º Marítimo, 4; e 4.º Louletano, 3.

Zona 4: Setúbal - Belenenses, 2-1; e Amadora - Benfica, 0-3.

Classificação: 1.º Benfica, 11 pontos; 2.º Setúbal, 9; 3.º Amadora, 4; e 4.º Belenenses, 0.

NÃO GUARDE PARA AMANHÃ
O QUE PODE PENSAR HOJE

Externato
Flor do Campo

Contacte-nos

Para garantir vaga
no próximo ano lectivo

Temos:

- Transporte próprio
- Infantil - Primário
- Ciclo Preparatório e Secundário
- Parque infantil e campo de futebol
- Música - Natação
- Ginástica



Aberto todo o ano
das 7 às 20h

Quinta da Carochia, Lt. 4 - B.º Bons Dias
Casal dos Apréstimos - 2675 ODIVELAS
☎ 932 74 22 - 931 54 63

TOTOBOLA

Como vai o Totobola

Itália - Áustria	1
URSS - Roménia	2
E. Árabes - Colúmbia	2
EUA - Checosl.	2
Brasil - Suécia	1
RFA - Jugosl.	1
Inglaterra - Irlanda	1
Bélgica - C. do Sul	1
Holanda - Egipto	1
Argentina - URSS	1
Uruguai - Espanha	1
Camarões - Roménia	1
Jugosl. - Colúmbia	1

A nossa aposta

n.º 24/90 21 de Junho

Suécia - Escócia	1
Inglaterra - Holanda	X
Bélgica - Uruguai	X
C. do Sul - Espanha	2
Irlanda - Egipto	1
Argentina - Roménia	1
Itália - Checosl.	1
Brasil - Escócia	1
Suécia - C. Rica	1
Bélgica - Espanha	2
C. do Sul - Uruguai	2
Inglaterra - Egipto	1
Irlanda - Holanda	2

TOTOLOTO

7 - 14 - 21 - 23 - 37 - 41 (40)

Previsões sobre o concurso desta semana do totoloto são as seguintes: 1.º prémio: 12/13 concorrentes cabendo a cada um cerca de 6000 contos; 2.º prémio: 25 a 27 (800 contos); 3.º prémio: 1300/1450 (40 mil escudos); 4.º prémio: 50 350/53 900 (1090\$00); 5.º prémio: 705 000/754 000 (123\$00).

AGENDA

I Série N.º 134
Dia 11 de Junho

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 422/90:

Homologa as condições de aprovisionamento ao Estado na área para fotocópia, para duplicadores a stencil, para impressão offset, para máquinas com sistema de escrita por impacto, para formulário contínuo e de papel higiénico.

Ministérios das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 423/90:

Altera o quadro de pessoal do Hospital Distrital de Bragança.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 424/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade dos Pintos» e anexas, situadas na freguesia e concelho de Fronteira.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 425/90:

Aprova o Regulamento da Formação Específica em Exercício dos Médicos da Carreira de Clínica Geral.

N.º 133
Dia 9 de Junho

SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 14/90:

Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 192/90:

Introduz alterações ao Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas.

Decreto-Lei n.º 193/90:

Adapta as carreiras do pessoal técnico de crédito público da Direcção-Geral da Junta de Crédito Público ao regime instituído pelo Decreto n.º 265/88, de 28 de Julho.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:

Torna público ter o Governo de Santa Lúcia depositado junto do Secretário-Geral das Nações Unidas, em 14 de Fevereiro de 1990, a notificação de sucessão à Convenção Relativa à Escravatura.

Torna público ter o Governo de Santa Lúcia depositado junto do Secretário-Geral das Nações Unidas, em 14 de Fevereiro de 1990, a notificação de sucessão à Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial.

Ministério da Educação

Portaria n.º 421/90:

Introduz, a título excepcional, para o concurso nacional de acesso ao ensino superior de 1990, uma bonificação destinada aos candidatos não colocados em anos anteriores.

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Céu pouco nublado temporariamente muito nublado, em especial durante a manhã no litoral Oeste e durante a tarde nas regiões do interior onde há possibilidade de trovoadas. Vento fraco e neblina durante a manhã.

Mar encrespado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação Sudeste de 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral Oeste e durante a tarde nas regiões do interior. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Possibilidade de trovoadas durante a tarde nas regiões do interior. Neblinas ou nevoeiros durante a madrugada e manhã.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado do Norte. Aguaceiros, especialmente nas vertentes viradas ao Norte. Pequena descida da temperatura.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Possibilidade de aguaceiros.

AÇORES

Grupo Ocidental
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco de Sul.

Grupo Central

Períodos de céu de muito nublado. Vento fraco.

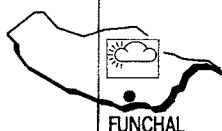
Grupo Oriental

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Noroeste.

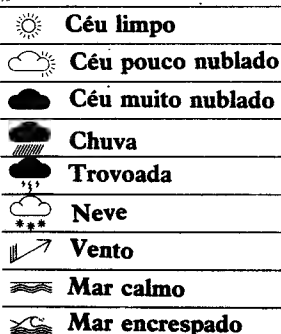
Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



FUNCHAL

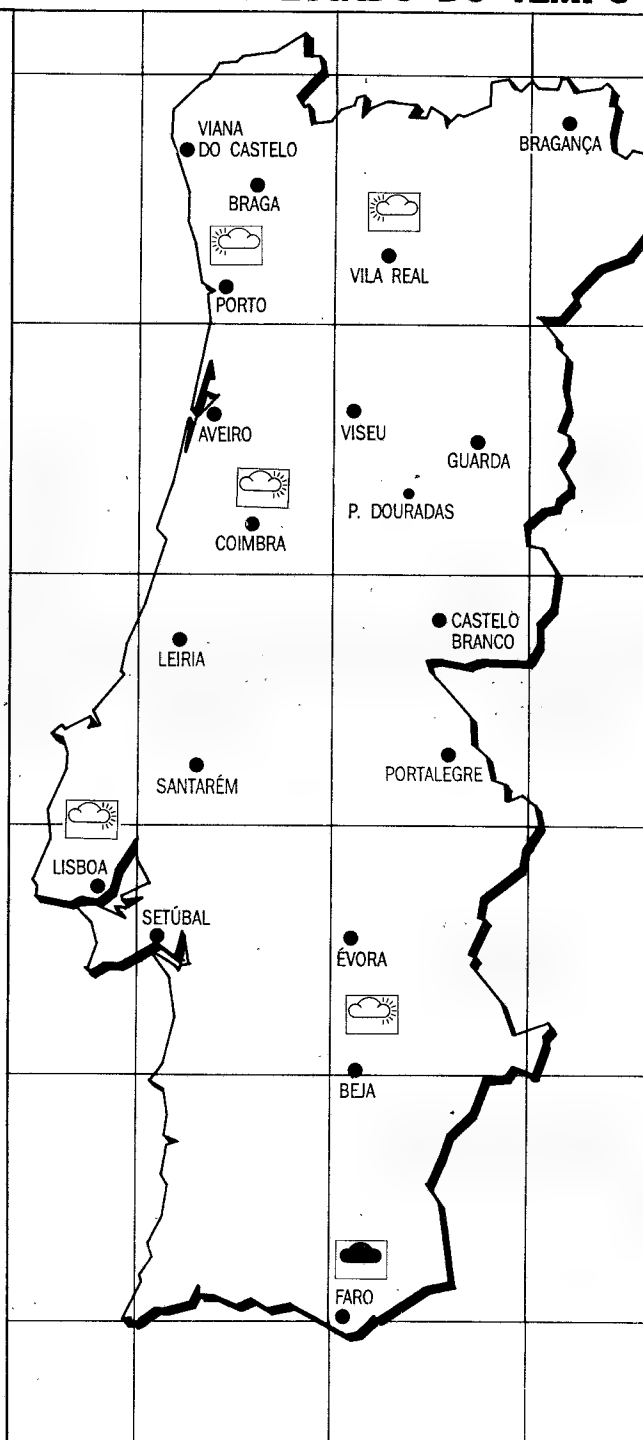


MAREZ

Hoje
PRELA-MAR 05.53 3,2m
BAIXA-MAR 11.12 0,9m
18.04 3,4m 23.41 0,8m

Amanhã
06.29 3,1m 11.51 1,0m
18.39 3,4m 00.22 0,9m

O ESTADO DO TEMPO



GRUPO OCIDENTAL

AÇORES GRUPO CENTRAL

HORTA

ANGRA DO HEROISMO

GRUPO ORIENTAL

PONTA DELGADA

PORTUGAL

Min. T. 6 h Às 18 h.

Bragança.....	13	13	P. nub.
V. Castelo.....	14	14	Neblina
Vila Real.....	13	13	Neblina
Porto.....	13	14	Neblina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	13	13	Neblina
C. Carvoeiro.....	16	16	Limpo
C. Branco.....	11	11	Neblina
Portalegre.....	12	13	Neblina
Lisboa.....	15	15	Neblina
Évora.....	14	15	Neblina
Beja.....	15	16	M. nub.
Faro.....	16	18	M. nub.
Sagres.....	17	18	Encoberto
P. Delgada.....	15	16	M. nub.
Horta.....	15	15	P. nub.
Funchal.....	16	16	P. nub.
Sines.....	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 22; Porto, 21; Faro, 23; P. Delgada, 21; Funchal, 22.

EUROPA

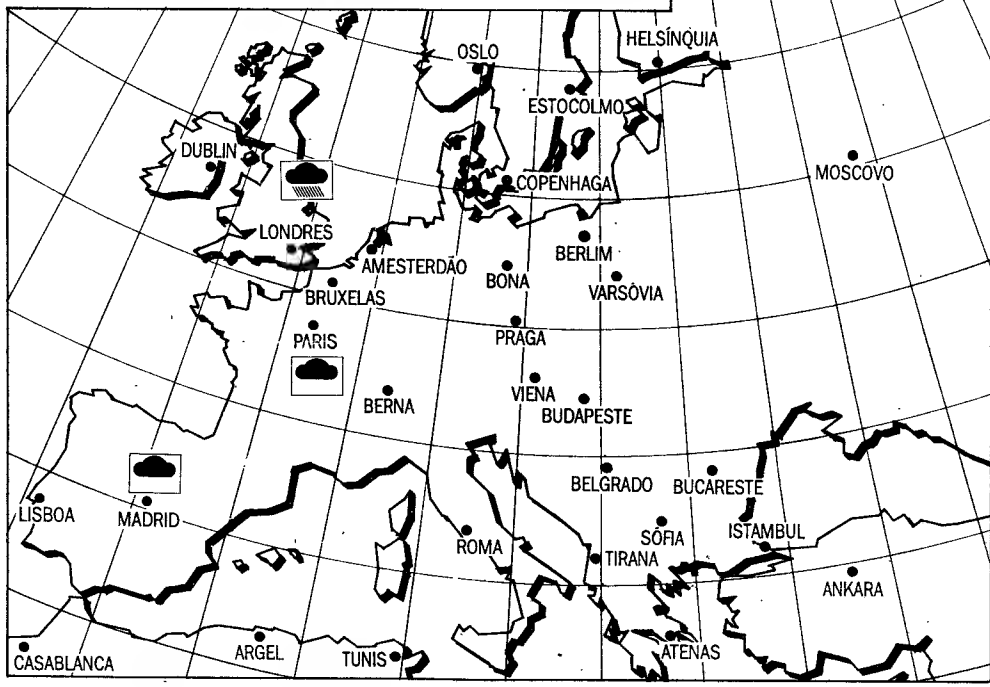
Min. T. 6 h Às 18 h

Madrid.....	16	17	M. nub.
Londres.....	12	12	M. nub.
Paris.....	10	12	M. nub.
Bruxelas.....	11	11	Chuvoso
Amsterdão.....	12	12	Chuva
Ginebra.....	5	9	P. nub.
Roma.....	-	-	-
Oslo.....	12	16	P. nub.
Copenhaga.....	15	18	M. nub.
Estocolmo.....	9	15	P. nub.
Berlim.....	13	13	Chuva
Viena.....	11	12	Chuva
Varsóvia.....	-	-	-
Atenas.....	-	-	-
Moscovo.....	-	-	-

MUNDO

Min. Máx. Às 13 h

Chicago.....	15	26	V. forte
Houston.....	24	34	Quente
Los Angeles.....	16	24	Limpo
Montreal.....	15	22	Chuva
Nova Iorque.....	18	30	Trovoada
S. Francisco.....	16	23	Encoberto
Toronto.....	13	24	Aguaceiros
Vancouver.....	9	16	Chuvosos
Washington.....	18	30	Trovoada
Hong Kong.....	24	28	Aguaceiros
Melbourne.....	7	18	Aguaceiros
Pequim.....	19	30	Encoberto
Perth.....	8	18	Encoberto
Singapura.....	26	32	Aguaceiros
Sydney.....	13	21	P. nub.
Tóquio.....	19	24	Chuva
Wellington.....	8	17	Encoberto



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alto Santo Amaro: Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29 A-B, Tel. 3637070; **Alvalade:** Brasília, Av. Rio de Janeiro, 66 -66-A, Tel. 882368; **Avenidas Novas:** Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A, Tel. 763107; **Bairro Azul:** Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A, Tel. 544000; **Baixa:** Barral, Rua Augusto, 225, Tel. 3461534; **Benfica - Atrás do Califa:** Rebocho, Rua Tenente Coronel Ribeiro Reis, 12-B (Calhariz), Tel. 743871; **Campo de Ourique:** Pinheiro, Rua Campo Ourique, 135, Tel. 686640; **Chelas - Colégio Valsassina:** Serra, Rua Luís Cristino da Silva, Lote 221, Loja 133 - Zona 2 - Chelas, Tel. 8593720; **F. Luminosa - Al. Af. Henriques:** Paes, Rua Abade Faria, 22-A, Tel. 883965; **Lumiar - Quinta do Lambert:** Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A, Tel. 7597432; **Rato:** São Mamede, Rua Escola Politécnica, 82-B, Tel. 660280; **Santos:** Fontoura Carvalho, Rua Santos-O-Velho, 12, Tel. 662075; **Brandosa - Amadora:** Correia, Urb. Alfofornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A - Loja E (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453; **Portela:** Paula de Campo, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alcântara: Probidade, Rua

Alcântara, 15, A-B, Tel. 363858; **Arco Cego - Estefânia:** Palma, Av. Duque D'Ávila, 25-31, Tel. 547088; **Av. Roma:** Avis, Av. Roma, 56 B-C, Tel. 895370; **Campolide - Sete Rios:** Nova, Rua Campolide, 297-C, Tel. 687475; **Infante Santo:** Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B, Tel. 666971; **Luz - Fr. Meninos da Luz:** Geny, Rua Cons. José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da Estrada da Luz, Tel. 7140342; **Olivais Sul:** Fernandes Borges, Rua D. Aleixo Corte Real, Lote 388, Cruz com a Rua Cidade Bolama, Tel. 311091; **Pedrouços:** Soc. Higilux, Rua Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; **Penha Franca - Bairro Colónias:** Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 8144361; **Picheleira:** Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16, Tel. 880703; **Santa Apolónia - Cam. Ferro:** Pereira Suc., Rua Paraíso, 98 - St.ª Clara - Hosp. Marinha, Tel. 863224; **Tivoli:** Moraes Sarmento, Rua Santa Marta, 16 A-B, Tel. 546490; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Almeida Niño, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-**

a-Velha: Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sas-soeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Permanente; **Igreja, P. Igreja,** 22-A, Tel. 4937740. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** Zeller, R. República, 83, Tel. 4350045. Permanente; **Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro,** 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA
BANDA

Almada: Reis, R. Com. Ant.º Feio, 19, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 229664. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45, Tel. 2071862. Permanente.

HÁ 20 ANOS


Mais de 500 mortos
na luta em Amã

A FPLP anuncia em Beirute que os combates começaram da manhã na capital jordana. «Banho de sangue em Amã» - escreve, por seu turno, «Le Jour», segundo o qual há mais de 500 mortos e milhares de feridos. «Em Amã, o caos é total» - noticia «L'Orient».

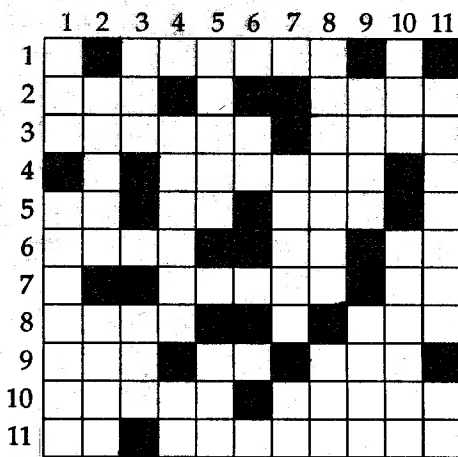
Schumann
em Lisboa

Para uma visita oficial de quatro dias ao nosso País, chegou a Lisboa, ao fim da manhã, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Maurice Schumann.

Remodelado
o Gabinete Nixon

O presidente Nixon procedeu a uma nova recomposição do seu Gabinete, substituindo o secretário do Trabalho, Schultz, por James Hodgson, que era o adjunto daquela pasta.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17 937

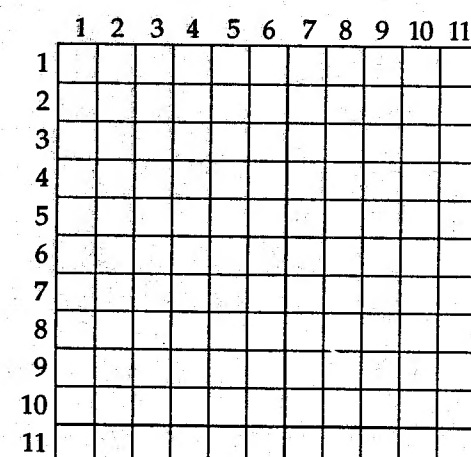
HORIZONTAIS:

- 1 - Artigo definido. Espécie de jogo popular.
- 2 - Czar da Rússia cognominado «O Terrível».
- 3 - Causa amuo a.
- 3 - Carimbada.
- Em mais alto grau.
- 4 - Imaginei (fig.).
- 5 - Duzentos em romano.
- Abreviatura de Santíssimo.
- Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
- 6 - Cantor entre os gregos.
- Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- Crômio (s.q.).
- 7 - Camponesa. Átomo.
- 8 - Fazei doação de. Anel.
- 9 - Passai. Mulo. Mulher chinesa da classe baixa.
- 10 - Grande beberão (pop.). Espiga.
- 11 - Brisa. Veneraram.

VERTICAIS:

- 1 - Suspiros. Nome de mulher.
- 2 - Triunfa de. Perfume.
- 3 - Prejuízo.
- Prefixo que designa ar.
- 4 - Esmoncai. Em a.
- 5 - Ilhargas. Madeira (abrev.).
- 6 - Prefixo de privação.
- Artigo definido.
- 7 - Varão. Grego.
- 8 - Meretriz. Arara.
- 9 - Em mais alto grau. Gaulês um dos melhores oradores latinos do século I.
- 10 - Cidade de Espanha.
- Padre.
- 11 - Astuto. Amónio (s.q.).

Resolveu
completamente
este problema?
Procure, agora em
segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 747

HORIZONTAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Penalva do Castelo.
- 2 - Mover os remos. Indignado.
- 3 - Amargo. Gomo (Prov.).
- 4 - Narração. Arara.
- 5 - Espádua.
- 6 - Estava. Domesticação.
- 7 - Tornei a ler. Nome de Buda, na China.
- 8 - Artéria. Prefixo de privação. Vila e concelho do distrito de Portalegre.
- 9 - Percorrer. A Tailândia.
- 10 - Sadio. Pronome pessoal.
- 11 - Manuscrito. Tomar sobre si.

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho e distrito de Braga.
- 2 - Move os remos. Liguem.
- 3 - Gostar muito. Charruas.
- 4 - Relata.
- 5 - Pinata têxtil do Ceará. Assusta.
- 6 - Subjugais.
- 7 - Oso malar. Manuscrito.
- 8 - Estava. Vagas.
- 9 - Insulto (fig.). Forma do verbo ser.
- 10 - Perfume. Aguça.
- 11 - Solitário. Esbelto.

SOLUÇÃO DO
PROBLEMA N.º 17 936

HORIZONTAIS: 1 - OS. FI-LHOS. 2 - Oaio. Ede. 3 - Selasse. Rol. 3 - Ares. Toso. 5 - Amara. 6 - Crimeia. PS. 7 - Ária. Pia. 8 - Iam. Traria. 9 - Ms. Ave. Casa. 10 - Eta. Assar. 11 - Lamas. Asais. **VERTICAIS:** 1 - SÃO. A. Mel. 2 - Soer. Crista. 3 - ALEGRIA. Am. 4 - Fias. Iama. 5 - Ios. Am. Väs. 6 - Sementes. 7 - Hee. Af. Sa. 8 - Trapaças. 9 - Seroa. Irara. 10 - DOS. PAIS. 11 - Meloas. Aans.

SOLUÇÃO DO
PROBLEMA N.º 16 746

HORIZONTAIS: 1 - Indona. Aves. 2 - Na. Ramos. Só. 3 - Ama. Iara. Cm. 4 - Comarca. Coa. 5 - Oral. Aal. 6 - Irradiar. 7 - Dás. Ido. 8 - Ro. Trairias. 9 - Asma. Moa. Um. 10 - Arco. Rara. 11 - Aura. Suaras. **VERTICAIS:** 1 - Ínaco. Rata. 2 - Namorados. 3 - Ama. Mar. 4 - Or. Alistara. 5 - Nair. 6 - Ameaç. aríamos. 7 - Ora. Adio. 8 - Asa. Adorara. 9 - Cai. Ar. 10 - Escola. Aura. 11 - Soma. Resmas.

PROVÉRBIO:
OS FILHOS
SÃO A ALEGRIA
DOS PAIS.

EFEMÉRIDES

1890

- É inaugurada a Estação Ferroviária do Rossio, em Lisboa.

1899

- É fundada a Assistência Nacional aos Tuberculosos, em Portugal.

1967

- Israel e a Síria acordam num cessar-fogo na guerra dos seis dias, enquanto as forças israelitas continuam a manter posições dentro do território sírio.

1971

- François Mitterrand e outros elementos socialistas franceses fundam o Partido Socialista Francês.

1979

- Morre o actor cinematográfico norte-americano John Wayne.

1984

- Morre Enrico Berlinguer, sec.-geral do Partido Comunista Italiano desde 1972, o maior partido comunista do Ocidente. O dirigente comunista sofrera um derrame cerebral, quando participava num comício em Pádua, no dia 7.

1985

- O filho de Josef Mengele, o mais procurado criminoso de guerra nazi, com paradeiro desconhecido, revela que o pai morrera perto de S. Paulo, no Brasil, há mais de seis anos.

1986

- Um bebé de 16 dias é submetido a uma transplantação cardíaca no Hospital da Universidade de Loma Linda, Califórnia, EUA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

A ILHA DO TESOURO
Filme de Fraser C. Heston
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
Filme de William Shatner
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
Filme de Barbet
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

O MEU TIO SOLTEIRO
Filme de John Hughes
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

TELHADOS DE NOVA YORK
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45 e 21.30

AMOREIRAS 7

CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
Filme de Clint Eastwood
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 10

UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys
M/6 anos - Às 15.30, e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
BELAS E CORRUPTAS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
OS GANSOS SELVAGENS
Filme de Andrew McLaglen
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
CURTO DE CIRCUITO 2
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
Filme de Uli Edel
M/18 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15



O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A TURMA DO SEXO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
JOGO DE MÃO
Filme de Monique Rutler, às 18.30
UMA IMAGEM
Às 21.30, seguida de
ENTRE DUAS GUERRAS,
ambos de Haroun Farocki

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA I

Est. de Benfica 503 - T. 7145088

UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00
e 21.15

AUDITÓRIO 2

TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
COBRA ATACA
Filme de George Erschbamer
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

DEZ CONVITES PARA A MORTE

M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcantara - T. 3631162
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
A ILHA DO TESOURO
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

TELHADOS DE NOVA YORK
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 325283
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA

M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
O CASAL FASCINANTE
Filme porno M/18 anos
Sessões continuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
COBRA ATACA
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO,
CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

ARMADILHA SENTIMENTAL
Filme de By Nicolas Roeg
M/18 anos - Às 15.00, 16.45,
18.30, 20.15 e 22.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NINGUÉM É SANTO
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

STAR TREK - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.15 e 21.15

SÃO JORGE 3

PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES
EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
CAÇADOR BRANCO,
CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

15.º JUÍZO CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA

2.ª SECÇÃO — Proc.º n.º
6733 — Autos de Carta
Precatória

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 12 do próximo mês de Julho de 1990, pelas 10h30, neste Tribunal há-de ser posto em 1.ª Praça para ser arrematado pelo maior lance oferecido, acima do indicado: 337 920\$00, o bem abaixo identificado, penhorado ao executado Joaquim Maria Alves, residente em Largo Carlos Paredes, n.º 6, r/c Esq.º — Reboreira — Amadora, nos autos de Carta Precatória para arrematação em hasta pública vinda do Tribunal Judicial da Comarca de Santarém e extraída dos autos de Execução Sumária, n.º 10/86-2.ª Juízo-2.ª Secção que lhe move Banco Nacional Ultramarino e a Alves & Alves Lda e a outros prosseguindo os autos a impulso do M.º P.º e de que é depositário o próprio executado Joaquim Maria Alves.

BEM A ARREMATAR

— Fração autónoma designada pela letra F correspondente ao 1.º andar esquerdo-frente, do prédio urbano constituído em regime de propriedade horizontal sito na Av.ª Dr. José Pontes n.º 23 lugar e freguesia da Reboreira, concelho de Amadora, composto de cave, r/c e primeiro e segundo andar e terceiro andar, confrontando do Norte com lote 11, sul com lote 13 nascente com Av.ª Dr. José Pontes e poente com Praceta Um, inscrito na matriz sob o art.º 3948 a fls. 75 do llvº B-13 com o valor matricial de 337 920\$00.

Consigna-se que há créditos reclamados pelo M.º P.º em representação da Fazenda Nacional no montante de esc.º 21 910\$00 e 13 graduados.

Lisboa, 31 de Maio de 1990

O JUIZ DE DIREITO
Flávio Joaquim Bogalhão do Casal
O Escrivão Adjunto
António Manuel A.P. Correia

DL - 1.ª Pub. — 11/6/90

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE
LISBOA

12.º JUÍZO
PROC. 8942
1.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

Por este Juízo e 1.ª Secção correm termos uns autos de Liquidação de Herança Jacente, registados sob o n.º 8942, que se procede por óbito de FRANCISCO VASCO DE MELO E CASTRO DE LIZ TEIXEIRA BICUDO DE MEDEIROS, com último domicílio na Rua Carlos Mardel, n.º 4 — 2.ª A, em Lisboa, que o Digno Magistrado do Ministério Público move contra incertos, correm editos de trinta dias, contados da publicação do segundo e último anúncio, citando os INTERESSADOS INCERTOS, para no prazo de vinte dias, findo que seja o dos editos, deduzirem, querendo, a sua habilitação nos termos e para os efeitos do disposto no Art.º 1132.º do Cod. Proc. Civil, na acção indicada e na qual o Autor pede que a mesma seja julgada procedente e provida e em consequência declarada vaga para o Estado os bens deixados no valor de 1.114 280\$00.

Lisboa, 30 de Maio de 1990

O Juiz de Direito
José Geraldes Pereira de Carvalho
A Escrivã Adjunta
Ana Maria Neves Leitão de O.
Borges

DL - 1.ª Pub. — 11/6/90

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA

15.º Juízo
ANÚNCIO

Execução SUMÁRIA (A Seguir Por Custas) N.º 7744, 3.ª Secção. EXEQUENTE LOCAPOR — C.ª Portuguesa de Locação Financeira Mobiliária, SA. EXECUTADO GEOVIA — CONSULTORIA OBRAS PÚBLICAS, com sede na Rua José Filipe Neto Rebelo, 10-A, 2503 — CALDAS DA RAINHA.

Por este Tribunal correm editos de vinte dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do Anúncio citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de dez dias posterior ao dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 11 de Maio de 1990

O Juiz de Direito
António Sousa Santos

Pel' O Escrivão de Direito,
Maria Patrocínio Salvador Lopes
Hermenegildo

DL — 1.ª Pub. — 11/6/90

CÂMARA DOS TÉCNICOS DE CONTAS

Constituída por escritura pública de 8 de Março de 1977
RUA DO LORETO, 16, 3.º — Dt.º
Telefs. 37 13 23 — 37 16 10 * 1200 LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

Convocatória

Nos termos do n.º 1 do artigo 16.º dos Estatutos, convoco a respectiva Assembleia Geral para reunir na nossa sede em sessão ordinária no próximo dia 27 de Junho, pelas 20 horas, para discussão e votação dos seguintes pontos:

1. Apresentação e aprovação do Relatório e Contas e Parecer do Conselho Fiscal, respeitantes ao exercício de 1989.
2. Eleição de Membros para os Órgãos Sociais da Câmara.

Não se encontrando presente à hora marcada o número de membros exigidos pelo n.º 1 do artigo 17.º, dos Estatutos, a Assembleia Geral reunirá uma hora depois com qualquer número de membros.

Lisboa, 6 de Junho de 1990

O Presidente da Assembleia Geral
Dr. João Gaspar Lopes Ribeiro

DL - 11/6/90

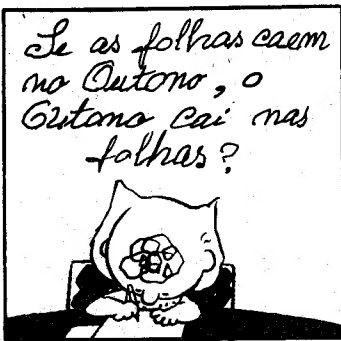
TRIBUNAL DO
TRABALHO DE
LOURES
ANÚNCIO

O Exm.º Sr. Dr. Guilherme Pires, Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho de Loures.

Faz saber que pela primeira sessão do Tribunal, do Trabalho de Loures, correm seus termos uns autos de Execução de Sentença n.º 194-A/88 em que são exequente Hortense Rosa da Ressurreição Sequeira e executada Luís Pedro Mendonça, Lda, com sede no lugar da Anália — Estrada Nacional n.º 10 — Santa Iria de Azóia — 2685 Sacavém, e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Loures, 01 de Junho de 1990
O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)
O Escrivão Judicial,
(Assinatura ilegível)
DL - 11/6/90 - 1.ª Pub.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.45 - CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL

Costa Rica-Escócia

17.50 - JUNTOS E AO VIVO

18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

25º episódio

19.05 - JOGO DE CARTAS

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA

20.05 - O TEMPO

20.10 - BOLETIM AGRÁRIO

20.15 - VALE TUDO

131º episódio

21.15 - CLUBE DE SUBSCRITORES

34º programa, com Maria Guinot

21.45 - A TV DE KURT OLSSON

22.40 - NOS BASTIDORES DA NOTÍCIA

1º episódio. A jornalista Anita Markham vai trabalhar para a TNC - um canal de televisão informativo - e vai seguir uma



«A Minha Irmã Kate», no 2º canal às 16.50



No 1º Canal às 22.40, o 1º episódio da série «Nos Bastidores da Notícia»

pista na Austrália sobre um político inglês há muito desaparecido e que fora acusado de assassinio. O repórter Sam Courtney vai fazer um trabalho sobre um motim na prisão e vê-se pessoalmente envolvido num cerco de grande escala. Lucy Trent é escolhida para acompanhar uma estrela do ténis americano que está a participar no torneio da TNC.

23.40 - 24 HORAS

00.10 - UM DIA COM...

00.15 - REMATE

RTP-2

16.30 - A BATALHA PELO PLANETA 4º episódio. No documentário de hoje, um agricultor americano e um especialista chinês irão abordar o problema da desertificação.

16.50 - A IRMÃ KATE 2º episódio

17.20 - VER OU NÃO VER OS MUSEUS DE PORTUGAL
17.45 - FORA DE HORAS
18.10 - TELEMERCADO
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.05 - ESPAÇO INFANTIL
19.30 - VIA RÁPIDA
19.45 - CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL

Inglaterra-Irlanda em directo. Poderoso a nível de clubes, o futebol inglês nunca conseguiu impor-se da mesma maneira através da sua selecção. Face à Irlanda, que disputa a sua primeira final na Taça do Mundo, a tarefa só aparentemente será fácil.

22.00 - JORNAL DAS NOVE

22.30 - TEATRO ESTRANGEIRO «Liberdade de Bramer», uma peça de Rainer Werner Fassbinder escrita em 1970, interpretada por Hanna Shygulla, Wolfgang Schenck, Wolfgang Kielling e Karl Hans Reuss. Produzida especialmente para televisão, a peça aborda a temática da

submissão da mulher, através dos problemas de um casal.

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA

AUDIMAX

TEL. 410 62 75

ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - PONTO POR PONTO
15.45 - CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL

Bélgica-Coreia do Sul

17.50 - BRINCA BRINCANDO

18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

19.05 - JOGO DE CARTAS

19.20 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA

20.05 - O TEMPO

20.10 - BOLETIM AGRÁRIO

20.15 - VALE TUDO

21.15 - CRÓNICA DO CRIME

22.15 - MARCHAS POPULARES DE LISBOA

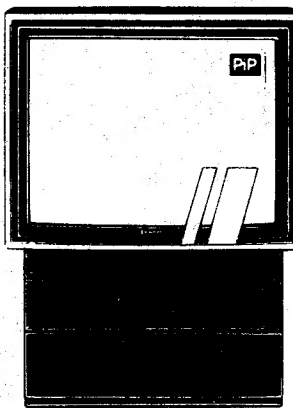
01.00 - 24 HORAS

01.30 - UM DIA

01.35 - REMATE

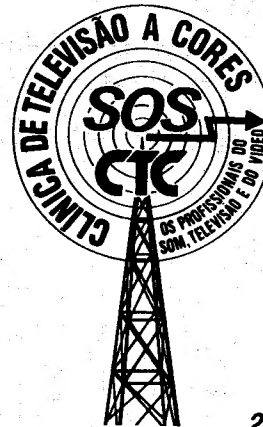
RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.35 - FILHOS E FILHAS
15.00 - AGORA ESCOLHA
16.20 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
16.45 - O MAR E AS SUPERSTIÇÕES
17.10 - O HOMEM NA MARGEM
18.10 - TELEMERCADO
18.25 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.05 - ESPAÇO INFANTIL
19.30 - VIA RÁPIDA
19.45 - ITÁLIA 90
Holanda-Egipto em directo
22.00 - JORNAL DAS NOVE
22.30 - CINEMAGAZINE
22.50 - CINEMADOIS
«O Caçador»

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã

27 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRONICA

Reparamos hoje em sua casa, o seu TV ou VÍDEO

Frota equipada com rádio-telefone para maior

RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

24 horas antedimento



899762 • 899826 • 8482786

Av. S. João de Deus, 13-B • R. de Macau, 8 Lisboa



«Quem se limita a defender que Portugal mantenha as fronteiras (...) parece que tem lepra»

Paulo Portas, «O Independente», 08.06.90

A PERGUNTA DO DIA



Francisco Silva Dias
presidente da Associação
de Arquitectos
Portugueses

Que apreciação lhe merece o anúncio, feito pelo secretário de Estado do Planeamento do Território, da próxima elaboração de um «pacote legislativo» que culminará com a apresentação de uma Lei de Bases do Ordenamento?

«A nossa posição é a seguinte: todos os esforços para acabar com o caos urbanístico são *ab initio*, bem recebidos. Por exemplo, o decreto-lei 69/90, publicado em Março, sendo fundamental, encerra lacunas perigosas. Não especifica, por exemplo, a qualificação dos técnicos encarregados de elaborar os planos. O Governo tem-nos habituado a um zigzaguar brusco da legislação. A lei anterior, tornava o Plano Director Municipal difícil de elaborar e desajustado. Esta é precisamente ao contrário. Nós defendemos a simplificação, mas não tanto. Aliás, rezeamos que, despidos da componente de desenvolvimento, estes planos venham a ter como única preocupação a ocupação do território.»

Terça-feira no

Diário de Lisboa

Marchas de Lisboa voltam à Avenida

Heróis: sondagem «DL»/Euroteste chega ao fim

A crónica de Umberto Eco

A PLAUSSA...

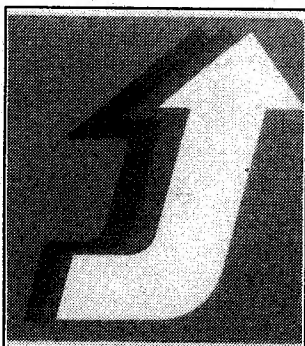
Hermínio Martinho, pela sua coragem em se candidatar à liderança do PRD. Ainda que alguns dos seus inimigos e opositores digam que o antigo dirigente renovador corre o risco de estar a candidatar-se à presidência da «Comissão Liquidatária» do seu partido face às grandes dificuldades que se avizinham com as eleições legislativas daqui a um ano, Martinho não se deixou abalar, tendo já tomado o seu lugar na corrida para a liderança do partido da Travessa do Fala Só. Parabéns pela sua determinação!



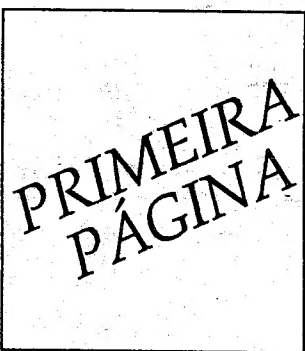
André Martins, pela sua dedicação à causa pública. O antigo deputado de «Os Verdes», que representou o povo na Assembleia da República apenas enquanto o ecologista eleito, Valente Fernandes, não se mostrou disponível, tomou de tal forma a sério a sua missão que não queria deixar os Passos Perdidos. Foi preciso a Comissão de Mandatos reunir e votar a sua substituição, para ele reconhecer que Valente Fernandes tinha de facto primazia parlamentar. Isto é que é dedicação...



& PATEADAS A...



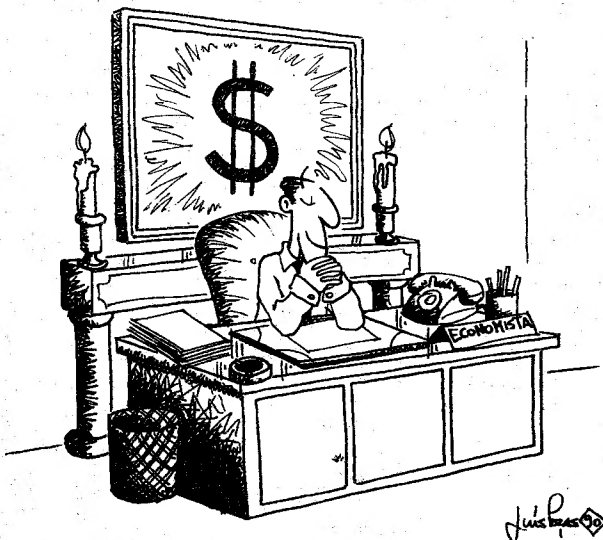
PSD, pela sua insistência na velha história dos pactos secretos. A primeira referência a um acordo desta natureza foi feita por Cavaco Silva, no Algarve, na altura em que o PS e o PCP anunciaram a sua candidatura conjunta à Câmara de Lisboa. A acusação de então era que comunistas e socialistas se tinham aliado secretamente. Jorge Sampaio não achou piada e ameaçou mesmo que levaria o primeiro-ministro a tribunal caso ele repetisse a «gracinha». Os sociais-democratas repetiram-na agora, assumindo-se, desta vez, como um dos subscritores do pacto. Será que ainda vamos ver Cavaco na barra do tribunal?



Fernando Maia Cerqueira, pela forma como abriu e fechou o documentário «Um crime sem castigo», dedicado ao assassinato de Humberto Delgado, e que foi exibido na última edição de «Primeira Página». Depois de tudo o que já foi dito sobre a morte do «general sem medo», depois da reportagem que acabava de transmitir, este jornalista terminou dizendo que ainda estava quase tudo por esclarecer acerca do crime. Parece que para Maia Cerqueira ainda não é totalmente certo que Delgado tenha sido morto pela PIDE. Ou não seria isso que ele queria dizer?

Deontologia e Ordem: objectivos imediatos dos economistas

Leia no



SUPLEMENTO DE
ECONOMIA

TERÇA-FEIRA



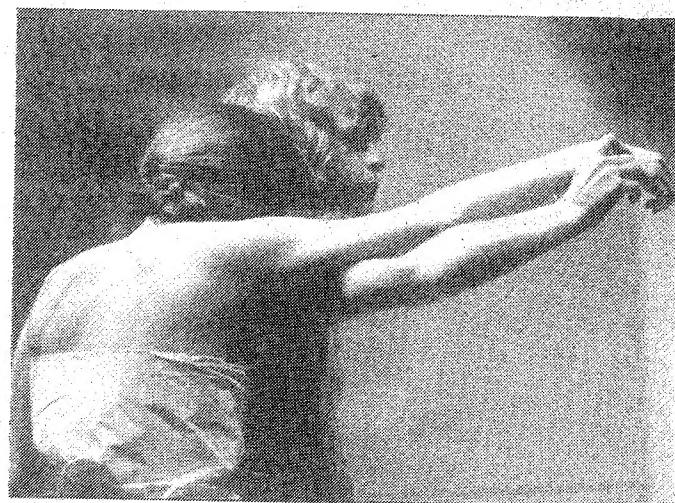
Mário entre os espelhos

«A última ilusão foi partir os espelhos», escreveu Mário de Sá-Carneiro há 75 anos e eu leio o verso hoje, aberto o livro de poesia ao acaso, por acaso na sala de espelhos; na sala dos espelhos, entre esplêndidas «salas ducais», mas dos duques, pós-duques e dos arquitectos doidos dos «salões ruídos».

O primeiro volume das obras completas de Sá-Carneiro foi lançado pelo Círculo de Leitores, no *Alcântara-Café*, ruazinha-travessa-beco nessa zona citadina poético-londrina-tijolo-industrial arqueológica, atravessada pela rua *Cozinha Económica* com um nome que pede à imaginação para procurar um referencial desvanecido.

Se o verso do poeta centenário (e a prosa, sobretudo *A Confissão de Lúcio*) quisesse ter um cenário, tecto, ambiente, música transformada em arquitectura, seria aqui o sítio ideal, neste café-restaurant de gosto requintado, de sinalização múltipla, de preciosa morfologia dos motivos, dos ângulos, da aplicação de objectos usuais numa escala diferente transmutada numa beleza nova. Imagino aqui, perfeitamente, o poeta com um «... amante loiro, o mais esbelto», enquanto uma mulher vestida à 1910 olhava através dos espelhos, o admirava e quisesse que ele a deixasse entrar na sua prosa.

Mário de Sá-Carneiro encontrou, pois,



o café, o restaurante, pede os papéis timbrados da casa e vai escrever um poema, um ideograma de melancolia patológica, acaba não acaba, e, se tiver um pouco de tempo antes da «abolição de tudo», há-de redigir uma carta a Fernando Pessoa, ao cuidado da firma onde o outro intermitente trabalha.

Jorge Listopad

A.M.A. *Auto Monumental do Alentejo*

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75